# Cinearte

ANNO V N. 235
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 27 DE AGOSTO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

Ruth Roland

É AGORA A OCCASIÃO

Durante um limitado espaço de tempo de comprar a Pepsodent a preços reduzidos e convencer-se do seu poder em destruir a pellicula escura e tornar-lhe os dentes de uma brancura deslumbrante.

---

André Luguet que havia seguido para Hollywood, afim de tomar parte num film da Metro-Goldwyn, acaba de assignar um contracto com a mesma marca. O seu proximo film será dirigido por Hal Roach. André Luguet, pretende fixar resistencia em Hollywood, tendo já feito seguir para lá, sua senhora e seus dois filhos.

* * *

"Cinépolis" será o titulo da versão hespanhola de "Elle veut faire du Cinéma". José Castelvi tomará conta do megaphone de Edmund Roze.

* * *

P. K. Holtchef, director do Theatro Nacional da Bulgaria, prepara um film mudo sobre a Terra.

* * *

Acaba de ser creada em Munich, uma secção local da "Liga Internacional do Film Independente". Hans Richter, presidiu a primeira sessão.

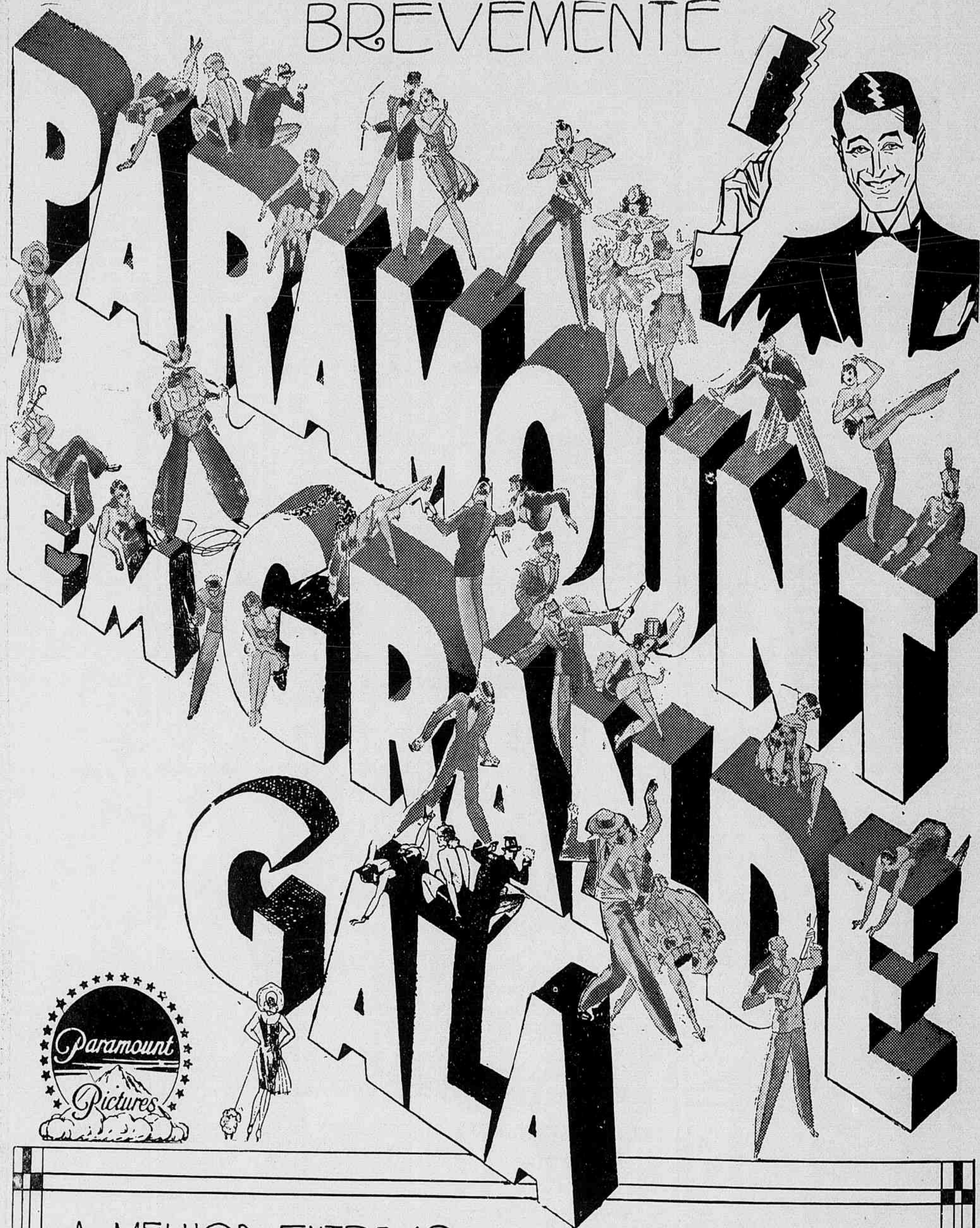
## "CORÔA"

Significando o "optimo", o "excellente", o "superior", tem toda a sua força de expressão tratando-se das famosas anilinas

## INDANTHREN

Quem adquira systematicamente tecidos tintos com esses corantes, nunca terá decepções e aborrecimentos; porque elles nunca desbotam; mantêm sempre a côr de quando novos. As fazendas e fios tintos com INDANTHREN são de insuperada fixidez e resistencia á luz, á chuva, á transpiração e ás repetidas lavagens.
Verifiquem a etiqueta que

**affirma e confirma que a cor é firme**

Casas onde já se acham á venda tecidos tintos com corantes INDANTHREN:
RIO DE JANEIRO: — Armazens Brasil, Casa Allemã, Casa Nunes e Parc Royal.
SÃO PAULO: — Casa Allemã e suas filiaes, Casa Lemcke e suas filiaes, Tapeçaria Germania, Tapeçaria Max, Tapeçaria Sul America e W. Dammenhain.

A MELHOR ENTRE AS MELHORES REVISTAS, COM

MAURICE CHEVALIER

APRESENTANDO-SE AO NOSSO PUBLICO COMO O "CABARETIER" DA PARAMOUNT

CINEARTE

*UMA NOITE EM CLARO, APAIXONADA... LELITA ROSA EM "LABIOS SEM BEIJOS" DA CINÉDIA.*

NESSA questão de direitos autoraes, que ora occupa a attenção dos legisladores, ha um ponto que precisa ser encarado com mais cuidado do que até aqui, porque envolve grandes interesses, os dispositivos actuaes roçando pelo absurdo. Não é materia propriamente cinematographica, mas que com ella se entrelaça hoje, principalmente por via do cinema sonoro. Cremos que, exemplificando a questão, se tornará mais facilmente comprehensivel.

X., compositor, faz uma peça musical qualquer.

Como a lei lhe faculta, leva essa peça ao registro, garantidor de sua propriedade intellectual. Convenientemente registrada, edita-a elle proprio ou confia a edição a um dos muitos estabelecimentos de musica.

Impressos os exemplares, são expostos á venda e ninguem mais, por isso que os direitos autoraes são propriedade de X., pode reimprimil-os. Assim está X. gosando de todas as vantagens de sua propriedade intellectual garantida pela lei.

Acontece que a composição é bôa, faz successo. Alguns milhares de exemplares são vendidos, produzindo essa venda farto e compensador resultado ao seu autor-proprietario.

Uma dessas empresas gravadoras de discos propõe-se a reproduzir a composição para o uso em machinas reproductoras do som. Não o póde fazer, porém, sem entrar em accordo com o autor, pagando-lhe os direitos ou comprando-lh'os para esse processo de divulgação.

Augmentam com isso os lucros do autor.

Se um outro quizer passar essa mesma composição para rolos proprios para pianos mecanicos, terá ainda que obter o consentimento do autor, pagando, já se vê.

Até ahi, muito bem.

Acontece, porém, que quem adquire um exemplar impresso, um disco, um rolo não o faz como colleccionador, para o fim de guardar essas peças em um museu.

Com a acquisição do exemplar impresso, gravado, ahi perfurado, adquire o particular tambem o direito de execução no instrumento de que faz uso, isso é o que o bom senso está indicando, porque, se tal não acontecesse, ninguem se abalançaria a fazer uma despesa só para fins de curiosidade.

Se esse direito não estivesse implicitamente ligado ao exemplar posto á venda correria o autor o risco de ter de ficar com a edição inteira em seu poder, postas fóra, em pura perda, as despesas da impressão. O que acontece com o particular, acontece com os conjunctos musicaes.

Se um pianista é contractado para tocar musicas de dansa em baile, privado ou publico, é bem de ver que executará as peças que estudou e fazem parte do seu repertorio. Para adquirir esse repertorio elle teve de estudar e de adquirir as composições musicadas de autores varios. Pagou os exemplares impressos, satisfazendo com isso os direitos autoraes. Se lhe tolherem, porém, o direito de executar essas composições sem um novo pagamento, *pela execução*, ao autor, que diabo de direito adquiriu elle com o dispendio a que foi obrigado? A execução é delle, é a sua contribuição, é o seu esforço, é o seu trabalho, o lucro, pois; por elle auferido deve pertencer-lhe exclusivamente.

Quanto temos dito é claro que se refere apenas á musica ligeira que se reproduz, mal concebida, em milhares e milhares de exemplares que se vendem por todo o paiz, embora muita vez o autor venha a morrer de fome, como o mallogrado *Sinhô*, ao passo que os seus editores enriqueciam com os seus sambas.

Ha por ahi uma tendencia abusiva a prohibir a execução de taes peças pelos conjunctos musicaes, e até individualmente, desde que seja essa execução realizada com fins de lucros. Como, porém, o profissional poderá exercer a sua profissão se a lei lhe tolher o direito de reproduzir no seu instrumento a peça musical do que já pagou o exemplar impresso, compensado com essa compra os direitos de sua autoria?

As leis Xavier Marques e Getulio Vargas, ora em vigor, são as compendiadoras de dispositivos que, applicados a rigor, conduzem a innominaveis absurdos. Esse um dos aspectos da lei de direitos autoraes que deve merecer a attenção do legislador. E parece-nos ser occasião dos interessados se moverem para evitar prejuizos futuros.



ANNO V
NUMERO 235
27 — AGOSTO
— 1930 —

*Yaro D'Azil e Ubi Alvorado em "Piloto 13" da Sul America Film.*

O anno passado, viu, produzidos e lançados o 10 dos seus films, a saber: — "Revelação", "Veneno Branco", "Sangue Mineiro", "Symphonia da Floresta", "Piloto 13", "Emquanto S. Paulo Dorme", "São Paulo, a Symphonia da Metropole", "Bohemios", "Acabaram-se os Otarios" e "Escrava Isaura". Neste anno, a nossa producção já consta de dezesete films que são os que se seguem: — "Eufemia", "Labios sem Beijos", "Mysterio do Dominó Preto", "A's Armas!", "Rosas de Nossa Senhora", "Destino das Rosas", "No Scenario da Vida", "Messaline", "Fraguimentos da vida", "Lua de Mel", "Meu Primeiro Amor", "Parallelos da Vida", "Limite", "Perante Deus", "Degraos da Vida", "O Preço de um Prazer" e "Iracema". Como vêm, augmento de producção e, sem duvida, infinitas esperanças de radicaes melhoras em toda a producção Brasileira.

A PRODUCÇÃO DA BELLO RIZONTE FILM

"Calvario de Dolores", da Bellorizonte Film, passou a chamar-se "Perante Deus" e a sua filmagem já se acha bem adiantada, sob a direcção de J. Silva. Todas as scenas externas já estão terminadas. As internas, vão ser agora iniciadas com uma admiravel bateria de reflectores recentemente adquiridos pela Companhia. Esperamos que, agora, esta nova iniciativa de Bello Horizonte, se revista de todos os elementos e factores para que se estabilize, para sempre, o Cinema em nossa terra, tão necessario para todos nós, sob varios e os mais diversos aspectos.

*Gina Cavalliere, Clara Amaro e Esperança de Barros em "Parallelos da Vida" da Aurora-Film.*

*Ernani Augusto e Claudio Navarro.*

# Cinema

UMA COMMUNICAÇÃO DA CINÉDIA

Têm-se apresentado "Cinédia", uma infinidade de pretendentes para os proximos films. No emtanto, nem todos têm seguido a forma necessaria. Porque, procurando a redacção de "Cinearte", não estão seguindo o caminho certo. Devem, primeiramente, enviar photographias, em duas poses, de preferencia, com os nomes e endereços e, depois, aguardar os chamados. Porque, sendo aqui residentes, os candidatos fatalmente encontrarão opportunidades. Neste ou naquelle film, sempre haverá um ou outro papel. E, assim, não adianta de nada a insistencia com que alguns, têm agido. A "Cinédia", segundo nos informa o seu director de producção, ainda continúa necessitada de diversos typos para os principaes papeis dos seus proximos films. E, assim, receberá, com muito prazer; todas as offertas de photographias e vontades que se façam á ella. Os elementos do interior e de outros Estados, geralmente, pelas difficuldades de locomoção, nem sempre são os preferidos. Só em caso de se tratar de um typo excepcional. Mas os que aqui residem, podem confiar nas suas opportunidades e, os que ainda não enviaram, podem enviar; quando desejem, seus photos.

Serão pelo menos, aproveitados como figurantes, constituindo aliás a melhor opportunidade para demonstrar as suas aptidões e dotes de photogenia.

IRACEMA, DA METROPOLE

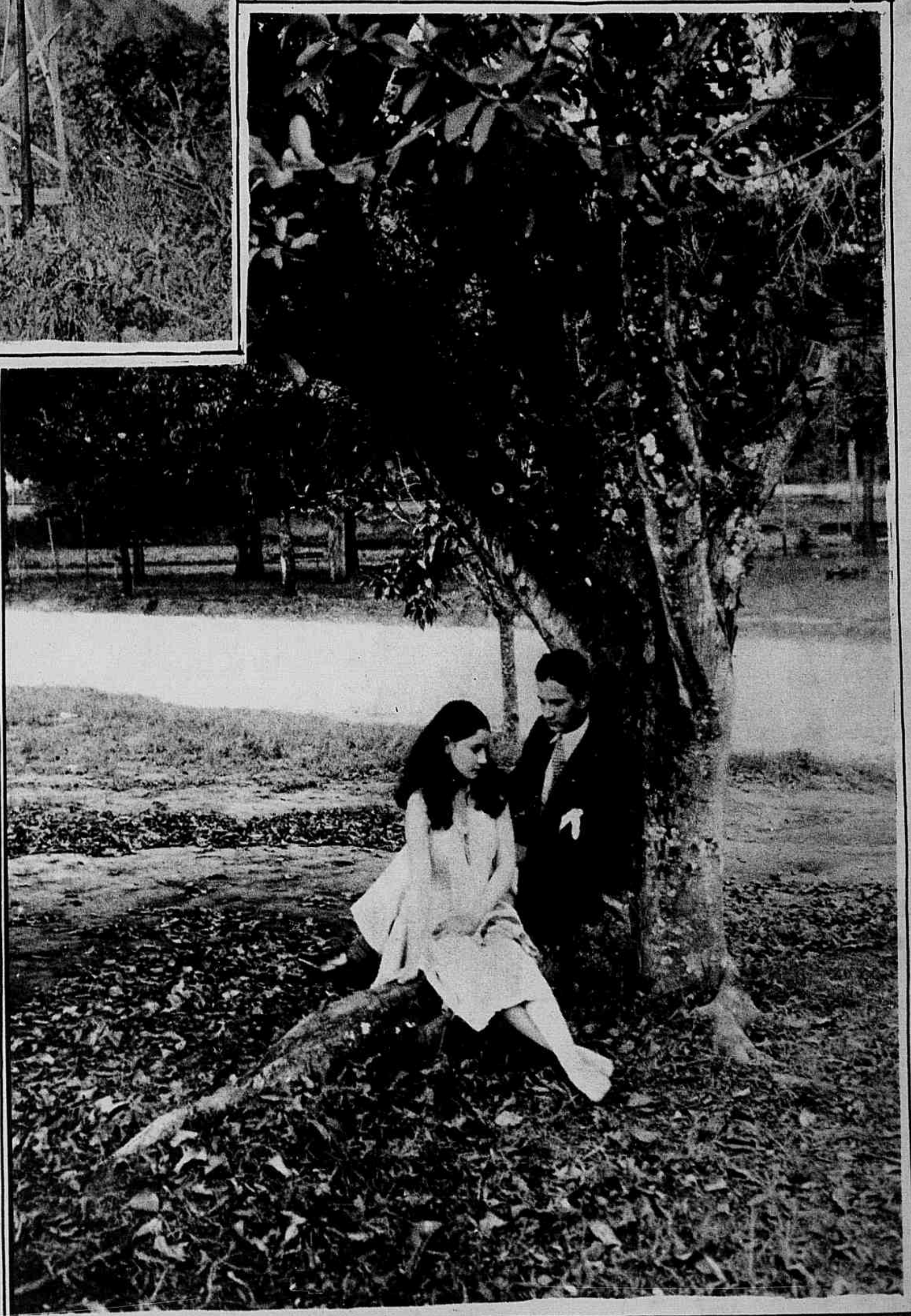
"Iracema", romance de Alencar, que Isaac Saidenberg está produzindo, e

*Filmando uma scena de "Limite", producção dirigida por MARIO PEIXOTO.*

mada em Saint-Chamond, Assailly, Homécourt e Rombas. Está actualmente fazendo um film de pouca metragem, em Draveil, onde o mais moço interprete tem 3 annos de idade e o mais velho, 6.

L. Wion, na sua producção "Princes de la cravache", apresenta tambem como artistas da mesma, os jockeys: Bedeloup, Loiseau, Bonaventure Niaudot e outros, ao lado dos conhecidos artistas: André Nox, Suzanne Bianchetti, Ch. Baret e Michéle Wagner.

A "Societé d'Économie Nationale" que tomou a iniciativa de organizar em 1929, "A semana do cinema francez", apresentou em 3 de Junho p. passado, "Une journée du cinéma parlant", presidida por Lucien Romier. Esta manifestação teve por fim, fazer conhecer duma maneira objectiva aos financeiros e industriaes, a situação do do Cinema francez e estrangeiro, depois do surgimento dos films sonoros e falados.

A Hungria tambem está fazendo films sonoros. O primeiro, "Notaskapitain", tem como principaes interpretes: Gitta Alpar e Ernest Verebes.

*Uma scena de "Perante Deus" da Bellorizonte-Film.*

que terá, provavelmente, Ronaldo Alencar; no principal papel masculino, já tem seus projectos bastante adiantados. Consta que o governo de Matto Grosso auxiliará este emprehendimento, facilitando, para tanto; meios de transporte e demais detalhes imprescindiveis que são, sem duvida, factor importante para a perfeição technica deste trabalho.

E' intuito da Metropole apresentar a maior authencidade possivel nas scenas dos indios, emprestando ao film todo o capricho que emprestou a "Escrava Isaura".

Deve-se esperar um bom film, ainda que seja desconhecido o nome do director do mesmo, sob responsabilidade do qual estarão os successos futuros do film.

O film "Piloto 13" da Sul America Film, acha-se no Rio e vae ser distribuido pelo "Programma Leader" que no Rio representa o "Programma Alpha".

Marcelle Chantal será o nome que Marcelle Jefferson-Cohn apparecerá desempenhando o principal papel no film "Le secret du docteur"; film todo falado em francez, que está sendo feito nos Studios da Paramount, em Joinville.

Gabriel Negrier que dirigiu 'Séville", acaba de terminar sua nova producção "L'Acier", fil-

# Brasileiro

ANTIGAMENTE, a musica e o Cinema já eram artes irmãs. Hoje, são gemeas. A photographia animada precisa da melodia synchronizada. E a melodia, para viver melhor, carece da vida que lhe dá o Cinema.

As más orchestras e os peores maestros, de antigamente, eram a ruina de muitos films. Pela absoluta falta de criterio com que seleccionavam as melodias que deviam seguir de perto as scenas de um film. E uma dos que podemos resalvar é a orchestra que o maestro Alberto Lazzolli, de São Paulo, manteve no Paramount e, depois, no Pedro II. Confessamos jamais ter apreciado qualquer cousa, nesse genero, que se approximasse, mais ao menos, á uma perfeita comprehensão musical.

Por isso é que, frequentemente, os films, nos arrabaldes, decresciam, invariavelmente, de 20% do seu valor e, nos grandes Cinemas, mesmo, 5%. Porque se, ao contrario, tivessem uma musica bem adaptada. Augmentariam de 20% de interesse, em vez de diminuir. E, assim, é uma das razões de hoje abençoarmos o Cinema synchronizado. Porque elle, ao menos, traz a musica perfeita. Cada nota corresponde ao menor quadro em projecções. E, assim, é invariavelmente correcta a adaptação musical que acompanha um film.

E' verdade que o americano, nem sempre, arranja, para seus films, musicas de facto. A maioria da sua melodia, é popular. Mas, quando criticarmos isto, nelles, temos que nos lembrar de que além da questão dos direitos auctoraes elles fazem musica, como fazem automoveis, machinas de escrever e films: para o gosto do publico. Mais commerciaes do que qualquer outra cousa. Sabem elles, perfeitamente, que, se puzerem só classicos, acompanhando seus films, naufragarão. E comprehendem, igualmente, que, dosando e carregando pelo lado do publico. Conseguirão, fatalmente, o agrado de 80% da turba. Os restantes 20, quasi sempre não alteram a ordem dos factores...

Ahi está porque é que, ultimamente, temos ouvido tanta musica ruim. Tanta orchestra sem gosto. Tanto cataclysma musical...

Lembramo-nos, perfeitamente, do que foi a adaptação musical de *Anjo Peccador*. Musica tão prodigiosa quanto o film. Exacta. Infallivel. Soberba. Unica! Lembramo-nos, igualmente, do que foram as adaptações musicaes de *Deus Branco, O Pagão* e *Redempção*, recentemente. E comprehendemos, realmente, que na maioria são más, as melodias, não lhes cabe a culpa. Porque, afinal, é o proprio publico que incensa e anima os máos compositores a continuarem com suas detestaveis composições...

Ao lado de muita musica de 3ª. cathegoria, o americano tem, innegavelmente, offerecido cousas notaveis. E produzem cousas notaveis, porque na musica, como em todas as artes, o americano é commercial.

Vejamos. O Cinema russo, por exemplo, tinha um director que era considerado, lá, o melhor. Chama-se elle, Eisenstein. Pois bem. Está em Hollywood e figura nas folhas de pagamento da Paramount.

O mesmo já se deu com Ernst Lubitsch, Ludwig Berger, Paul L. Stein, Lothar Mendes, da Allemanha. Josef Von Sternberg, da Austria, Alexander Korda, da Hungria e ainda muitos e muitos outros.

Karl Freund, da Allemanha, era tido, lá, como o melhor dos operadores. Agora, está nos Estados Unidos e é figura das mais importantes entre os technicos da *Technicolor*.

Já para não citar casos de Greta Garbos, Olga Baclanovas, Maurice Chevaliers, Emil Jannings, Clive Brooks, George Arliss, e, assim, por diante, muitos e muitos inglezes, allemães, francezes, etc., que de differentes pontos do mundo. Com gordos contractos. Vêm, para os Estados Unidos, afim de fazerem films *norte-americanos*...

Na musica, então, a canção do yankee é decisiva. Lá estão, quasi que exclusivamente, porque se permanecem dois mezes em Paris e em Berlim, ficam, em compensação, os restantes em New York ou espalhados pelos differentes pontos principaes dos Estados Unidos.

Lá estão Pablo Casals, celebre violoncelista. Jascha Heifetz, violinista. Ignace Jean Paderewski, pianista. Sergei Rachmaninoff, pianista e compositor de fama mundial. Alfred Cortod, Mischa Elman, Leopold Godowski, Ignace Friedman, fóra orchestras como a de Leopold Stokowski, a de William Mengelberg ou a de Alfred Hertz. Ainda estão lá, tambem, tenores e sopranos. Barytonos e baixos. Elencos e mais elencos que, aqui, apparecem occasionalmente, de 10 em 10 annos, como o recente caso de Tita Ruffo e Tito Schipa. Lá residem, a maior parte do anno. Fóra dansarinos celebres, como Andreas Pawley, Sergei Ouchraynski. Pawlova e muitos e muitos outros.

Assim é em tudo. Com o dinheiro, motivo pelo qual os chamam de *novos-ricos*. Vão conseguindo o que ha de melhor em todos os ramos, em todos os generos. E, com isto, vão educando, igualmente, o espirito do seu publico. Pelas infinitas estações de radio que possuem. Pelas orchestras e seus concertos publicos, como o caso do *Hollywood Bowl*, que se enche de milhares de pessoas, para ouvir uma orchestra executar symphonias completas de Beethoven. E gente que vibra e sente. E chora, mesmo... Sómente ouvindo as melodias maravilhosas dos grandes mestres. Executadas por outros verdadeiros mestres. E, ainda, pela infinita qualidade de bôa musica que se infiltra por todos os póros para a alma e cultura do povo yankee.

Ainda ha pouco, o correspondente de CINEARTE em New York, Marques Hill, nos enviou uma reportagem interessantissima sobre o combate que lá se offerece á musica mechanica. Isto, no emtanto, não quer dizer que o combate se refira apenas a musica em discos ou ao Cinema musicado. Musica mechanica, na extensão do que elles querem dizer, é a musica popular, por demais espalhada e que, offerecida em tão grande dose, como, de facto, recentemente os films têm offerecido, causa, realmente, um disvirtuamento intenso do bom gosto musical das audiencias Cinematographicas. As maiores, nos Estados Unidos e em todas as partes do mundo aliás.

E' bem por isso que não somos dos que crêm que a situação, para os yankees, continuem sempre na mesma. Não agem precipitadamente e nem o fazem sem conhecimento de causa. Os productores de films yankees, sabem, melhor do que ninguem, o que são os horrores que estão produzindo e os terrores que estão gravando, para synchronizar seus films. Mas, ainda nisto, estão sendo commerciaes. Porque, é logico, departamento musical, as fabricas não tinham tão perfeitos quantos agora são necessarios. E, assim, emquanto se organizam, como em tudo se organizam, vão deixando sahir essa quantidade exagerada de musica pagã. Depois de organizados, realmente, como já o estão, quasi, ahi, então, é ter a certeza de que começarão a mandar 10 films esplendidamente musicados. Para um soffrivelmente feito. E isto, com o tempo, será cada vez melhorado.

Assim, não é nada de mais censurar essa quantidade furiosa de musica de *jazz* que nos tem vindo. Pela mesma razão que não é nada de mais censurar essa quantidade terrivel de máos films que têm sido exhibidos, ultimamente.

Quem assistiu, a semana passada, *Rei Vagabundo* e, logo depois, *Rio Rita*. Ha de ter notado, por força, a differença deslumbrante de uma para outra partitura. A de *Rio Rita*, Tierney e Mc Carthy, é pura musica de jazz. Alguma bôa e, outras, menos do que soffriveis. E a de *Rei Vagabundo*, de Friml. Que, se não é um Schubert ou um Chopin. E' no emtanto, dos mais interessantes compositores de musica ligeira e moderna. E' toda ella suave, bonita e *heartouching*. E' só ouvil-as. Ainda que a de Friml, na extensão da palavra, não seja a mais perfeita. E', assim mesmo, uma das melhores que temos ouvido. E, os dois films, exhibidos assim simultaneamente, podem provar, aos que os ouçam, qual é a differença entre as musicas que acabamos de citar.

Os yankees vão melhorar, devemos estar certo disso. Não precisam empregar o classico genuino para agradar. Entre os compositores de musicas sentimentaes, semi-classicas, se o quizerem, muitos existem de real merito e que podem em muito auxiliar essa reforma imprescindivel dos processos musicaes dos films norte-americanos.

—oOo—

Agora, vamos á um pouco de *cocktail*

(Termina no fim do numero).

# Continua Galante!

*RODOLPHO FOI DE CAMPINAS A HOLLYWOOD.*

*A SUA DANSA EM "PARISIAN NIGHTS"*

*APRECIO A SUA MODESTIA E A SUA DANSA... EM HOLLYWOOD!*

## Rodolpho Galante

# FUTURAS

*"Back Pay" com Corinne Griffith e Montagu Love.*

THE BIG HOUSE (M G M) — Argumento de Frances Marion, basea-se, todo elle, nas revoltas occorridas em penitenciarias do Paiz, ha pouco tempo passado. E' um film poderoso e psychologicamente analytico, quanto ás vidas do interior de uma prisão. As tres figuras centraes, são "Kent Marlowe" (Robert Montgomery), condemnado por assassinato, quando conduzia bebado um automovel. "Butch" (Wallace Beery), um animal assassino, com mais musculos do que miólos e "Morgan" (Chester Morris), ladrão "gentleman" que se perde de amores por Leila Hyams, a irmã de "Marlowe". E, afinal, aquelle que, na historia toda, se torna o mais sympathico. O resto do elenco, reune Lewis Stone, George Marion, De Witt Jennings e Karl Dane. O film é uma diversão das mais fortes e das mais bem feitas que até hoje já viu.

HOLIDAY (Pathé) — Ann Harding, artista de theatro, que a Pathé trouxe para os films. Consegue, afinal, depois de algumas tentativas infructiferas, nos "talkies", alguma cousa que, realmente, está á altura do seu indiscutivel talento. Deram-lhe um papel emocionantissimo e ella se sente perfeitamente á vontade dentro delle. No papel de "Linda Seton", a filha de um millionario, que se sente revoltadissima contra as grades de ouro da gaiola de attitudes sociaes na qual se acha presa, Anna está admiravel. Um elenco fóra do commum, auxilia-a immenso. Mary Astor, no papel de sua irmã, uma irmã fria e sem alma, quasi rouba o film. Se Ann Harding não se defende valentemente, o film era de Mary Astor. Robert Ames, Monroe Owsley, William Holden e Edward Everett Horton, caras theatraes estragam a paysagem. Uma excellente alta comedia, com tons de tragedia e clarões ligeirissimos de comedia. Os lances tragicos do film, no emtanto, garantimos que são os mais perfeitos que já vimos num film. Uma victoria para Ann Harding e outra para Mr. "Mike"...

WITH BYRD AT THE SOUTH POLE (Paramount) — Um film que o fará orgulhoso da humanidade! Documentario, mas interessantissimo. Aventuras dantescas, no Polo Sul e cousas admiravelmente bem photographadas e gravadas.

ROMANCE (M G M) — A palavra quente e doce: "Romance". Greta Garbo a tomou toda para si e, com ella, apresenta uma caracterização que é a mais perfeita de quantas já fez, em sua vida. Ainda que você não seja um admirador de Greta Garbo, você apreciará "Rita Cavallini", a cantatora de famá mundial, na concepção artistica de Greta Garbo, nesta versão falada do grande assumpto de Sheldon. Não é preciso comparar a "Rita" das outras versões, á esta. Para que? Achar Greta Garbo melhor do que Doris Keane, por exemplo, que criou o papel, é funcção simples do proprio publico. E' uma questão de opinião. Nós, por exemplo, achamos Greta Garbo mil vezes melhor... O desempenho de Greta Garbo, neste film, é a cousa mais linda que o Cinema já teve. Lewis Stone, como seu protector mais assiduo, tem tanto de cavalheiro quanto de malicioso... Um artista de menos experiencia do que elle, traria ridiculo á este papel. Stone, no emtanto, fal-o sympathicamente, admiravelmente. A critica, no emtanto, tem que fazer uma pequena parada de descanço ao chegar o

*Rod La Rocque e Norma Shearer em "Let Us Be Gay".*

trabalho de Gavin Gordon para commentar. Este novo galã, ainda que sympathico e de excellente voz, interpretou o seu papel com muito pouca vida e com quasi nenhum sentimento. Custa-se a crer, mesmo, que "Rita Cavallini" se deixasse apaixonar tanto por um homem tão pouco amoroso, tão pouco sentimental... E' um grande film, no emtanto. Um film que arrancará, das platéas, profundas emoções. E nada se poupou para o fazer photographica e audi-graphicamente perfeito.

THE UNHOLLY THREE (M G M) — A cousa mais importante deste film, é a voz de Lon Chaney. Justamente aquella que todos nós pensavamos que elle tivesse: profunda, vibrante, perfeita. Os admiradores de Chaney, esperaram, sem duvida, com ansiedade, o seu primeiro film falado. E, além disso, a versão silenciosa de "The Unholly Three" (Trindade Maldicta), fôra, em tempos, um dos melhores films delle mesmo. No papel do sinistro ventrilocquo, Chaney apresenta cinco vozes. Taes como a do "barker", do ventrilocquo, do boneco, e da mulher que elle proprio vive em algumas sequencias. E, para terminar, a immitação do papagaio. E elle, realmente, fez tudo isto. Não usou "doubles" e nem estranhos, não. Mas a voz que mais satisfaz, é a sua, mesmo. Um excellente elenco e uma soberba direcção, de Jack Conway, elevam mais ainda o film. Aventuras e surpresas.

GRUMPY (Paramount) — Mais uma versão falada de um successo theatral e, ainda, refilmagem de uma versão silenciosa. Excellente diversão. "Grumpy", para muitos, nada mais será do que um film de sentimentalismos exaggerados e tolos. No emtanto, a caracterização de Cyril Maude, é digna de se ver. E' uma das que elle fez no paldo, diversas vezes. Phillips Holmes é o segundo cotado, do elenco. Assistam. (Aqui entre nós: vocês fazem fé em Cyril Maude e em peças theatraes feitas films falados?...)

HELL'S ANGELS (United Artists) — E' este o film que levou tres annos para ser feito. E' formidavel, em certos trechos, pelos seus ousadissimos apanhados de machina. Ben Lyon e James Hall, como irmãos, esplendidos. Jean Harlow, artista nova, luta desesperadamente pelo successo ingrato do seu antipathico papel. O restante do elenco é bom. Mas... Convem não confundir: "Hell's Angels" é digno de ser visto. Mas não mereceu, francamente, os 4 milhões de dollares que consumiu na sua confecção...

QUEEN HIGH (Paramount) — Comedia musical de grande successo. Risadas em penca. Garotas bonitas e melodias agradaveis. Charles Ruggles, Ginger Rogers e Frank Morgan, no elenco. Francamente...

LET US BE GAY (M G M) — Um drama malicioso que é um espledido segundo episodio de "The Divorcee". Feia, no principio, por causa das exigencias do papel. Norma Shearer faz-se mais linda do que nunca, depois, quando se transforma. E que artista soberba que ella é! Marie Dressler, em mais um esplendido papel, apparece. Rod La Rocque e Gilbert Emery, têm papeis importantes. Depois deste, Norma, emquanto fôr esperar madame Cegonha, não deve temer que o publico a esqueça...

THE TOAST OF THE LEGION (First National) — "Mademoiselle Modiste", que Corinne Griffith, ha annos, já fez em film silencioso e, tambem que como operetta, já aguenta cinco annos de exhibições constantes, pelos palcos americanos, attinge, afinal, o Cinema falado. "Kiss me Again", a soberba melodia. Quadros de technicolor perfeito. Bôas vozes. Disfarçam a monotonia quasi geral do film. Bernice Claire, Walter Pidgeon, June Collyer e Edward Everett Horton, completam o elenco.

SO THIS IS LONDON (Fox) — Will Rogers perde-se entre inglezes. Ha aventuras inglezas, passada na propria Inglaterra. Will Rogers, que tambem tem descendencia ingleza, faz um americano inglezado, nesta comedia mais do que ingleza... Ha um romance de amor, entre Frank Albertson e Maureen O'Sullivan. Irene Rich tambem toma parte. Não sei, não...

BRIGTH LIGHTS (First National) — Agora é que sabemos porque é que Dorothy Mackaill passou tanto tempo em Honolulu! Aprendeu o "hula-hula", como gente grande e... dansa-o neste film! Como film, é inconsequente. Mas a dansa de Dorothy Mackaill... Bem, mudemos de assumpto. Frank Fay é um cavalheiro que devia abandonar os films. Durante a confecção deste film, Dorothy quebrou uma costella. No emtanto, apesar de Noah Beery ter sido o villão, não houve nenhum "clinch" entre ella e o dito...

GOOD NEWS (M G M.) — Este film, é como o perdão do governador que chegue tarde na execução de um camarada qualquer. Já passou demais a sua época! O seu thema já foi copiado e recopiado. Nada mais delle, portanto, offerece novidade. Bessie Love, Stanley Smith, Mary Lawlor, Lola Lane e Cliff Edwards (Ukelele Ike), completam o elenco.

THE OTHER TOMORROW (Uma noite com o Outro) — First National. — Drama pesado e uma historia inconsequente. Billie Dove, sempre bonita e sempre bem vestida, é a unica razão pela qual se supporta este film. Dois cavalheiros envolvem-se na historia: Grant Withers e Kenneth Thompson. Vamos arranjar melhores historias e melhores galãs para Billie Dove?...

GOOD INTENTIONS (Fox) — Drama violento de ladrões, com casacas e gente toda bem vestida. Mais aventuras de "underworld". Edmund Lowe, como sempre, excellente no papel de gatuno fino e distincto. E, além disso, como novidade, "Não" se regenera, não. Elle morre e ainda que a heroina encontre outro amor, o film termina radicalmente mal... Antes assim.

# ESTRÉAS

MIDNIGHT MYSTERY (R K O) — Um camarada que inventa um mysterio tremendo para matar a vontade de aventuras de sua noiva. Mas o assassinato torna-se real e ahi começa a encrenca toda... Betty Compson, é a edição feminina combinada de Edgar Wallace e Sherlock Holmes... Hugh Trevor, o galã e o noivo... Lowell Sherman... Ora, o villão, é logico! Diverte, apesar de tudo.

DIXIANA (R K O.) — Um grande espectaculo esta opereta Cinematographica com musica de Harry Tierney. E, não é só. Everett Marshall, barytono do Metropolitan Opera House, estréa nos films, com este. Prova, além de sua voz, a sua esplendida personalidade. Bebe Daniels, como principal, vae muito bem e canta melhor ainda. Encanta e diverte. ..

DUMBELIS IN ERMINE (Warners) — "Is Zat So?", que os Studios não querem deixar em paz, traz, novamente, Robert Armstrong e James Gleason num enredo semelhante á esse grande successo que fizeram nos palcos de New York, ha annos. Um film bastante engraçado e bastante recommendavel.

RECAPTURED LOVE (Warners) — Uma historia bem bonita e interessante de um marido que procura rememorar dias de sua mocidade, com uma cantora de cabaret. Dorothy Burgess e John Halliday têm os principaes papeis.

NUMBERED MEN (First National) — Da peça "Jailbreak". Bernice Claire, Conrad Nagel e Raymond Hackett, nos principaes papeis. Ralph Ince como villão e Ivan Linow como bruto, formam um excellente film. Bôa diversão.

SHE'S MY WEAKNESS (R K O.) — Arthur Lake faz deste film, ao lado de Sue Carol, um agradavel passa tempo. Vejam.

TRIGGER TRICKS (Universal) — Film de vaqueiros, typicamente de Hoot Gibson. Sally Eilers, hoje sua esposa, é a heroina. Serve.

BACK PAY (First National) — Corinne Griffith deixou o Cinema. Este foi seu ultimo film. Pobrezinha... Não foi feliz com elle. E, além disso, a historia é fraca e os dialogos não têm vivacidade. Ella, então, tem uma vozinha bastante desagradavel, coitada...

*Scena de "Bride of Regiment".*

NIGHT HORK (Pathé) — Film que vae do melodrama á farça selvagem. Desta á tragedia. Ao drama e ao pathetico. Para cahir, de novo, na farça, depois. Eddie Quillan anima tudo com sua verve unica. Agrada e diverte.

THE RIGHT OF WAY (First National) — Um film que Bert Lytell, ha annos, já fez, para a Metro. Conrad Nagel toma seu papel e Loretta Young, o de Leatrice Joy. Fred Kohler é o villão, papel que na versão silenciosa, de ha annos, Gibson Gowland creou. Assim assim, apesar de tudo...

BRIDE OF THE REGIMENT (First National) — Operetta Cinematographica, com tudo aquillo que já vimos em centenas de films assim, ultimamente. Vivienne Segal, Walter Pidgeon, Allan Prior, Myrna Loy, Ford Sterling, Louise Fazenda e outros, fazem o elenco. Não sei se deve recommendar.

HOT CURVES (Tiffany) — Você vae gostar de Benny Rubin neste film. Diverte e é simples.

THREE FACES EAST (Warners) — Já foi peça de theatro e bom film silencioso, com Clive Brook e Jetta Goudal. Agora, virou confusão falada. Um máo film. Mas... O que fazer? Isto tambem não pode accontecer á um film que tenha a figura de Von Stroheim no seu elenco, como artista? A culpa de tudo é do director Roy Del Ruth...

BORDER ROMANCE (Tiffany) — Don Terry, como cavalleiro e cavalheiro, não vae lá das pernas. Mas Armida é um "knockout"...

THE MAN FROM WYMOING (Paramount) — Ha, neste film, scenas de guerra de lindeza realmente surprehendente. Mas, em geral, perde tudo isso, depois, pela corriqueirice do assumpto. Gary Cooper, cada vez mais sincero e mais perfeito, agrada immenso. Outrosim a doce June Collyer. Póde ver. Mas não espere nada de formidavel.

TOP SPEED (First National) — Bernicie Claire e Joe Brown, regulares. Num film assim assim. Não sei, não, tambem...

WILD COMPANY (Fox) — Frank Albertson e H. B. Warner, num film soffrivel.

LADIES IN LOVE (Hollywood Pictures Inc) — Um film que faz rir. Mas nos momentos dramaticos...

GIRL OF THE GOLDEN WEST (First National) — Antiga peça de theatro. Agora vivida por Ann Harding. Tem os classicos matadores. E já foi vista na téla, tambem.

WAY OUT WEST (M G M) — Um dos melhores films que William Haines já fez. Vale a pena e tem comedia em profusão. Leila Hyams é a heroina.

THE BAD MAN (First National) — Walter Huston e sua caracterização, neste film, salvam-no de radical fracasso.

THE SEA BAT (M G M) — Não é ruim. Mas poderia ter sido esplendido... Ha mais um peixe gigantesco que faz das delle... Charles Bickford foge da cadeia nas vestes de missionario e faz das delle. Raquel Torres e Nils Asther, apparecem. Mais um film, apenas...

SOLDIERS AND WOMEN (Columbia) — Aileen Pringle, no papel de esposa egoista, que assassina e depois se suicida, transforma esta tragedia num bom film. Helen Johnson e Grant Withers apparecem. Serve.

Maurice Tourneur, o conhecido director francez que por tantos annos trabalhou para fabricas norte americanas, está actualmente occupando os Studios Pathé-Nathan, com as filmagens da sua nova producção "Accusée, levez-vous", cujo "scenario" é de Mary Murillo. Gaby Morlay, Camille Bert, André Dubosc e Jean Dax, são vistos nos principaes papeis.

J. C. Bernard e o seu operador Christian Matras, estão fazendo um film sobre a vida dos mineiros. As photographias estão sendo tomadas nas minas d'Auvergne a 400 metros de profundidade da terra.

Maurice Gleize, no seu film falado "Le jour de noces", apresenta varios numeros de palco e cabarets, taes como: Bergeret, imitador de passaros, Organowski e sua companhia de bailados russos, Nina del Astas, cantora hespanhola, a cantora realista, belga, Lise Gauty; Henri Gazon; etc.

Joe Francis e Jean-Louis Bouquet, acabam de produzir em Billancourt, sob o titulo "Le coffret a musique", um sketch de velhas canções francezas, cujo interprete é Aimé Simon-Girard.

A synchronisação do ultimo film de Ladislas Starévitch "la petite parade", acaba de ser feita pelo maestro Michel Levine.

Francesca Bertini se encontra na Italia, na sua residencia de Pozzolatico. Terminado o praso de suas férias, ella voltará a Paris, onde um contracto para varios films falados e sonoros, a espera.

Acaba de ser fundada a "Filmvox", já tendo sido iniciadas as obras de construcção dos Studios para films sonoros, nos arredores de Nice a Saint-Laurent-du-Var.

Suzanne Bianchetti, tem papel de destaque na producção de Jean de Merly "Rois de Paris", dirigida por Léo Mittler.

Jacques Séverac, quando filmava os exteriores de "Siroco", em Marrocos, só podia trabalhar das 6 ás 11 horas da manhã, devido ao excessivo calor e á luz demasiadamente clara.

René Hervil iniciou a direcção de um novo film para a Gaumont, em cujo principal papel está Victor Boucher.

O proximo film de Henry Roussel para a Pathé-Nathan será "Avec le sourrire".

Pierre Colombier continúa com bastante actividade dirigindo as primeiras scenas da sua nova producção "Le Roi des resquilleurs", scenas estas tomadas no Vélodrome d'Hiver. Nas scenas a seguir, tomará parte o conhecido comico Milton.

*Stanley Smith e Mary Lawlor em "Good News".*

# A dansa da Morte

(THOSE WHO DANCE)
*FILM WARNER BROS*

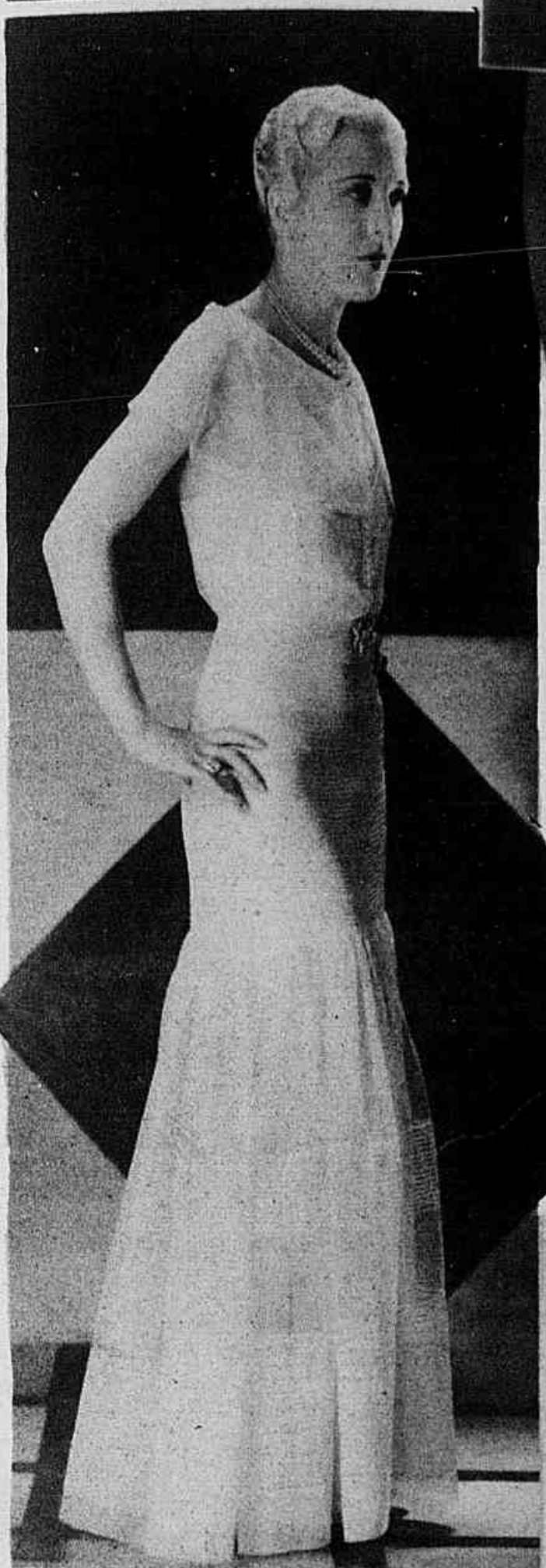
HOGAN . . . . . . . . . . . . . . . . *MONTE BLUE*
NORA . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . *LILA LEE*
JOE . . . . . . . . . . . . . . . . *WILLIAM BOYD*
KITTY . . . . . . . . . . . . . . *BETTY COMPSON*
O irmão de NORA . . . . . . . *WILLIAM JANNET*
O irmão de HOGAN . . . . . *CORNELINS KEEFE*
BENSON . . . . . . . . . . . . . . *WILFRED LUCAS*

Temivel e respeitado Joe era bem a Imagem do Mal naquella New York de crimes, de visões sinistras, de perversidades e horrores bem differente da New York da luta, do trabalho e do progresso. Do seu valhacouto, um cabaret de explendida apparencia mas onde se immiscuiam os mais sordidos elementos da grande cidade, elle irradiava as ordens mais severas para as mais atrozes perversidades, sempre sedento do ouro que não ganhava honestamente. Com pezar e desespero que se não descrevem mas que bem se comprehendem, Nora, uma moreninha linda via seu irmão, o inexperiente Tim deixar-se envolver nas promessas de Joe acompanhando-o nas suas tão incertas e inglorias caminhadas atravez a senda do crime... E naquella noite, então, os seus cuidados se multiplicaram e, as mais sentidas lagrimas nos olhos, a mais sentida ternura na mascara, ella implorou ao irmão que deixasse aquelle meio, delle se separasse para sempre e não mais uzasse arma. Elle relutou mais Nora acabou por arrancar-lhe a arma do bolso, esperançada de que sem a arma pelo menos evitaria o perigo... Mas assim não aconteceu, entretanto. Logo que chegou ao "cabaret", Tim teve ordem de tomar parte no assalto planejado para aquella noite num grande armazem de cereaes e com a cumplicidade do vigia do mesmo, Benson, o mais perverso de todos aquelles homens. Corria o "trabalho" tranquillamente quando Pat Hogan, um policial novato appareceu. Benson, á sua approximação, sem a perda de um instante alvejou-o em pleno coração prostrando-o, ali mesmo sem que os soccorros que elle pediu, o apito na bocca, chegassem. Quando outros policiaes surgiram, Benson correndo ao encontro delles não teve escrupulos em apontar Tim como o autor do crime — levando ainda a sua perversidade a mais longe pois collocou o proprio revolver do crime no bolso do infeliz!... Preso com provas tão eloquentes do crime que, afinal, elle não commetteu Tim foi entregue ao governador civil que marcou a sua execução na cadeira electrica para dahi a uma semana!...

No seu desespero, na tortura immensa de ver approximar-se o dia da execução do seu irmão, certa embora de que elle estava innocente, Nora empregou mil esforços na ansia de salval-o. E o Destino que tanto gosta de fazer mal as creaturas fel-a procurar Kitty, a amante de Joe na occasião mais opportuna pois este momentos antes a espancara brutalmente, sahindo e deixando-a vencida do maior odio e da mais forte sêde de vingança. Desse modo Kitty ante a amiguinha teve o seu desabafo: quem matara o policial fôra Joe e não Tim!... Combinaram então introduzir ali alguem para esse alguem ouvir a confissão dos proprios labios de Joe, a isso levado pelas astucias e habilidades de Kitty. Mas como introduzir ali uma pessoa sem despertar as suspeitas de Joe? E a propria Kitty deu a suggestão solucionadora: o homem incumbido de ouvir passaria por amante de Nora!... Assim tudo combinado logo que Joe appareceu, Nora lhe pediu a deixasse ficar ali pois fôra despejada de casa e não tinha para onde ir!... O bandido concordou, concorrendo assim para o exito completo do plano de Nora!...

O chefe de policia de New York procurado por Nora ouviu-a attentamente offerecendo-lhe os serviços do sargento Hogan que ao par de tudo partiu para casa de Joe caracterisado de modo a fingir-se o celebre criminoso Turner. Não era propriamente o policial que ia cumprir um dever; era um irmão que se ia vingar da morte de outro irmão, pois Hogan não se conformava com o assassinio de Pat. Recebido com alegria em casa de Joe, ahi o policial disfarçado se installou prompto a entrar em acção. A' hora de deitar mostrando "intimidade" com Nora encaminhou-se com ella para o quarto que lhes fôra destinado. E mal cerraram a porta elle procurou approximar-se dos dos aposentos de Joe afim de ouvir alguma coisa. Nada conseguiu, então. Mas para a noite seguinte, com mil cautellas Hogan preparou o seu microphone minusculo deixando-o no quarto de Joe, certo de que assim ouviria o que precisava ouvir. Mas uma violenta briga travada entre elle e a amante e na qual Joe, excedendo-se, jogou um objecto contra Kitty, que foi bater-se exactamen-

(*Termina no fim do numero*)

NATALIE
MOORHEAD
USA
ASSIM...
"MODA
E
BORDADO",
PUBLICA OUTROS
MODELOS
DE HOLLYWOOD...

# Uma festa em casa de HARRY LANGDON

(*De L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood*)

Não... Não foi telephone. Nem telegrapho. Nem radio. Nem televisão. Nem 3.ª dimensão. Nem nada. Tampouco alto-falante.

Apenas uma carta. Só. Sem mistura e sem perfume...

Sim! Eu recebo muitas cartas, o que é que vocês estão pensando? Reclames. Pedidos de photographias... dos artistas, é logico... Informações. E, tambem, de quando em quando. Uma garrafinha de paraty... Com rotulo de tinta de escrever. Recebo retratos autographados dos artistas brasileiros... Recebo contas... a pagar. Cheques... em pagamento. E, afinal, a vida de Hollywood que, sem duvida, foi o "melhor" presente que já ganhei, em vida... Trambolhões. Encontrões. A's vezes com uma "bowa". A's vezes com um Joseph Cawthorne... E, emfim, seu serafim, vae tudo assim, como Deus quer, não é?

Em casa, não se tem socego. As orelhas que ainda supponho ter, coitadas, andam quasi sempre vermelhas com os beliscões que os ciumes lhes dão... E, do Brasil, cada vez que chega carta, lá vem um: ahi, seu Marinho! Piratão... Hein! Seu maganão...

E, indirectamente, uns tapinhas sobre a paciencia santa do meu santo estomago... No emtanto, ando pacatamente entrevistando Eisensteins e Regis Toomeys... Quando não são Doris Lloyd e outras figuras assim...

Mas... o que eu disse, han?... Falei em carta, não foi? Meu Deus! Que distracção. Afinal eu começo a conversar com vocês e, depois de segundos, já nem sei mais qual era a anecdota que lhes ia contar... Isto é! Ainda e sempre a maldicta distracção... Anecdota! Queria dzer: a "entrevista" ou o jantar ou o banquete ou qualquer cousa semelhante. Comtanto que não seja almoço em que entrem tomates ou abacates com azeite e abacaxi com o dito...

A tal carta, antes que eu a rasgue de tanto falar nella e não contar o que ella quer, pedia-me um encontro. Para as 8 da noite.

Mas... Para que? Sei, apenas, que me pedia, a mesma, que fosse mergulhado no meu lindissimo "tuxedo". (smoking) Signal evidente de que a cousa ia ser "preta"...

Sabia, apenas, pelas seccas e "yankees" palavras do meu amiguinho e gentil "convidador", que iamos á uma "festinha". Mas aonde? Vocês não sabem? Nem em, tampouco...

Era uma festa. Não era "festinha" de velhos, não. Era uma reunião "intima" e aonde as "intimidades" sem duvida são "chá"...

Mas... Não sei porque, emquanto ia, a desconfiança entrava-me pelo cerebro, nefanda e destruidora. Em casa de quem? Fiz-me Hamlet. Virei, para minha grande amargura, Barrymore... "Ser ou não ser?"... Porque o mysterio? Iriamos á casa do Warner Fu Oland? Ou ao palacio cegonhesco de Gustav Von Seyffertitz? Mais uma sequencia *a la* Benjamin Christiansen? Ou um film do fallecido Paul Leni?...

Que tragedia! Que negra e pavorosa tragedia é o cerebro... Verruma. Malha. Geme. E, afinal, coitadinho... Que arara! Nem mysterio e nem Fu Manchu. Nem sombras e nem cegonhas. Apenas um chá no "sagrado" lar de Harry Langdon...

Bolas!!!

Era isso, a carta...

O comico Harry Langdon ia dar uma festa. Geralmente os comicos são tragicos escondidos.. Não estaria elle planejando *gracinhas* extra-programma?... Ainda perdurava em mim a duvida negra e agoureira. Mas... Acabei acalmando. Toda a impressão de tragedia que de mim se apoderava não ia, mesmo, além de vontade de ser tragico. Porque, na verdade, aquillo ia acabar, mesmo, em mais uma das "farrinhas" em caracter de "chá" que os "seccos" yankees (principalmente os daqui!) transformar em "vasta chuva" no "fin de fiesta"...

Pois, agora, meus amigos, é bancar o pessoal que vae á uma montanha russa. Firmem-se nas pernas que... lá vae a descripção do tal chá...

Se me diverti? Que pergunta! Sem duvida! Tanto que, ao fim da festa se não me deixam sahir, eu era capaz de matar todos ali e, ainda, acabar desfolhando margaridas no proximo manicomio...

Lá estavam, já, chegados antes de mim; alguns "gozados" que iam levar a sua adhesão ao "comico". O Glenn Tryon foi o primeiro que veio ao meu encontro. Perguntou-me, logo, pela entrevista que o Gonzaga fizéra com elle, ha um anno e tanto, mais ou menos, e, no fim da qual, dera-lhe o chapéo com qual figurára em muitos films.

Expliquei-lhe que o clima era ameno, ahi no Rio, em Junho, Julho e Agosto. E elle, sem duvida rindo da minha sahida meteorologica, acabou me confessando que gostava muito de ovos fritos...

Hello, Mr. Halperin!

Era o Victor Halperin. Vocês conhecem?... Pois eu... conheço, sim, infelizmente... Mas a minha vingança é que elle ainda não desistiu de dirigir films e alguns delles ainda serão ahi exhibidos, prompto!...

Depois, gastei italiano de Braz, o bairro italiano, de São Paulo, que fica separado dos brasileiros pela intervenção syria da rua 25 de Março... Mas com quem falei italiano do Braz? Ora... Com o Lucien Littlefield! Ao seu lado, a cara metade. E com que carinho, coitadinha, alisava a carequinha do maridinho...

Depois, entrou Thelma Todd.

— Olá, Thelma, como vae? Ainda por aqui?

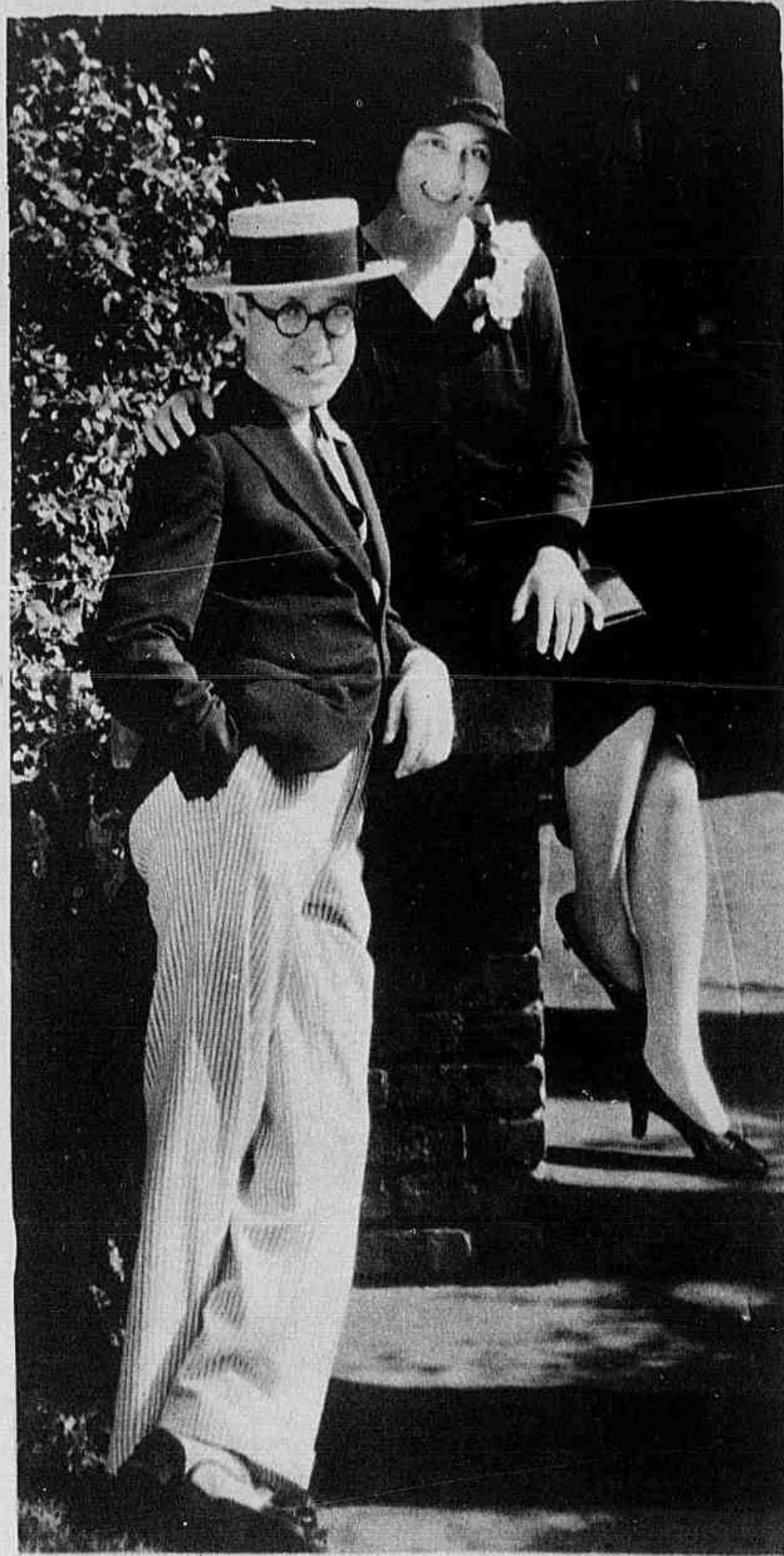
— Sim, Mr. "Cinearte"! E você?

( Ah, se eu tenho um tijolo ali...)

— Não vae mais a New York?

— Não... Vou ficar aqui, mesmo... Estou com planos...

— "Talkies" em hespanhol?

— Como vão os pequenos?

*HARRY LANGDON E SENHORA...*

— Felipe de que?

— Você já se mudou de casa?

Interrompemos o dialogo e fomos tomar refrescos. Aquillo era, com certeza, principio de loucura provocada pelos "talkies"...

Depois, Lloyd Hughes passou ao meu lado. Esbarrou. Não pediu desculpas e nem pediu licença. Gloria Hope, sua esposa, pelo seu braço, sorria com o riso mais forçado do mundo. Até parecia gente de theatro, agradecendo ás cadeiras vazias e ás claques em peso...

Depois, houve um estrondo. E, depois do estrondo. Outro maior.

Eram Topsy e Eva que chegavam. Isto é... (Meu Deus, como estou eu hoje!...) Eram Rosetta e Vivian Duncan.

Risadas. Piadas. Gargalhadas. Synchronisadas e gosadas. E, depois, chá com torradas...

Todos perguntavam á Vivian porque é que Rex Lease lhe arrumára um directo do qual ainda guardava ella o azul "natúral", em torno do olho direito... E ella, entre confusa e semifuza, dizia, numa reverencia: por causa do Nils Asther...

Ora bolas? Pensei logo num dictado brasileiro que pergunta o que tem uma cousa com a outra...

A filha adoptiva do Harry, a Edith, era um bom numero. Commentava, chistosamente, todas as piadas engarrafadas da Rosetta Duncan, a creatura mais sem graça e mais convencida que já vi em dias de minha vida.

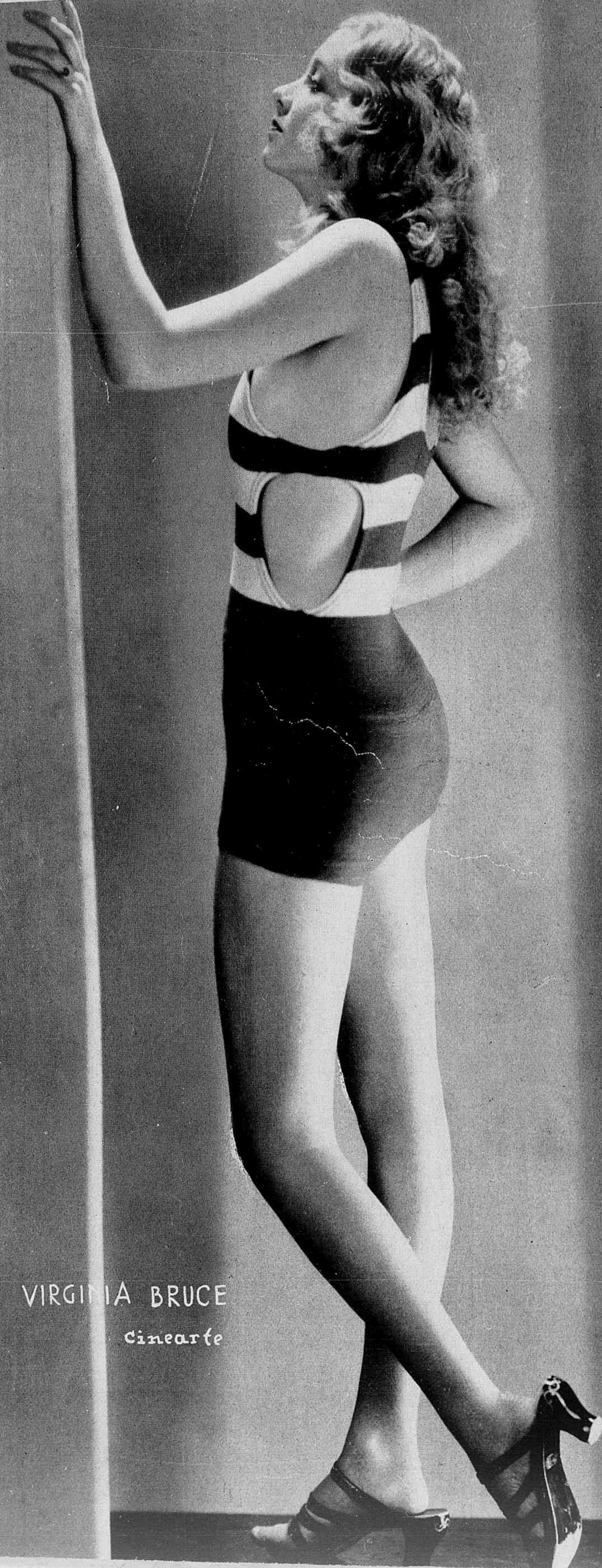
Lá tambem estava Jean Hersholt e sua senhora. Havia ainda um violinista que, em dada ora, rompeu com uma série de melodia que innebriaram o ambiente da maior tristeza e do maior desejo de nunca mais tomar chá com Harry Langdon...

Elle, o Harry, andava rolando pelos cantos da casa. Rindo aqui. Asneirando, ali. Piscando os olhos. E acabou conversando com o Lloyd Hughes...

(Aqui entre nós: vocês não têm medo de acabar conversando com o Lloyd Hughes?...)

(*Termina no fim do numero*)

LIA TORÁ E
BEN LYON

cinearte

VIRGINIA BRUCE

Cinearte

27-8-30

TAMAR MOEMA

cinearte

CHARLES ROGERS
Cinearte
27-8-30

# Barbara Leonard

UMA NOVA SANTINHA EM HOLLYWOOD...

# Amor de

FILM DA M. G. M.

*LAWRENCE TIBBETT* . . . . . . . . . . . Yegor
*Catherine Dale Owen* . . . . . . . . . *Princeza Vera*
*Stan Laurel* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Ali Bek*
*Oliver Hardy* . . . . . . . . . . . . . . . . . *Murza Bek*
*Nance O'Neil* . . . . . . . . . . *Princeza Alexandra*
*Judith Vosselli* . . . . . . . . . . *Condessa Tatiana*
*Ullrich Haupt* . . . . . . . . . . . . *Principe Sergio*
*Elsa Alsen* . . . . . . . . . . . . . . . . *A mãe de Yegor*
*Florence Lake* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Nadja*
*Lionel Belmore* . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Ossman*
*Wallace Mac Donald* . . . . . . . . . . . . . . . *Hassan*
*Kate Price* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Petrovna*
*H. A. Morgan* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Frolov*
*Burr Mac Intosh* . . . . . . . . . . . . . . . . *Conde Peter*
*James Bradbury Jr.* . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Azamat*
*Director: — LIONEL BARRYMORE*

Ouvia-se a voz do zingaro...

Possante, forte, tão bonita!

Era Yegor. Era o chefe de uma tribu selvagem do Causaco. Era elle, o poeta, cantor, vagabundo e heroe. Que soluçava phrases de amor pela melodia bonita que cantava.

Estava debaixo de uma janella. E fazia uma serenata romantica.

A' quem?

Aquella estalagem, ali no cimo daquelle morro...

E' que a princeza Vera e a condessa Tatiana, ali estavam. A tempestade as apanhára no meio da estrada, foram, assim, obrigadas a arribar. Iam para Riga. E ainda que o medo dos bandidos daquellas redondezas fosse grande, tiveram a sufficiente coragem para albergar ali mesmo, já que outro remedio não havia.

Logo quando a viu, Yegor sentiu, sobre o coração, uma profunda onda de ternura. Amou-a, no simples instante em que a viu. Vera... V-e-r-a... Soletrava seu nome! Ouvira-o, dos labios de um humilde servo. Achára tão bonito!...

E, por isso, debaixo da janella do seu quarto, Yegor cantava, ali, horas e horas. Até que Vera, não mais resistindo ao magnetismo poderoso de sua voz, poz-se a ouvil-o e a achal-o interessante.

Mas porque?

Difficil responder. Tantos seriam os motivos... Mas o certo é que ella, lidando, diariamente como lidava, com cortezões. Cavalheiros gentilissimos. Não o apreciára, nunca, um homem assim rustico, assim bruto. E bem por isso, ouvindo-lhe as melodias barbaras, tambem, mais e mais sentia-se attrahida por elle.

Foi quando soube dos planos da condessa. Tatiana tambem amava Yegor. E o seu ciume, ciume de mulher luxuariosa e sensual, como ella era, fez-se immenso. O seu primeiro calculo, foi mandar prender Yegor. No emtanto, não conseguiu o seu intento. Porque Vera a ouvira.

— Mas prender e enforcar, Tatiana?

— Sim! Aonde se viu a ousadia desse homem, cantando balladas aos vossos ouvidos?

Vera não respondeu. Disfarçou, até conseguir se livrar dos olhos curiosos de Tatiana. Depois, procurou Yegor.

— Tu!

Elle estremeceu, violentamente. Olhou-a.

— Eu?

— Sim, vem cá!

E contou-lhe sobre o plano de Tatiana. Num folego só e terminou pedindo-lhe que fugisse.

— Minha princeza... Porque lhe devo a mercê generosa que acaba de me conceder?

Vera apenas o olhou. Para elle, vagabundo, zingaro, poeta e cantor. Aquelle olhar era a maior consolação, a mais sublime das esmolas...

——oOo——

No seu palacio, em Riga, Vera temeu não mais ouvir a voz de Yegor. Não mais decorar os seus versos de amor.

No emtanto, logo á primeira noite, uma noite profundamente romantica, profundamente enluarada e linda. Yegor veio cantar para Vera ouvir. Cantou as melodias mais bonitas da sua gente. As melodias mais suaves do seu coração moço e aventureiro.

E Vera, ouvindo-o, sentia-se mais e mais attrahida por aquelle homem rude e bruto. Forte e grande. Poderoso como um animal. Delicado como um principe...

Assim se passaram noites. Uma dellas a

mais bonita, Vera não ouviu a canção que almejava ouvir. Todos dormiam. O silencio era geral, absoluto.

Impaciente, ella passeava, de cá para lá. De lá para cá. Depois, sem mais forças, deitou-se. Cerrou a luz. Minutos depois, antes de sentir somno sobre as palpebras nervosas, ouviu um

mo. Mas antes de sahir, minha princeza. Eu lhe digo, em toda simplicidade de minhas palavras. Amo-a! Mais do que aos passaros livres do meu torrão natal! Mais do que á natureza que é minha casa. Mais do que ás canções que minha gente canta! Princeza... Como eu lhe quero bem! Só eu é que sei e po-

# ZINGARO

rumor, do lado de sua janella. Voltou-se para ella. Accendeu a luz, num lance imprevisto. A claridade feriu em cheio o rosto de Yegor.

Era elle!

— Tu?...

— Sim, minha princeza, eu...

Ella se ergueu, num salto.

Não conseguiu apanhar o seu peignoir. Yegor já a tinha entre os braços.

— Sáe!

A resposta foi approximal-a mais de seu coração que pulsava forte.

— Sáe!!! Vamos, sáe!!!

Depois de a ter bem segura, elle lhe disse, calmo.

— Princeza, não saio! Sua bocca é livre. Grite! Chame seus guardas!

Vera olhou-o. Porque seria que aquelle homem a provocava assim? Tinha confiança em que para falar assim? Tornou a olhal-o. Seus olhos eram cla-

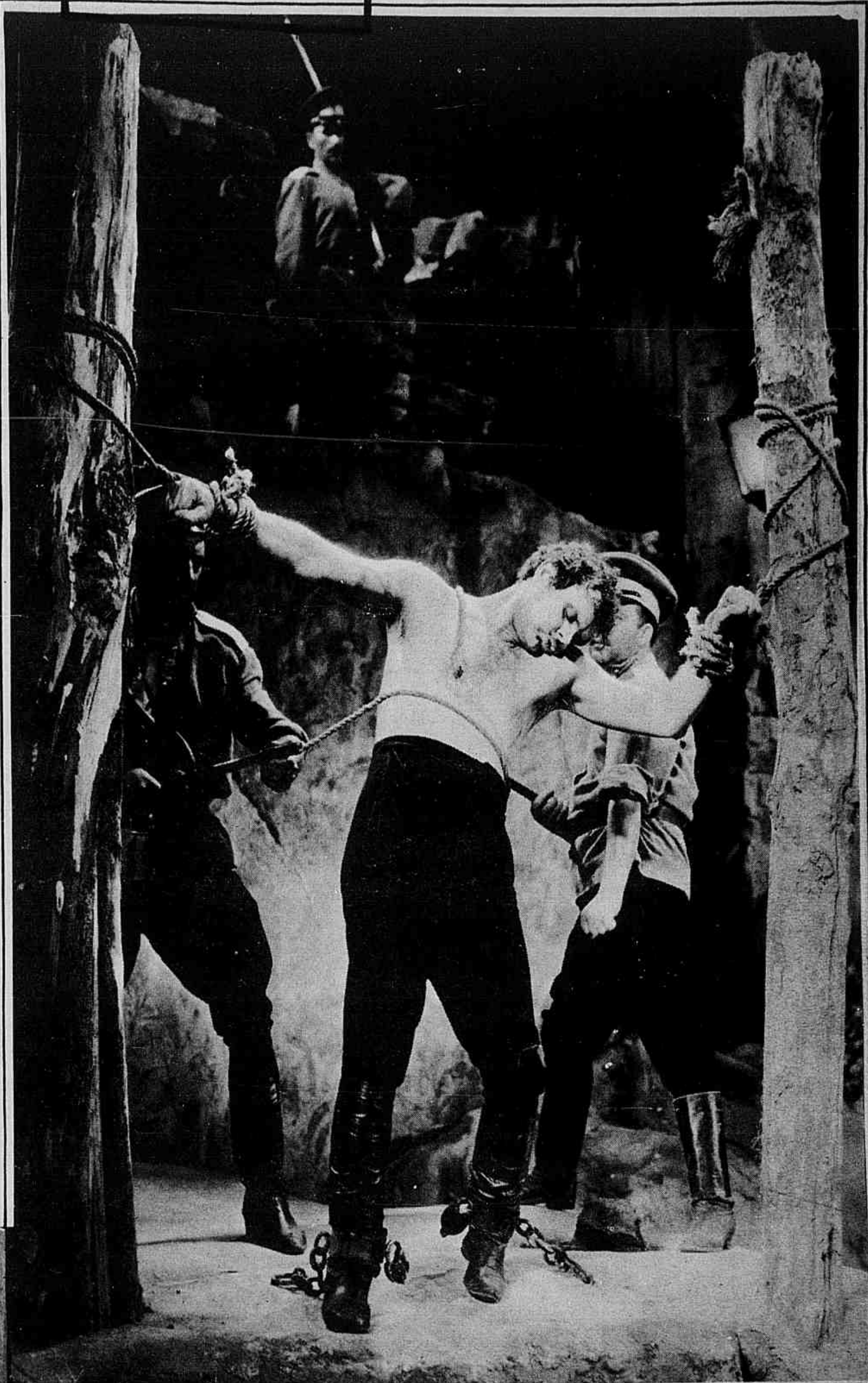
derei dizer... Desde o seu primeiro olhar. Até ao seu ultimo sorriso! Minha princezinha Vera!...

Era demais para os vinte annos sonhadores e romanticos. Vera cerrou os olhos. Achava-se segura pelos braços fortes de um homem fascinante. Sentia que não tinha forças para o resistir mais! Enlangueceu o corpo e Yegor, sentindo-a assim, trouxe-a num impeto aos labios. Beijou-a! Muitas vezes. Nos olhos. No rosto. Nos cabellos. Na bocca. Vermelha e fresca. Mais appetitosa do que um fruto cobiçado. Depois, largou-a.

— Ama-me?...

— Meu Yegor!

E era a alma daquella mulher que a fazia esquecer toda sua condicção de nobreza, naquelle transe.

— Meu Yegor... Sou sua desde o primeiro instante em que o vi!

Podiam ouvir. Podiam saber que ella estava com um zingaro em seu quarto e não havia pedido soccorro...

— Meu querido, vae! Ainda que fosses o mais indigno, ainda assim eu o quereria pela minha vida toda!

(Termina no fim do numero)

ros. Faiscavam. Nelles, Vera leu a alma de fogo daquelle poeta dos simples.

— Yegor... Eu te peço: sáe!

Elle não cedeu. Olhou-a. Depois, como em alluvião, as phrases vieram aos borbotões para os ouvidos de Vera.

— Minha princeza, eu sahirei. Já! Sua palavra, para mim é como a lei de um ser supre-

E'ra demais para aquelle homem. Depois de a ter beijado, elle pensou que fosse repellido. Aquella passividade. Aquella doçura! Aquella phrase... Enlouqueciam-no!

Vera!!!

Tornou a beijal-a. Tornou a acaricial-a!

Repetiu por mil e muitas vezes o seu nome curto e tão bonito!

— Vera! Vera!

Até que ella pedui que se fosse.

PÊPÊ — (S. Leopoldo-Rio Grande do Sul) — Billie Dove não morreu, não. Está viva e, se quer escrever á ella, perguntando, o endereço é First National Studios, Burbank, California. Até que ella se mude para a Caddo, com a qual acaba de assignar contracto. A noticia dessa morte ainda me fará adoecer mortalmente.

MARICOTA — (?) — Francamente, não lhe posso informar, porque desconheço totalmente semelhante cavalheiro. O outro é americano. *Bye, Bye,* Maricota!

NANCY NATAL — (Porto Alegre) — Celso Montenegro, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Elle agora está aqui e é um dos futuros *astros* da *Cinédia*. Mas porque quer tantas alturas? Vae mandar comprar caixões? Socegue que o seu preferido será bem approveitado.

ANTONIO — (Natal) — A idéa de se ridicularizar, partiu de voce mesmo. E' capaz de justificar a razão porque tanta gente, ao mesmo tempo, umas 20 pessoas, se não foram mais, começaram a escrever perguntando o seu endereço? A menos que voce me conte que fez algum film ahi, em segredo... São dois individuos completamente distinctos. Apenas identificados num mesmo ideal: soltar balões... Voce ganhou. As *gentilezas,* com o gripho, estão adoraveis!

NORA CARCERE — (S. Paulo) — Será exhibido muito breve. Mas Olympio Guilherme e Lia Torá, não são os principaes artistas. E' uma revista de Paul Whiteman, tendo Lia e Olympio, apenas como *comére* e *compére,* annunciando os numeros. 2° — Nada se sabe. Lia está com um film prompto, para a Warner Bros., com Ben Lyon, Harry Langdon e Fred Kohler. 3° — Mas quem é esse cavalheiro que cita e qual é a sua "invenção"? Pergunte quanto quizer que aqui estou e com a maior bôa vontade, para o que queira!

EULER ALMEIDA — (Ilhéos) — 1° — Deixou, sim. 2° — *Cinédia Studio,* rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. 3° — Enviam, sim. 4° — Envie photographias. 5° — E'?... Grato pelo recorte.

G. L. MENEZES — (José Bulhões — E. do Rio) — Aguarde um momento opportuno. Tenha confiança no seu destino.

ALFREDO ALVES — (Rio) — Recebi e archivei. Agora é só esperar o momento opportuno.

PARÁOARA — (Pará) — Respondo, sim e com todo o prazer. Porque teve outros afazeres que o impediram de continuar. *Cinédia* tem bastante vontade de fazer isso, sim. E, ainda é bem possivel que veja o seu desejo satisfeito. Assista *Labios sem Beijos,* que já está prompto, e depois escreva-me alguma cousa sobre o que achou. Deixou o Cinema, tambem. Voce tem toda a razão e suas sugestões são bem intelligentes. Aliás, creia, todas ellas a maior preoccupação da *Cinédia*. Sahirá um artigo e photographias, sim. Volte sempre, minha estimada amiguinha.

S. L. MOREIRA — (Rio) — Mande photographias.

*Mary Brian e Robert Arlen. Não pensem. Amem. Quem ama... pensa...*

GLADSTONE DEANE — (Belem) — Entreguei, sim. Escreva-lhes, á todos, aos cuidados desta redacção. Aos tres outros, tambem. O. K., Gladstone. Volte sempre!

BEM AMADO — (Bahia) — Grato pelos recortes. Vamos averiguar. Se cobram 20$000 mensaes, é ratoeira. Escolas de Cinema, sempre, só servem para atrazar. A as Escolas só querem é dinheiro. Porque, geral

# Pergunte-me Outra...

mente, nellas, aquelle que mais precisa aprender é o proprio professor... Elles respondem, sim. Não disse? Aqui suas respostas. 1° — Mas o meu nome, bom amigo, é aquelle que todos sabem: Operador... 2° — Está um pouco atrazada a correspondencia della, mas responderá, sim.

R. OLIVEIRA — (Belem) — 1° — *Sangue Mineiro* só não irá até ahi, se o PROGRAMMA URANIA, continuar com a sua má distribuição. 2° — Francamente, não sei. 3° — Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blyd. Hollywood, California. — 4° — Tamar Moema envia, sim. *Cinédia Studio,* rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

JEANETTE JANSEN — (Recife) — Pode enviar as photographias. Perseverança, coragem e certeza de vencer, como a que tem, sempre trazem o successo. Elle respondeu, sim. Aliás é um dos que não deixam de responder á um só dos seus *fans*. Tenho visto, mesmo, a attenção com a qual elle trata os que o procuram. A menos que não tenha ainda recebido sua carta. Naturalmente os seus amiguinhos sabem o que dizem... Envie-me seus retratos e seu endereço. Depois, aguarde nova resposta

J. RIO — (Recife) -- Tomei nota de todas as suas considerações.

BRANCA DE NEVE — (Blumenau — Santa Catharina) — De facto, sua primeira carta, se foi para *Cinédia Studio,* não me foi entregue, mesmo. Para lá, só correspondencia de artistas. Aqui os endereços que pede: O primeiro, aos cuidados desta redacção. Celso Montenegro, *Cinédia Studio,* rua Abilio, 26, Rio. Barry Norton, Paramount Studios, Hollywood, California. Charles Farrel, Fox Studios, Western Avenue. Hollywood, California. Willy Fritsch, Ufa Studios, Berlim. Os que pediu e ainda não recebeu, responderão, sim. Pode enviar as photographias, sim. De sua irmã tambem, se ella quizer. Pois escreva sempre, Branquinha de Neve...

BASTOS JUNIOR — — (Goyaz) — 1° — De bom adiantamento, sem duvida. 2° — Sempre ha necessidade. 3° — E' uma pergunta que só mesmo ella poderia responder.

SCHUBERT B. — (S. Paulo) — Então gostou do film? Sahirá na capa, sim. E' solteira. Não nos esquecemos, não. Sahirá muito breve. O director de *O Preço de um Prazer* é Adhemar Gonzaga.

EL CABALLERO DE LA ESPERANZA — (Jardim do Seridó) — O Cinema falado em hespanhol já chegou até ahi?... 1° — *Cinédia Studio* já está construido, sim. Mas quem é esse cavalheiro ao qual se refere? *Cinearte* é revista de Cinema e não faz sociedades taes. Foi por causa da confusão de nomes, mesmo, que o Studio agora tambem é *Cinédia.* 2° — Este anno, lançaram-se, mais ou menos, os seguintes: — *Piloto 13, A's Armas!, Rosas de Nossa Senhora, Messalina, Lua de Mel* e, agora, para serem lançados, *Labios sem Beijos,* da *Cinédia, Eufemia, O Mysterio do Dominó Preto.* Para 1931 a producção augmentará muito mais. Talvez tenhamos, mesmo, um ou mais de um film mensaes nos Cinemas. 3° — Se Valentino é mexicano ou hespanhol?... Caramba!!! Era italiano, sim senhor. E, quando morreu, estava na United Artists. 4° — E' só enviar photographias. 5° — Clara Bow, Paramount Studios, Hollywood, California.

NILS NORTON — (Porto Alegre) — De nada, portanto e esteja á vontade. Isso mesmo: tenha fé! Bem. Nesse caso, envie quando achar conveniente. Era Kathlyn Collins. Foi Diana Kane. Escreva para *Cinédia Studio,* rua Abilio, 26, Rio.

LINDO — (Porto Alegre) — Recebi sua tabella. Ainda que não seja publicavel, é muito interessante e, se possivel, continue mandando.

LUPE VELEZ — (Rio) — Se quer, então, mande suas photographias. Pois que a sua amiguinha mande, tambem. Pode mandar o nome e o endereço, porque, é logico, neste particular não existem, aqui indiscrições de especie alguma. Não morreram, não. Descance! Acceito o beijinho, sim. Mais... o que?

BEN HUR — (Ribeirão Preto) — 1° — Gina Cavallieri, *Cinédia Studio,* rua Abilio, 26, Rio. 2° — Paulo Morano, idem. 3° — Marion Schilling, Paramount Studios, Hollywood, California. Volte, Ben Hur, volte de... biga!

ANITA BROWN — (Rio) — Continua na M. G. M., sim. Pode escrever para M. G. M. Studios, Culver City, California.

RONALDO ROGERIO — (Itú) — Mande novas photographias, para *Cinédia Studio,* rua Abilio, 26, Rio.

# Rosita Moreno

DANSANDO, CHEGOU A HOLLYWOOD E FOI COLHIDA PELO CINEMA...

# Norma

E' preciso encarar a serio o problema de Norma Shearer.

Os factos, analysados friamente, são estes. Uma pequena Canadense, sem experiencia alguma, deixou sua terra e, para tentar o Cinema, procurou New York. Levava, como vantagem, um *rostinho de anjo* que, embora muitos lhe dissessem não ser photogenico. Era, no emtanto, o mais lindo que por ali já se tinha visto. Não tinha pratica de palco, nem de outros films. E, tampouco, conhecia qualquer que fosse dos *soffrimentos* do officio.

Hoje, é uma das maiores, sinão a maior entre as artistas dos films falados. Seu ultimo film, *The Divorce,* quebraram o *record* que *Anna Christie* tinha erguido em Los Angeles. E, antes dos *talkies*, jamais havia ella lido uma linha siquer sobre a *arte* de representar. Nem, muito menos, sobre *arte* theatral...

Agora, tem o porte de uma Ina Claire, num palco, e, ainda, habilidades dramaticas só inherentes ás realmente grandes artistas.

E' a esposa de Irving Thalberg e, em Agosto, mais ou menos, deverá receber uma visita muito conhecida. De uma ave que se chama cegonha e que lhe trará, sem duvida, no bicco comprido, um pimpolho ou uma pimpolha para enfeitar o lar que o amor de ambos faz feliz. Agora que a vida lhe dá a felicidade de ser mãe. Para, assim, poder ser, para seu filho, a mesma bôa e meiga creatura que tem sido para seu marido. Deixará ella o Cinema para viver, privadamente, o seu papel real?

Sua vida, sempre, foi uma linha recta. Norma Shearer sempre caminhou para a frente. Tem uma das maiores energias de Hollywood. E, para a bilheteria, é um dos maiores nomes. Ainda que aconselhada por medico, a não fazer nada de excesso. Norma Shearer sempre procura se occupar com alguma cousa. Porque, diz ella, não supporta a inercia.

Antes de se casar, sempre idéas firmes sobre matrimonio e carreira artistica. Ella me disse, ha tempos, que ou amava ou era artista. E que, junto, não podia fazer com perfeição á ambas as cousas. E, assim, quando ella se cásou, todos prophetizaram a sua breve retirada da téla.

A raça da qual descende Irving Thalberg, é, além disso, daquellas que não permittem aos maridos a continuação dos trabalhos da esposa. Assim, antes de se casarem discutiram devidamente este assumpto.

Um dia, Irving lhe disse.

— Acho, Norma, que deves abandonar o Cinema.

E ella apenas lhe respondeu, calma.

— Sim, meu amigo. No momento que queira!

Isto, ha tres annos passados. Mas, cada vez que ella termina um film, elle já lhe arranja outro. Porque, sabem, além de seu marido, Irving Thalberg é seu patrão, tambem. Agora, porém, c h e g o u uma g r a nde opportunidade para ella realizar, afinal, isto que tanto ambiciona. E que seu marido tambem quer: viver ella apenas para seu lar. Ella tem tudo que quer. Ama realmente a Irving Thalberg e, sem duvida, sendo assim, muito adiantará, para a sua felicidade, a vinda de mais essa creaturinha ao mundo. Ella já teve a sua fama. Já teve seus bons momentos de gloria. Assim, não será esplendido para ella, agora, approveitar a occasião e abandonar tudo?

Mas... Agora, exactamente, estão ambos lendo historias e discutindo, já, planos para o primeiro film que ella deve fazer quando se restabelecer. E, para isto, Norma tem suas razões. Ella bem que sabe porque é que não deixa, já o Cinema.

Disse-nos ella.

— Ha muita idéa sobre a melhor maneira de se combinar uma carreira com o matrimonio. Mas eu tenho uma idéa differente a respeito. Acho que qualquer pessoa pode deixar uma carreira pelo amor. Acho e realmente sinto. Mas não ha nada mais admiravel do que o trabalho. Nada ha, tambem, mais admiravel e delicioso, do que um grande e mutuo entendimento. Assim, é muito mais suave o trabalho. E muito mais agradavel a vida. O amor, auxiliando a carreira artistica de uma pessoa, ampara a mesma pessoa pela vida toda. A ternura de um grande affecto, augmenta a certeza do successo. Eu glorifico, para mim mesma, as mulheres que conseguiram esta fuzão de ideaes. E presto um grande culto de homenagem á pequena moderna que trabalha. Porque, antes de mais nada, eu fui uma dellas e bem sei das difficuldades e peripecias que passei, valentemente, para chegar ao ponto que cheguei.

— Ha um typo de mulheres famosas, que eu não posso tolerar. E' a mulher que tem demasiada presumpção e cabeça muito erguida... E, tambem, além da cabeça erguida, exteriormente, interiormente a certeza de que é independente, financeiramente e, assim, mais perfeita, como trabalhadeira, do que um homem, mesmo. E, tambem, assim, evitando qualquer protecção masculina. Só para mostrar que é capaz de viver á sua custa, sem sacrificios e nem aborrecimentos.

— Sinceramente, eu nunca fui assim. Porque eu sempre obedeci ao homem que amei. E se Irving me dissesse, a sério, que eu devia abandonar minha carreira. Eu não ergueria minha cabeça, altivamente, para lhe dizer que *nunca!* Ao contrario. Eu me sujeitaria. Porque, amando-o, não podia deixar de ter a certeza de que elle só estava fazendo isso para meu bem.

— Mas, elle proprio, vendo o quando eu lutei, antes e o quanto me custou galgar a posição que hoje occupo, no Cinema. Conformou-se e comprehendeu o quanto errado andaria se me privasse do direito de ser, tambem, um pouco do publico. Apesar de ser todinha delle, em alma e corpo.

— Elle se emociona muitissimo com o meu successo. E, quando um dos meus films faz successo, Irving é o primeiro a me felicitar e o primeiro a me applaudir, tambem. Eu pensei, a principio, confesso, que elle se enciumasse com os meus desempenhos e, mesmo, procurasse prejudicar as partes amorosas dos meus films. Mas não foi tanto. De facto, houve occasiões em que o encontrei com bastante ciume do galã deste ou daquelle meu film. E isto, intimamente, tambem confesso, foi um grande orgulho e uma grande satisfacção para mim.

— Mas o que mais admiro, nelle e o que mais delle me traz conforto e amor, é a confiança que elle tem em mim e a paixão que elle toma pelos meus papeis e pelo meu trabalho.

— A carreira que é a minha, em vez de atrazar, tem fortificado, sem duvida, o nosso já grande amor.

—Durante intervallos de filmagem, geralmente,

# Shearer vae deixar o Cinema?

estou occupada dando ordens aos criados de minha casa. Ordenando compras. Presidindo a compra disto e daquillo. E, assim, embora trabalhando não descuido nunca de meu lar.

— Jamais um film prejudicou o meu lar. E meu lar, parece, tambem não prejudicará meus films.

— Quando trabalho, sei que sou muito mais accessivel do que quando estou fóra do trabalho. Tenho temores e mais temores, quando estou filmando e emociono-me profundamente num dia de estréa de um film meu. Prefiro, ás vezes, pedir ao Irving que me dê o lugar de sua secretaria, para entrar ás 8, largar ás 5 e, assim, não ter maiores preoccupações do que passar a machina os trabalhos que elle me der. Porque isto, ao menos, evitaria as eternas grandes perguntas, que, em horas de descanço eu sempre faço ao meu querido Irving: estarei bem? O film fará successo? Minhas scenas estarão ao sabor do publico?

— Agora, emquanto estou esperando meu filhinho, paciente e curiosamente, approveito meu tempo e estudo francez e hespanhol. Eu queria ser dessas que deixam tudo e nem siquer se preoccupam com o menor detalhe, nestas occasiões. No emtanto, é impossivel. Eu sinto, intimamente, que não posso estar sem fazer alguma cousa. Seja ella a mais insignificante. Mesmo um sapatinho de lã para meu filhinho já tão querido.

— Tenho grande amor ao meu trabalho e adoro a popularidade.

Mas, ninguem, por isto, pode me chamar de egoista ou vaidosa. Porque, no mundo, não existe um homem ou uma mulher, que sejam, que não amem a popularidade. Mas, maior do que esta popularidade, para mim, é o olhar de approvação, de Irving, quando voltando de uma *primeira*, elle applaude, silenciosamente, o meu trabalho. E' elle, para mim, todo um grande publico que conforta meu coração Temo muito mais o insuccesso com Irving do que o insuccesso com os criticos. Mais amo ainda minha carreira, porque mais ainda o amo.

— Ha dias, falava-me uma senhora conhecida, perguntando-me se eu conhecia, por perto, algum collegio realmente bom para os seus garotos. Eu nada lhe disse, porque, realmente, não sabia. Mas fiquei pensando naquillo e no meu passado. Pobre, desde menina, eu jamais conheci uma educação esmerada e cuidada, como a filha daquella senhora ia ter. Mas, em compensação, lutei. Até chegar ao que sou hoje. Depois da luta, eduquei-me. Era principal assumpto a luta. A educação viria depois...

Dizendo isto, terminou sua conversa comnosco.

Deixamos sua casa. Satisfeitos, francamente, porque viramos que, afinal, é bem possivel, mesmo, conjugar uma perfeita educação á uma carreira de successos, como tem sido a de Norma Shearer.

Bôa artista. Melhor esposa. Será, sem duvida, dentro de pouco tempo, melhor mãe, ainda.

O — O

"La famille Klepkens", o film falado e cantado em francez que vem causando um successo fantastico em Bruxelles, vae ser apresentado em Paris. A direcção deste film é de Gaston Schokens, de quem os francezes já conhecem dois bons trabalhos como sejam — "Monsieur mon chauffeur" e "Croix de l'Yser".

# ANNA

FILM DA M. G. M.

*GRETA GARBO* . . . . . . . . *Anna Christie*
*Charles Bickford* . . . . . . . . . . . . . . . . *Matt*
*George Marion* . . . . . . . . . . . . . . . . *Chris*
*Marie Dressler* . . . . . . . . . . . . . . . *Marty*
*James T. Mack* . . . . . . . . . *Johnny, o padre*
*Lee Phelps* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . *Larry*

*Director: — CLARENCE BROWN*

— Espera alguem?

— Sim. Christopher Christopherson. O meu velho. Você o conhece? Eu sou Anna, sua filha.

— Mas... E' pena, minha menina! Chris viajou ha dias, mesmo...

A conversa travava-se entre uma mulher moça. Pallida. Abatida. E uma outra. Mais velha e com o todo de mulher de existencia torturada e debochada. Toda ella um deposito immenso de alcool do mais ordinario.

Anna Christie era linda. Mas estava feia, ali, porque seu rosto encovado. O brilho fraco dos olhos. E um traço brilhante de baton, nos labios. Denotavam o seu grande estado de fraqueza e a sua grande vontade de se mostrar forte.

A outra, Marty, uma pobre degenerada, conversava com ella.

E dizia-lhe, claramente, que não encontraria ali Chris, o velho Chris. Lobo do mar e aventureiro incorrigivel.

Depois da phrase de Marty. Anna deixou pender a cabeça sobre os braços crusados, em cima da mesa. E ali ficou, segundos interminaveis, a pensar. Depois, num movimento brusco e violento. Ergueu-a até á lampada fraca que illuminava aquelle ambiente de vicio e miseria. E gritou, num urro de féra ferida.

— Homens!!! Homens!!! Vis canalhas que eu odeio mais do que nada, neste mundo!!!

E, de novo, deixou que sua cabeça tombasse sobre os braços em cruz. Depois, insensivelmente, como se estivesse falando para si propria, ella completou a angustia amarga de sua phrase.

— Se ao menos tivesse tido um pae que zelasse por mim.. Nada disso teria acontecido!

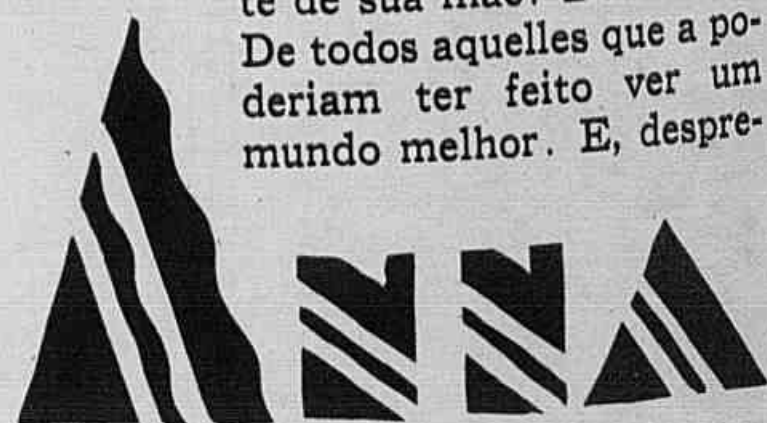
Marty olhou-a. Olhos cheios de alcool. Alma cheia de sentimentalismo dos bebados. Comprehendia vagamente aquillo que lhe dizia Anna.

— Mas, pequena... Elle me disse, um dia, que estava segura, numa fazenda, longe, bem longe do mundo...

Anna demorou a responder. Depois o fez.

Mas sempre no seu tom de amargura e odio ao mundo e aos homens.

— Disse! Pensou! Pobre diabo... Abandonou-me, isso sim. Visitou-me apenas uma vez. Assim mesmo, para me falar do mar. Das suas aventuras e, mesmo, das suas conquistas nos portos de escala... Que homem! Não foge á regra na qual incluo todos... Escrevia-me, é verdade. Mas cartas que falavam do mar. De aventuras. Sempre a mesma cousa. A mesma cousa, martellar os miolos e me botar maluca!!!

E era aquillo, ha muitos annos. Lembranças, Anna as tinha em penca. Mas, todas ellas, as mais tristes. Lembrava de sua mãe. Que tanto a quiz ver embarcando para os Estados Unidos, para a companhia de uma sua manã, em Minnessotta. Depois, a sua vinda. A morte de sua mãe. De sua tia. De todos aquelles que a poderiam ter feito ver um mundo melhor. E, desprezada. Abandonada. Deixada ao léo. Por seu proprio pae, por aquelle que deveria, na vida, ser todo seu amparo... Ali se achava ella. Decahida e inutil. Defronte a Marty. Uma outra coitada que já era, agora, apenas a

sombra de um passado de vicio e perversão. Arruinado terrivelmente pelos annos de luta e pelo alcool...

Era esta a vida de Anna Christie. Com pouco mais do que 20 annos. Sem uma esperança, no horizonte do seu futuro. Sem um raio de luz para lhe illuminar a fé em dias melhores.

Sua mocidade, para ella, afinal, nada mais era, mesmo, do que uma grande miseria. Sentia, dentro de si, um grande desconforto e uma grande vontade de morrer. Nada lhe sorria. Tudo, para ella, tinha o sabôr do amargo, do ruim...

Depois, Anna tornou a falar.

— Dizes que elle pensou. Mas em que pensou elle? Em me matar? Depois que minha tia morreu, o desgraçado lá me deixou, trabalhando como uma doida. Para o sustento de primos que eram os mais brutos e os mais deshumanos de todos os seres vivos... Isso é que elle pensou!

Marty olhava-a, apenas. Comprehendia, pelo resplendor daquelles olhos doentios. Todo o soffrimento, toda a angustia de uma mulher que jamais conheceu a felicidade...

— Um dia, quiz fugir. Recebi de meu tio, apenas murros e máos tratos. Escrevi a meu pae. Recebi conselhos e mais conselhos. Dizendo que obedecesse cégamente a

meu tio... Homens!!! São todos da mesma especie... Foi ahi que, mais do que nunca, lutei pela minha fuga. E, um dia, quando não esperava. Elle proprio. Meu tio, mesmo, consentiu que eu sahisse. *Sáe!* Disse-me elle, aos berros. *Queres a rua? Podes tel-a! Mas vae já! Vamos, sáe!!!* E sempre acossada. Sempre perseguida. Sempre envenenada, eu sahi, mesmo. Porque já nem aquelle tecto

# CHRISTIE

infame me queria mais com elle... Mas aonde iria eu, com apenas alguns centavois no bolso? Aonde? Acabei na estação, sem destino, esperando um trem que eu nem sabia qual era e nem para onde ia. Apenas esperava um trem. Fosse elle qual fosse e viesse de aonde viesse para me levar para qualquer lugar... Um outro *homem* appareceu e se offereceu para me ajudar.. Mais um *animal selvagem* que encontrei em minha existencia... Isto ha dois annos, minha estimada Marty... Ha dois annos... E já me parecem 20 de opprobrio que carrego sobre os hombros... Todos os homens que encontrei em minha vida. Têm sido assim! Todos! Aquelle da estação. E' o mesmo que aquelle que ha pouco entrou e me beijou, furiosamente, lembras-te?... E foi depois de o ter encontrado e confiado nelle, porque era o unico que tinha falado brandamente commigo. Passei a ser Anna. A Anna Christie... Essa mesma que provoca sorrisos de maldade e phrases canalhas de todo esse mundo de féras que aqui vem... Deus!!! Não sei se existes! Não sei... Mas se existes... Ouve: odeio aos homens! Miseraveis sem entranhas. Patifes de máos instinctos. Féras em pelles de gente... E meu pae... Afinal, pobre diabo, não passa de um homem, tambem...

Acabando de dizer isso, Anna ouviu uma risada que lhe recordava a infancia, sem querer. Era Chris. Marty a estava enganando, ali, para ver se a convencia e dar ao pae uma melhor recepção. Verdade era, mesmo, que elle sempre fôra um pobre diabo. Mas de bom coração. Pensava que sua filha fosse uma santa creatura. E ignorava, totalmente, todos os seus vexames e torturas, pelo mundo afóra...

Antes que elle sahisse do interior daquella sala de jogo, enfumarada e pestilenta. Marty disse rapidamente a Anna.

— Eu a enganei, Anna, para que finjas, perante elle, o pobre velho, que é uma pequena direitinha e séria. Não o magoe! Lembre-se de que elle é seu pae, afinal...

A scena que se seguiu, foi rapida. Chris estacou á porta. Olhou Anna. Esta, quasi que lhe atira a phrase de desrespeito e odio que já tinha prompta. A mão de Marty, rapida, apertou a della. Fel-a silenciar. E, num segundo, Anna derretia toda a magôa do seu coração e Chris toda sua saudade de homem selvagem, do mar. Num immenso abraço e numa grande ternura.

A primeira phrase, foi Anna que a disse. Engasgada de lagrimas. E amargurada terrivelmente.

— Pae. Porque é que nunca se lembrou de voltar á Suecia e olhar Mamãe?...

Era a sua eterna magôa.

(Termina no fim do numero).

# CINEMA DE AMADORES

(*De SERGIO BARRETTO FILHO*)

O INCENDIO DE SÃO PAULO

Para os amadores novatos a cujos olhos se lhes deparou, de subito, aquella tragica noticia publicada em quasi todos os jornaes, é indubitavel que esse facto representasse uma advertencia contra o perigo dos projectores para o lar.

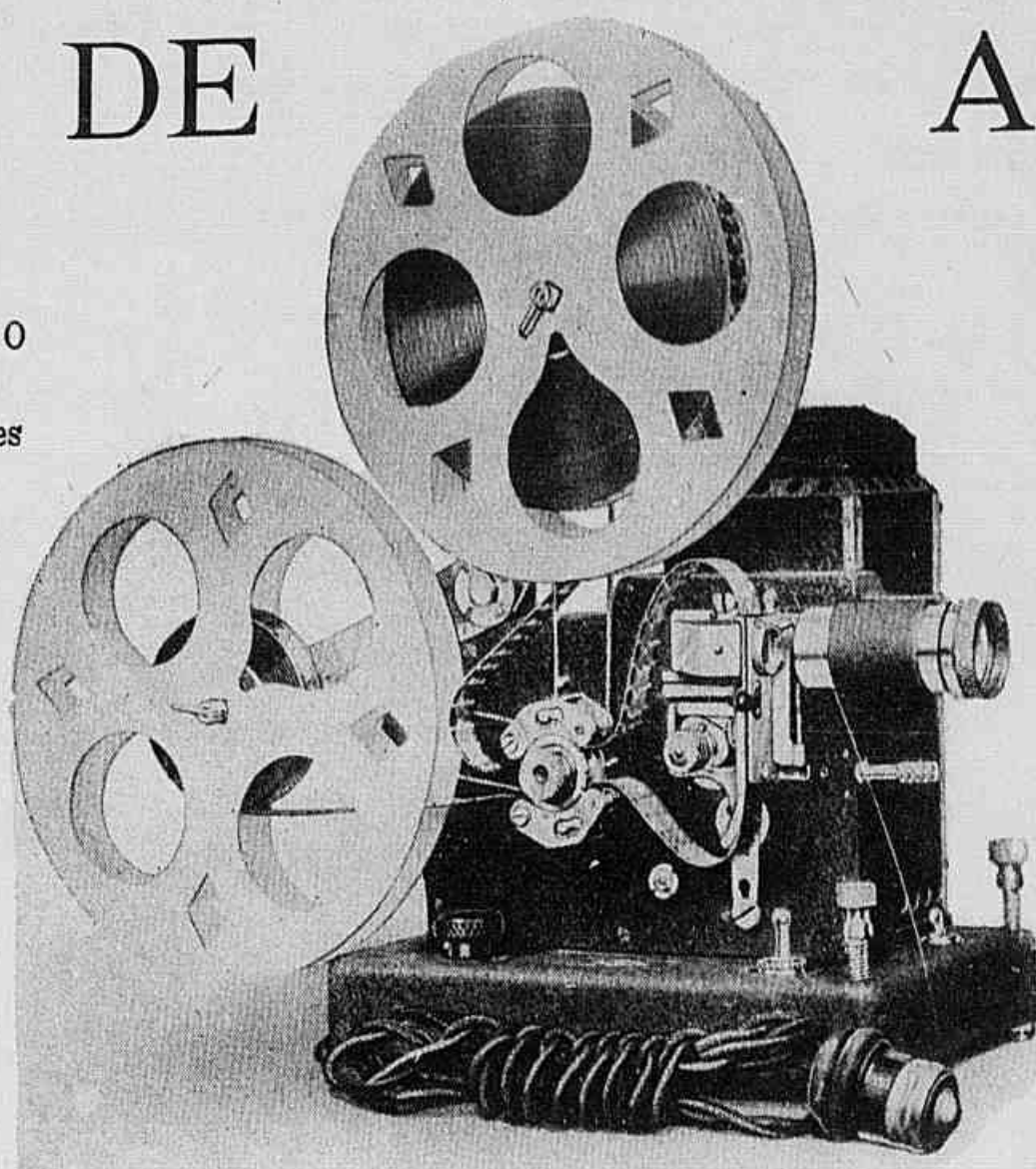
Mas esse perigo não existe. E' um méro resultado do medo que acompanha os jornalistas que não estão ao par da verdadeira rota que o Cinema de Amadores vae seguindo na sua continua perfeição. E é pois por estas razões que hoje tomo da penna para demonstrar aos amadores novatos e aos jornalistas pouco conhecedores do assumpto, como o receio dos primeiros e a advertencia dos segundos peccam pela base. E sinão, estudemos o assumpto. O facto deu-se do seguinte modo:

Donos de uma pequena machina cinematographica, dois filhos do mechanico Bruno Chinachi, residentes á rua Candido Valle 67, em São Paulo, costumavam organizar sessões cinematographicas para os garotos da vizinhança, com films proprios para essas crianças. E assim pois, no dia 3 de Agosto, affixaram os seguintes dizeres na porta de uma casa desahabitada, de numero 83, na mesma rua Candido Valle:

HOJE — HOJE<br>
Cine Candido Valle<br>
Napoleão em Santa Helena<br>
Deikiriki Japonez<br>
Creada de Quarto — comedia<br>
Corço dos 700 kilos — comedia<br>
Entrada 300 réis.

Assim pois preparado o programma, ás 7 horas da noite o quartinho onde se faziam as sessões do costume, e que ficava nos fundos da casa deshabitada, estava repleto, com perto de quarenta pessôas, entre crianças e adultos. Cheio o aposento, fecharam a porta, e collocaram junto a esta a machina projectora, ficando junto aos meninos Chinachi, como auxiliar, um moço de 25 annos denominado Del Bello, emquanto do lado de fóra, outras pessôas procuravam espiar os films atravez das janellas. Começou o espectaculo e o film de Napoleão em Santa-Helena foi passado. Mas subitamente alguem lançou um phosphoro sobre a lata dos films, e que estava aberta, tendo o celluloide ardido immediatamente, e dado origem áquelle terrivel incendio em São Poulo, e no qual falleceram seis crianças no proprio local do desastre, seguidas de mais quatro desenganadas, sendo que ha mais nove em estado gravissimo.

Os vespertinos que aqui, no Rio, contaram esse desastre ao publico, fizeram-n'o porém, com certos excessos que, si nós, daqui de "Cinearte", não reduzimos aos seus exactos termos, o Cine-Amadorismo é que irá perder com isso. Felizmente, porém, esse mal não é de monta. Elle vem do facto de chamarmos todas as camaras photographicas de "Kodak", todos os phonographos de "Victrolas", e todos os projectores pequenos de Pathé-Baby. Ora, isso não vae de accordo com os factos, visto que nem todas as camaras são Kodak, nem todas as machinas falantes são Victor, e nem todos os projectores para o lar são Pathé.

Analysemos o assumpto que dá margem á nossa despretenciosa chronicazinha de hoje. Publicando a noticia da tragedia que tanto emocionou os paulistas quanto os cariocas, tres vespertinos do Rio denominaram o pezaroso acontecimento como "um cinema de brinquedo que se transforma em um incendio de verdade", e mais adiante, referem-se ao espectaculo de que se originou a tragedia, como uma sessão de Pathé-Baby. Ora, ahi justamente se acha o mallefico engano, porque nem o espectaculo foi de brinquedo, nem na sessão se viu um film Pathé Baby siquer. Os projectores que mais emprego têm, nos lares brazileiros, são o Kodascope, que usa film de 16 millimetros, o Filmo tambem para 16 mm., o Agfa Ansco, ainda para 16 mm. e o Super-Baby para 9 mm.

O PROJECTOR<br>
AGFA-ANSCO<br>
PARA<br>
AMADORES

*Note — que o systhema de illuminação reflexa, por meio de um espelho, sobre a pellicula.*

Como se vê, são esses os principaes projectores do amadorismo, que se podem encontrar nas casas de optica e photographia do Rio ou de São Paulo. Si portanto aquella desgraçada tragedia foi occasionada por um projector cinematographico, esse projector foi um desses projectores tão empregados pelos amadores nos seus lares, e nem tão pouco os films que deram inicio ao incendio eram quer de 9, quer de 16 millimetros. D'ahi não haver motivos para aquella invectiva contra o amadorismo, espalhado no dia 4 por todos os jornaes do Rio e de São Paulo. Imprudencia, isso houve, não ha duvida, mas o que não existiu foi a coparticipação do Cinema de Amadores para o mallogrado desastre.

Que o projector que se achava naquelle quarto da rua Candido Valle não era para amadores, isso podemos nós daqui de "Cinearte" provarmos porque tivemos em mãos um retalho do film que se estava passando no apparelho, no momento em que a lata com os outros films deu origem ao incendio. E esse retalho, que tivemos entre os nossos dedos, apresentava a largura de 35 mm. com 4 perfurações ao lado de cada quadrinho. Como se vê, tanto o projector como os films eram do typo "standard", e o espectaculo que, naquella noite, deu origem á morte de perto de 12 crianças, não tinha sido promovido por intermedio de uma Pathé-Baby, de uma Filmo, de uma Agfa, ou de um Kodascope; nem os films tinham sido de 9 ou 16 mm. Talvez por isso mesmo é que a catastrophe se verificou. E si tivessem usado o Cine de amadores, desde já estaria certo de que nunca se teria verificado um desastre dessa natureza.

Os vespertinos cariocas chamaram o projector de Pathé-Baby. Mas isso é falso. Não houve a minima parcella de material para amadores no tragico quartinho da rua Candido Valle, em São Paulo. E para convencer aos novos e futuros amadores como o amadorismo exclúe qualquer perigo de incendio, vamos dispôr das columnas da edicção de hoje afim de apontarmos como nos projectores para o lar o incendio é um facto difficil de originar.

Antes de mais nada, os films alugados aos amadores, e dizemos *alugados porque* hoje em dia poucos os *compram*, são absolutamente incombustiveis, quer os de 9, quer os de 16 millimetros. Si chegarmos um phosphoro ao film de 9 mm., este não arde como séria de suppor. Póde avariar-se, damnificar-se, porém, arder, consummir-se, isso não acontece de modo algum.

Em segundo logar, tanto os projectores de 16 como os de 9 mm. têm as suas lanternas illuminadas com lampadas á incandescencia, protegidas da pellicula rigorosamente, por meio de espelhos e condesadores.

Em terceiro logar, a origem do incendio na capital paulista foi devido a um phosphoro acceso que qualquer dos espectadores, inadvertidamente lançou sobre as latas de films, e de films do typo *standard*, inflammaveis ao primeiro contacto. Donde se conclúe que a culpa do desastre está toda no facto, justamente, de não ter sido empregado o material, de 9 ou 16 mm., proprio para esse genero de espectaculos cinematographicos. E aquella asserção dos nossos vespertinos de ter sido "um cinema de brinquedo que se transformou em um incendio de verdade" cáe pela base.

Os nossos amadores não devem portanto temer o amadorismo, cinematico. Desde que o material empregado seja aquelle proprio que se vê no mercado, ali posto para o uso dos amadores, nós affirmamos que toda possibilidade de um incendio desapparece, devida á propria construcção dos projectores, e devida á ininflammabilade do celluloide empregado.

Conforme dissemos, tivemos entre mãos um retalho do film que estava sendo passado naquelle quartinho na occasião do desastre, e esse film era do typo "standard", e o que é peor, era "virado" ou colorido, o que augmenta ainda mais a facilidade daquella gelatina em pega fogo. devido ao banho chimico a que o positivo é submettido no acto da "viragem".

Por outro lado, nas photographias do local do desastre, publicadas nos jornaes, vê-se distinctamente a peça denominada, nos projectores profissionaes, de "cruz de malta". Ora, não ha um só projector para amadores que traga essa "cruz de malta" tal como se vê naquellas photographias. E o proprio projector para amadores Pathé traz o seu obturador dentro da propria caixa, e não como se vê ali.

Os nossos amadores agora não têm motivos para temer o funccionamento dos projectores para o lar. Não ha motivos para temer um desastre como o de São Paulo. E si aquelle, tão deploravel, deu margem ao passamento de dez ou doze crianças, não tel-o-ia dado, si o material empregado tivesse sido realmente *para amadores!*

---

"L'Arlesienne" o film que dizem marcará um successo ruidoso, está quasi terminado. J. de Baroncelli, o director, tem empregado todos os esforços para que a sua producção alcance o agrado geral. Nas ultimas semanas de trabalho de Studio, José Noguero e Blanche Montel, tem sido os artistas que mais têm trabalhado.

卍

Marie Bell, a estrella de "La nuit est à nous", quando partiu ha alguns mezes para o Egypto com alguns elementos da sua companhia theatral, para uma tournée em varios theatros daquelle paiz, foi apresentada ao industrial Whaba Barsoum, rei do algodão. As ultimas noticias dizem que elles se casaram agora em Londres, tendo partido dias depois para Alexandria.

卍

Vera Flory, uma encantadora pequena e que tomou parte em varios films, dentro os quaes: "Cousine Bette", "Les Deux timides" e "Le danseur inconnu", acaba de casar-se com René Lévy Oulmann, advogado da Corte.

卍

Parte dos Studios sonóros da Gaumont, está occupado pelas montagens do film "Un trou dans le mur" que René Barberis está dirigindo. O argumento é d'Yves Mirande e os principaes artistas são: Jean Murat, Dolly Davis e Pierre Brasseur.

卍

Maurice Gleize, o director de "La Madame des Sleepings" está dirigindo um pequeno film falado e sonóro que comprehende uma série de attracções, jazz, dansas, etc. Yvette Bischoff, uma linda extreante e Jean Dalbe, o Junot de "Napoleon", são os protagonistas.

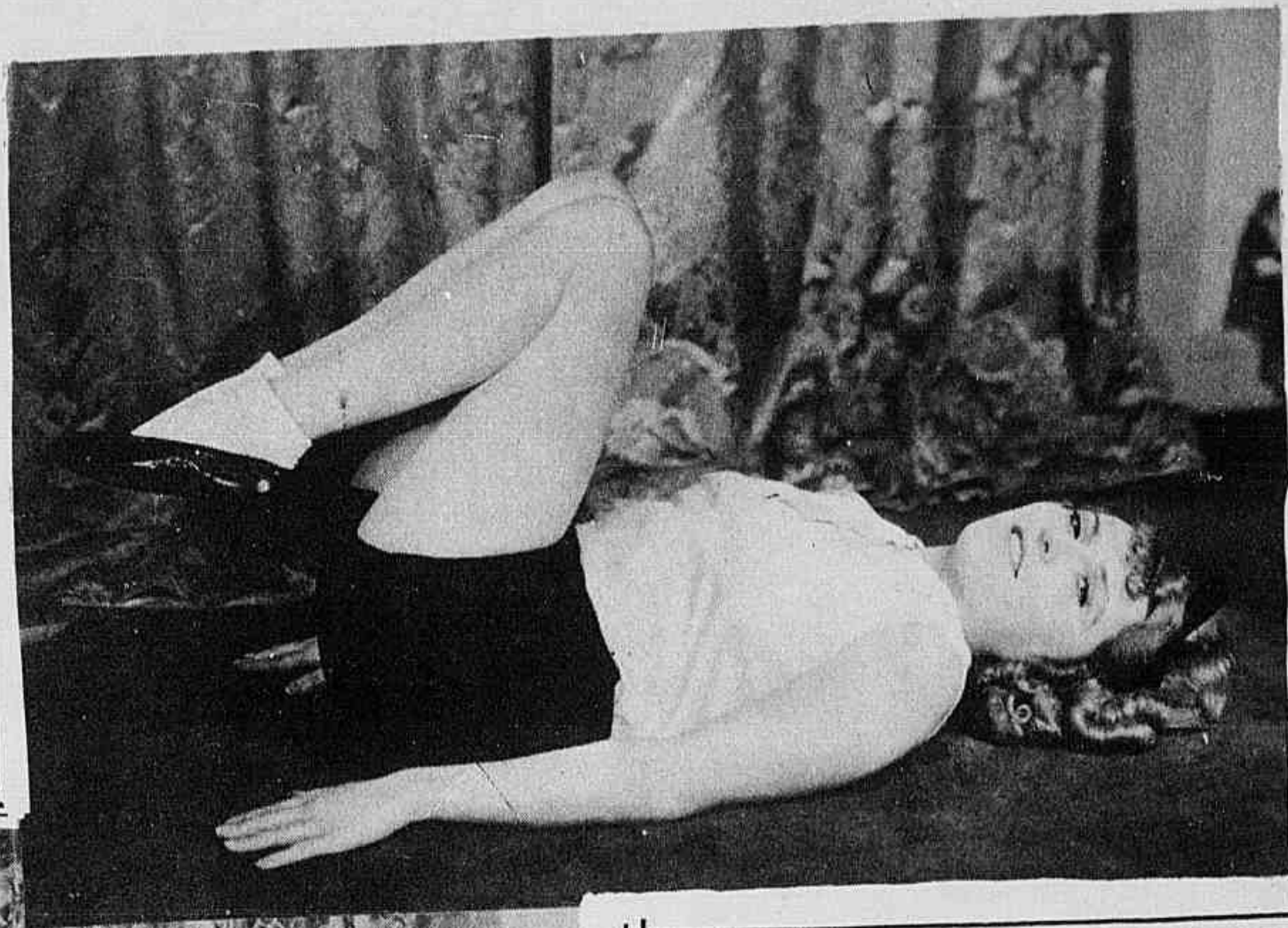
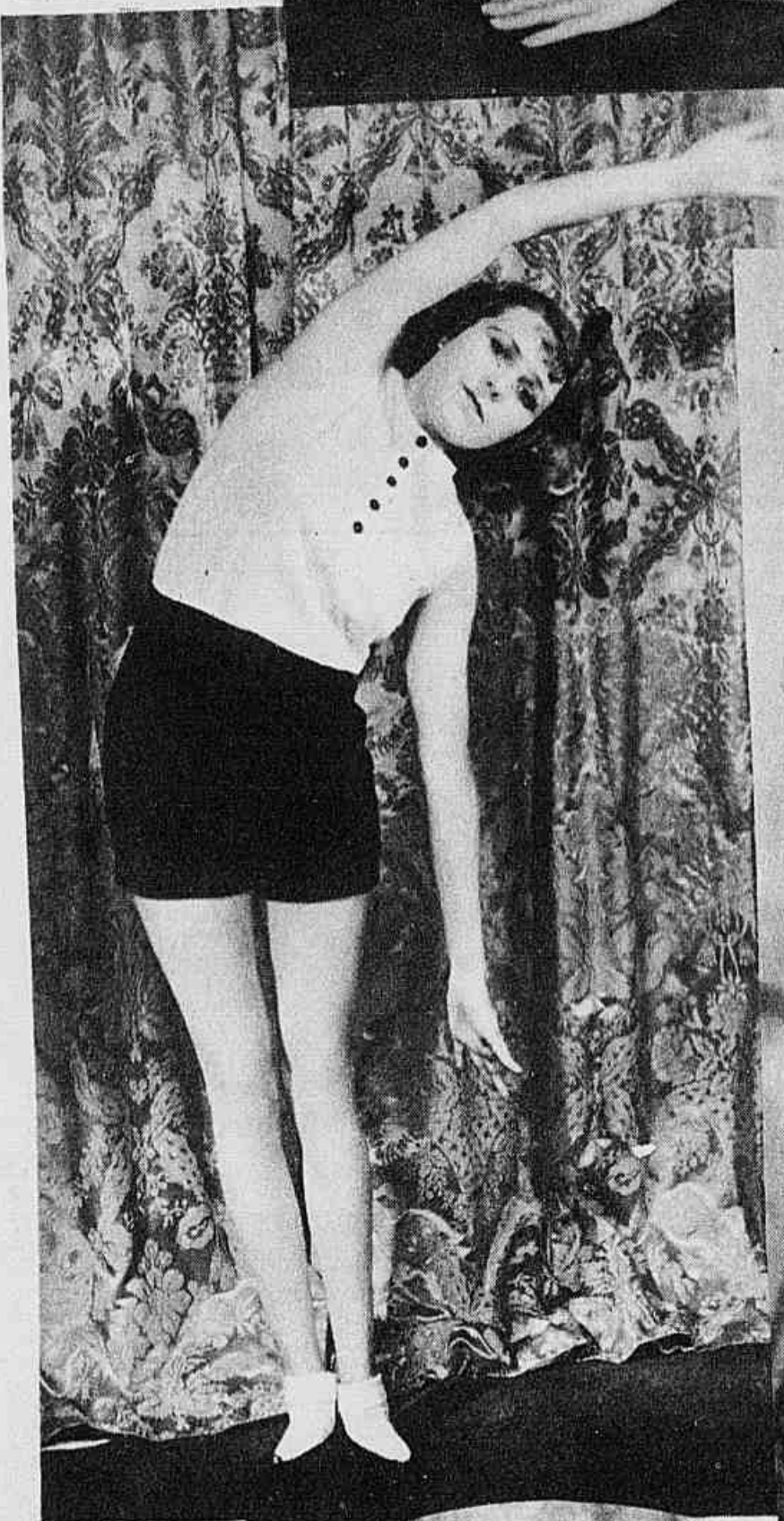
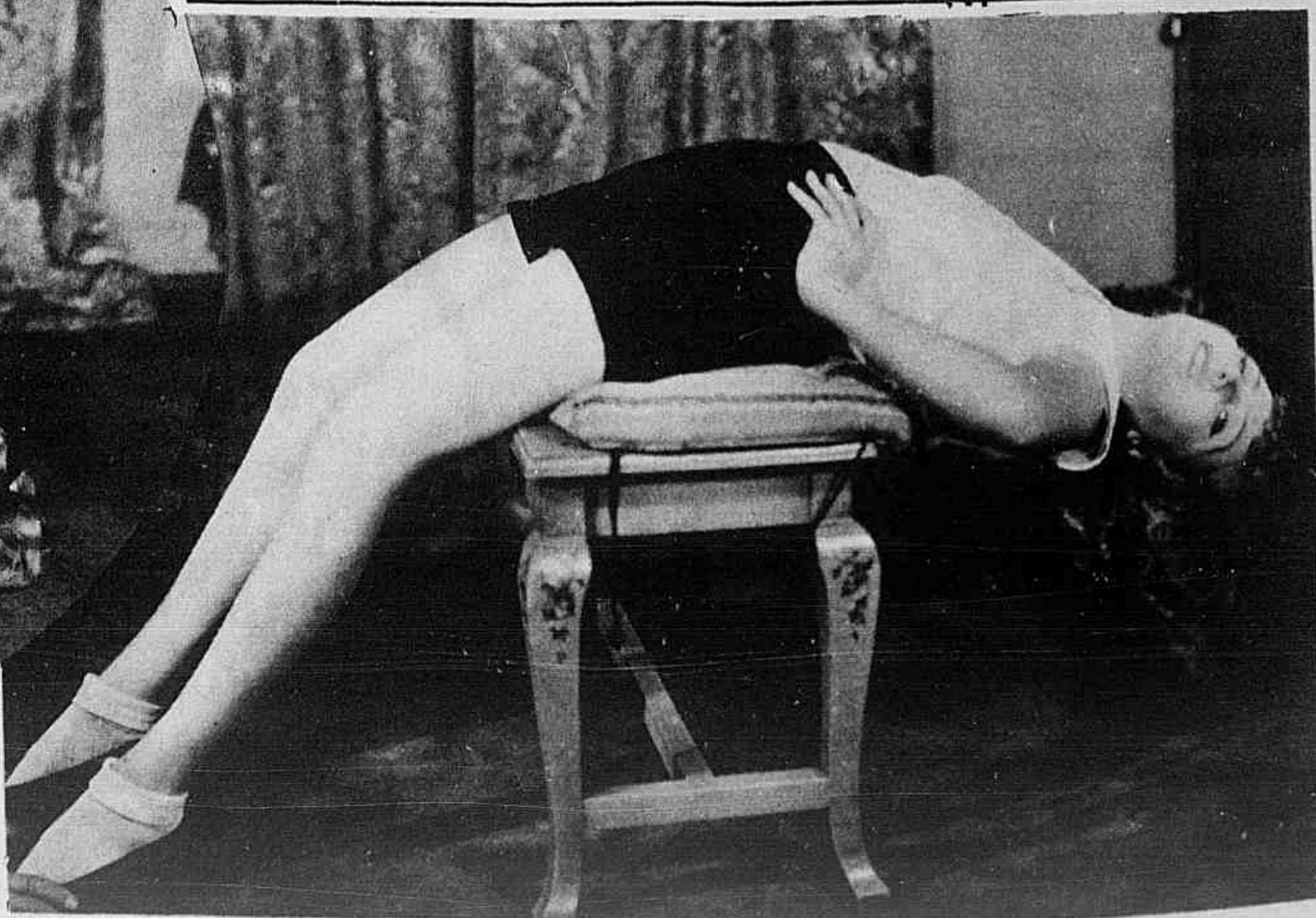
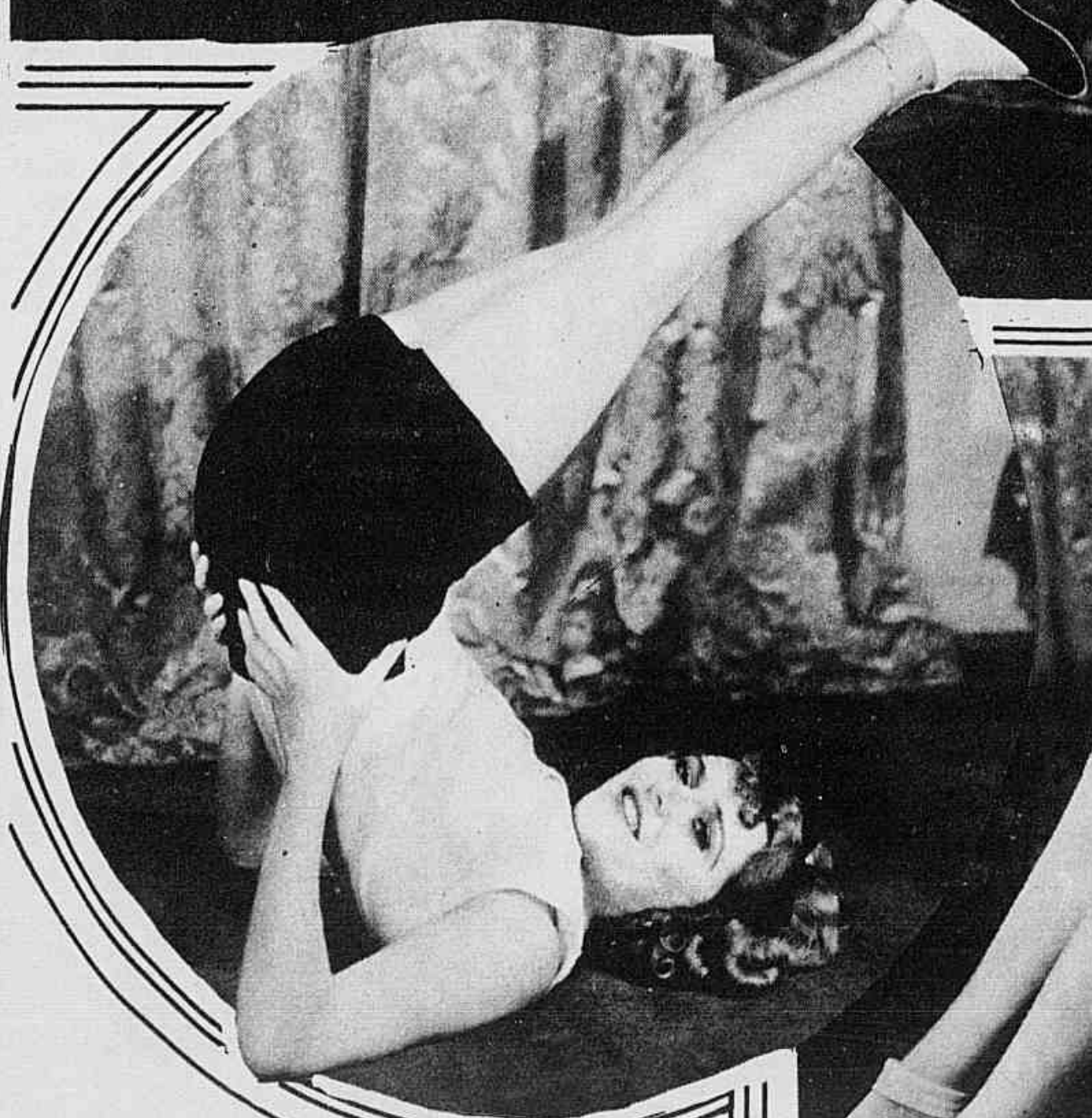
卍

"La Tendresse", a nova super-producção de André Hugon, falada e sonóra, está terminada. As principaes figuras do film são: Marcelle Jefferson-Cohn, que teve papel de destaque em "Le collier de la reine", Jean Toulout e Noguerre.

*Um grande acontecimento social em Hollywood.*

*Entre as 'demoiselles" estão Betty Compson, Constance Talmadge, Lila Lee e Marie Mosquini.*

**Bebe e Ben estão casados**

# Ruth Roland é boa conse-lheira...

NO EXERCICIO DA PUBLICIDADE...

ASSIM NÃO HAVERA' MAIS SUICIDIO NEM DIVORCIO...

NADA DE XAROPES E FORTIFICANTES! EXERCICIOS!

(ASI ES LA VIDA)

*Film da Sono Art — Producção de 1929.*

José Bohr . . . . . . . *José Rolan*
Lolita Vendrell . . *Blanca Franklin*
Enrique Acosta . . . *Mr. Franklin*
Marcela Nivon . . *Mrs. Franklin*
Tito Davidson . . . *Jorge Franklin*
Delia Magana . . . *Luisa Franklin*
Julian Rivero . . . . . *Mr. Calton*
Myrta Bonillas . *Condessa V. Brun*
Ernesto Piedra . . . . . . . *O sapo*
Cesar Vanoni . . *Manoel, mordomo*
Rosita Eil . . . . . . *Cora, criada*
Juan Ortiz . . *Oswaldo, chauffeur*
Louis Hickus . . *Sargento de policia*

*Director:* — *GEORGE J. CRONE*

Uma das curiosidades daquella parada em Kernville, no Estado de Connecticut. Para os que viajavam diariamente por ali.

# Assim e'a Vida

Era, sem duvida, a série de casas de moradias luxuosissimas que os ricaços das vizinhanças mandavam erigir ali.

Emquanto o trem parava, para tomar e deixar passageiros. O guia dos excursionistas, repetia a mesma historia de sempre. Que uma das principaes casas. Aquella! E apontava para a mais bonita dellas. Pertencia aos Franklin. E que elles, particularmente tinham uma excentricidade. Que partia, aliás, de Madame Franklin, uma millionaria extravagante.

Consistia ella em recolher vadios e desoccupados, no seu lar de luxo e conforto. E, dando-lhes o que precizassem. Conseguir, aos poucos, transformar-lhes os máos instinctos e encaminhal-os á vida de bem que mereciam, igualmente.

Arrematando, o guia gritava a phrase de costume.

— Mas um dia... Ella ainda se arrependerá! Porque o seu colar de 250 mil dollars, ainda ha de parar nas mãos de um desses seus "protegidos" vagabundos...

Terminando sua phrase. O guia não viu um jornal que se afastou. Para dar passagem á uma cara de vagabundo incorrigivel. E nem, tampouco, notou que o trem partindo, não levava mais, nelle, o mesmo vagabundo do jornal...

Kernville, afinal, era interessante!

Bocejou José Rolan. Estirou os braços. Espreguiçou. Depois, repetiu a phrase.

O colar de 250 mil dollares, ainda ha de parar nas mãos de um desses seus "protegidos" vagabundos...

E seguiu, passos desencontrados. Assobiando uma melodia qualquer...

Dias depois, um automovel achava-se enguiçado á beira da estrada.

O chauffeur, mergulhado sobre o motor, desespera-se. E a senhora, do interior do carro, olha impaciente para o mesmo.

— Mas você... Você me disse que tambem era mechanico!

Zangava-se inutilmente. Tudo continuava na mesma...

Ao longe, passos incertos, vinha um rapaz mal vestido, lendo um jornal. Ao chegar naquelle ponto da estrada. Parou. Ergueu os olhos da leitura e, á portinhola do carro, leu um nome. Debaixo de um escudo de nobreza..

"FRANKLIN"

Ergueu rapidamente os olhos. Encontrou os de Madame Franklin...

Abaixou-os, novamente, olhou o chauffeur. Sorriu, intimamente. Approximou-se, depois.

— Desculpe-me, senhora...

(*Termina no fim do numero*)

# O divorcio para Mary e Douglas?

Foi Douglas Fairbanks que começou a historia toda!

O boletim partiu de Pickfair, já precedendo uma série de commentarios e mexericos infalliveis...

Dizia o mesmo, em bom Americano, que Douglas ia deixar Hollywood e os Estados Unidos, depois, para assistir, em Londres, á algumas partidas internacionaes de golf.

Mas o que tem isso?

Nada, realmente. Mas é que elle iria... só!!!

Não se mencionava siquer o nome de Mary, a Rainha de Pickfair. Nem se citavam probabilidades de mais uma excursão de successos, pela Europa. Igual a tantas que já haviam feito muitas que ainda poderiam fazer, sempre juntos... Durante 10 annos de casados, que já têm, jamais se separaram, quanto mais para uma viagem!

Douglas iria só, afinal. Chocante, realmente... Muitos foram os sentimentaes que viram seus olhos razos dagua, quando leram a noticia...

Era, mesmo, a primeira pedra que se atirava nesse castello perfeitissimo, que é o lar de Douglas e Mary...

E até agora ainda falam. Até agora aindá murmuram.

Mas o que ha com Douglas e Mary?

A resposta completa, radical, ainda não foi escripta e nem poderá ser, por emquanto. Mas póde-se dizer, francamente, que, de facto, alguma cousa acontece naquelle lar que ha tantos annos vive feliz numa Hollywood quasi impossivel aos casamentos felizes...

Ha uma mudança em tudo. No ar, mesmo, que circumvizinha Pickfair, o castello de 10 annos de matrimonio perfeito, sente-se isso...

Podia-se dizer, facilmente que...

Que Mary não gosta de golf e, por isso, preferiu ficar. Ou, então, que o casal cogitou de umas férias matrimoniaes depois desses 10 annos de inseparavel existencia. Mas isto, sem duvida, não preencheria as necessidades da quantidade de perguntas...

O film falado, para Douglas Fairbanks e para Mary Pickford, foi um desafio. Durante annos, cada qual fazia o seu film, occasionalmente, sem se preoccupar, muito, com o que accontecesse. Mas chegou a avalanche da voz. E, para se manterem, foram obrigados a trabalhar muito mais do que a quanto estavam habituados...

Douglas e Mary, mesmo, sentiam que, afinal, no Cinema, já não eram mais as figuras que o publico tinha em conta principal. E que, sim, eram mais respeitados como uma recordação de um Cinema melhor, de outros tempos...

Foi ahi que o microphone os apanhou. Quando, justamente, tentavam deixar o Cinema, airosamente, ainda que um pouco esquecidos pelo publico. Mas, afinal, fazendo uma retirada em plena apotheose da fama e do successo.

A familia de Pickfair, assim, embora uma das mais aristocraticas de Hollywood, foi tambem atacada directamente pelo mal... Assim que o mundo todo se refez do susto que as primeiras experiencias faladas lhes pregaram, as attenções todas se voltaram para Pickfair. Se estavam fracassando os vassalos. Subindo alguns dos principes. Cahindo, outros, porque não chegaria, então, a vez do rei e da rainha?

Mary acabou cortando os cabellos e estrellando "Coquette". E, pelo seu trabalho, ganhou uma estatueta moderna da "Academia" de Hollywood.

Era a primeira tentativa, sem duvida, mas, afinal, de que custa concordar com a "Academia" e achar, mesmo, que o trabalho de Mary foi dos que mais se salientaram diante do microphone?

Depois disso, cahiram, Douglas e Mary, o casal real, na farça Shakespereana, "Mulher Domada" (The Taming of the Shrew). Sem duvida não a melhor cousa que quereriam fazer. Mas, apesar de tudo, e, para não contrariar, tambem, uma das mais engraçadas...

Nada disto avançou na historia do Cinema. A grande e nova industria, mudava, de dia para dia, de noite para noite. E, por causa disto, houve uma pequena rusga no lar dos reis de Hollywood...

E' só o que se sabe, por emquanto.

Douglas diz, claramente, que não gosta dos films falados e nem delles quer saber. E que acha, mesmo, que se não acha devidamente preparado para enfrentar uma audiencia que quer ver e ouvir.

Que ninguem se surprehenda, portanto, se de um momento para o outro, elle resolver, afinal, jamais enfrentar uma "camera". Muito embora já esteja no elenco de mais um film, "Reaching for the Moon" e ainda seja candidato a outro.

Elle confessa, ainda, que o elemento "tempo", nisto, é o que mais o preoccupa e que está seriamente desejoso de realizar um film, como entende, sob a direcção de Eisenstein que, sem duvida, é um esplendido guia. Mas Hollywood, afinal, quer saber mesmo o que é "tempo?..." Alguem diz, com alguma razão, que Douglas, afinal, neste caso, está sendo u: D. Quixote a combater moinhos de vento...

Mary tambem está soffrendo as consequencias dos "talkies". Com tudo prompto para o inicio de "Forever Yours", houve, afinal, uma "suspensão" imprevista e Mary, agora, está "estudando..."

Mas o que ha?

O facto é apenas um. Mary, agora, passou a ser, da grande figura de Cinema que era, uma simples artista. Uma "artista" e... nada mais.

Assim, as cousas param neste pé. Emquanto Douglas assiste torneios de golf, na Inglaterra e promette regressar, breve, para seu proximo film, Mary, por sua vez, suspende suas filmagens e alega que o seu film a está desapontando muitissimo e que nem a photographia delle se salva...

Mary sempre disse que se ia retirar do Cinema, antes que o tempo lhe roubasse o throno. No emtanto, o tempo tem passado e ella se tem sempre esquecido do que prometteu...

Mas... Será o tempo que veio?

Separados ou juntos, annunciarão, Mary e Douglas, que deixam o Cinema?

Assim, existem tres razões pelas quaes estão mais ou menos se afastando da téla.

Aborrecimento pessoal, apathia do publico e uma couzinha pequenina que chamam Microphone...

Além disso, outra cousa ainda causa aborrecimentos ao casal real de Hollywood. E' a celebre phrase de Cezar: *Eu e tu, ficamos velhos. Mas o pessoal do Hollywood Boulevard continúa sempre joven.*

A vida tem suas normas, igualmente. E' inutil, portanto, tentar contra as mesmas, não é? Douglas já alcançou ha algum tempo a casa dos quarenta e Mary, anda beirando a mesma... Ha muito tempo que frequentam os Cinemas do mundo todo e ha muito tempo que são idolos do mundo todo! São ricos e, afinal unidos, além de tudo, por um dos mais fortes laços que se conhecem — a cadeia da opinião publica!

Os olhos todos se voltam para elles. Porque constituem, elles, um exemplo vivo de felicidade matrimonial em um logar impossivel para isso: Hollywood!

Muitos têm sido os casamentos de Hollywood. No emtanto, o de Mary e Douglas, é sempre o mesmo e é sempre commentado e citado. E, agora, esta separação assim. E' a prova insophismavel de que a mocidade se lhes está passando... Porque, quando alguem que já passa um pouco além da mocidade procura uma liberdade, fóra do lar, é porque, sem duvida, já se está sentindo velho e quer, assim, uma liberdade que suppõe ser a felicidade dos ultimos dias de existencia...

E' possivel que seja este o espirito da situação em Pickfair. No emtanto, nada affirmamos. Apenas dizemos que é possivel. Nada mais.

Dez annos de grande amizade e camaradagem. Abençoados pela riqueza, amizades, adulações e um eterno raiar de sol. E' tudo? Ou ainda existe muito mais a fazer e o tempo já é pequeno? Ninguem sabe, sem duvida, a sorte de batalhas intimas que se têm travado em Pickfair. Ninguem sabe.

*MARY E DOUGLAS NOS PRIMEIROS TEMPOS DE CASADOS.*

(*Termina no fim do numero*)

# Carmel Myers

*Gosto de você, Carmel. Mas o seu tempo foi aquelle de "Sujeição", "Na terra das uvas" e outros, aquelles films saudosos em que Kenneth Harlan lhe beijava tanto... e de que maneira!*

# O que é o Amor

## Alice White

—O amor, para mim, é o laço forte que me priva de toda a independencia pessoal! Quando elle vem, significa o fim da liberdade e o começo do perenne sacrificio... E, apesar disso, o amor continua sendo, para sempre, na minha vida, a unica cousa que, de facto, me faz feliz!

— Cada vez que eu penso, sem amor, é o mesmo que eu me pensar sem esperanças ou ambições. O amor sempre está commigo. Desde que tive sufficiente idade para comprehender a profunda força que elle exerce sobre mim. Eu jamais deixei de amar! Se eu soubesse, com certeza, que, na vida, jamais encontraria um homem que me amasse e ao qual eu não pudesse amar, tambem. Preferiria morrer. Porque, para mim, a vida, sem o amor, é uma parede núa e despida de colorido attrahente...

— Sem o amor de, ao menos, um homem. Eu me sentiria como se me estivessem suffocando. Faltaria o ar que me dá a propria vida! Esta convicção eu a adquiri, desde o instante em que comprehendi, claramente, que, na vida o amor é tudo para mim. Dinheiro, fama ou aventuras, para mim, nada significam. Mas o amor de facto de um homem que eu ame tambem, é a maior necessidade da minha vida e o maior encanto da mesma.

— Eu comprehendo, perfeitamente, que é difficil conceber uma cousa que nos tolha toda a liberdade e, no emtanto, nos de, ao mesmo tempo, a maior das felicidades. Mas, quando affirmo este quasi paradoxo, é porque é essa a maneira pela qual eu sinto o amor. Eu sinto que me desgraço, com elle, é, no emtanto, desgraço-me voluntariamente. Porque preciso dessa prisão. Porque necessito desse pesado grilhão. A Alice White que o publico conhece, nos seus films não é a Alice White... Como direi?... Sim! Não é a Alice White do amor, como eu sou. Quando entro pela vida e pelo amor, perco, geralmente, todos os attributos de menina e garota que represento, nos films. A minha vida, de todos os dias, não é a vida da Alice White que os *fans* admiram, num Cinema. E' mesmo, completamente opposta. Possivelmente é essa differença, mesmo, que me habilita a representar, no Cinema, o caracter que represento. Sou tão differente, na vida particular, do que na téla eu vivo que, creio, é essa a razão do meu successo, em ambos os campos. Eu jamais representei, no Cinema, mesmo, uma garota que tivesse a real comprehensão do que o amor verdadeiramente significa. As personalidades que tenho vivido, na téla, são as menos eu que se possam imaginar. A Alice White que viram nos films, *Jamais conheceu o amor!* E' a Alice White que representa a melindrosa, que todos gostam de admirar e, cujas aventuras, sempre, são os maiores attractivos para o publico, sedento de cousas *engraçadas*. Mas eu, particularmente, sou aquella que menos crê na Alice White do Cinema.

Porque, realmente, ella, na vida, faria exactamente o opposto do que faz nos films. E' por isso que acho demasiadamente falso o meu trabalho e talvez por isso, tambem, que elle seja perfeitamente, como dizem ser...

— Mesmo Hollywood, que me devia conhecer perfeitamente, não tem a menor noção do que intimamente eu sou e do que intimamente eu sinto.

— Elles tambem acceitam, como o resto do publico do mundo, a versão da téla, como se ella fosse, realmente, aquillo que ou verdadeiramente sou.

ja verdadeiro e decente amor. A minha vida, para os que pensam assim, são todas ellas marcadas com descripções malucas de uma irrealidade apavorante. Fazem-me bebada. Bailarina impudica. Eterna pequena immoral e frivola, de muitas gargalhadas e pouco senso. E, assim, é isto que elles pensam realmente de mim. Ninguem se preoccupa em me conhecer, como realmente sou e nem indagar porque é que eu faço isto ou aquillo. A minha reputação é o meu ferrete. E esta marca ainda talvez que tenha que carregar, por muito tempo.

— Agora, já que lhes acabei de contar aquillo que eu *não* sou. Ainda que muitos não creiam e alguns achem que é *possivel* Posso falar com mais franqueza, mesmo, do que penso do *amor*.

— O amor, para mim, é uma immensa opportunidade que eu tenho para reafinar o meu caracter. Não que seja eu a unica e que qualquer mulher não sinta o mesmo. Digo, apenas, que algumas não comprehendem isso, dessa maneira. E, por isso, cito este exemplo como meu, particularmente. Sempre que me achei amando um homem e, depois de algum tempo, por este ou aquelle motivo, fui forçada a abandonal-o. Senti que em meu caracter alguma cousa de refinado e mais distincto se operava. Isto tanto é verdade, que, na maioria, eu sempre me deixei attrahir pelos homens que demonstraram força de caracter. Não o typo de homem que, segundo pensam, é aquelle pelo qual eu me enterneceria, não. E, sim, por aquelle que realmente haja vencido meu coração. Sei que, em geral, pensam que eu só encontro felicidade com um menino frequentador de cabarets e bebedor de *cocktails*. Mas... Que mentira! Eu apenas me sinto bem ao lado de um homem que realmente mereça este titulo. E não ao lado de *clows* sem maiores consequencias...

— Naturalmente, alguns perguntarão: Mas o que tem o caracter de Alice White a ver com os caracteres dos rapazes que a namorem? Mas isto é facil de explicar, logo que comprehendam porque é que eu digo que, para mim, o amor é o fim da minha independencia pessoal... Significo, com isto, que, quando amo, perco a minha propria identidade e adquiro, incontinenti, a personalidade do homem ao qual eu dou minha alma e minha vida e com o qual levo vida de coopartícipação mental. E penetro tanto pela vida de homem que amo, que, mesmo, chego a perder minha propria identidade. Não

(Termina no fim do numero).

# para mim

— Elles se limitam a acceitar as versões *Alice White,* Cinematographicas, como as unicas verdadeiras. Nisto, elles muito se assemelham á maioria dos *fans*. Hollywood, de mim, tem, já feita, uma opinião profunda e immutavel. Sei que não crêm, absolutamente, em nada disto que daqui estou affirmando. No emtanto, alguns dos seus habitantes podem, num rasgo de generosidade, acreditar ou pensar, ao menos, em algum destes meus pensamentos. *Alice White*, para Hollywood, significa *melindrosa moderna*, apenas... Elles crêm, que sou, mesmo, a melindrosa futil, sem miolos, que não pensa: age. E age, quasi sempre, irreflectidamente...

— São contados, no mundo todo, os que sabem que, na vida, eu só tive casos de amor com tres homens differentes. Alguem que me tenha em conta de melindrosa futil e desmiolada. Frivola e inconstante. Acabará pensando, na certa, que eu sou uma immoral e indigna e que não tenho o menor senso sobre o que se-

# A TELA EM

*Dennis King, uma das melhores acquisições do Cinema Falado*

## ODEON

*A CAMINHO DE HOLLYWOOD* — (Let's Go Places) — Film da FOX — Producção de 1930.

Um film fraco. Explorando aspectos do Studios, durante a confecção de films falados. Não tem, no emtanto, 40% da vida e do bom gosto de *Paixão de Todos*, por exemplo. E' tolo, sem logica e, ainda, com a direcção mais ensossa que já se viu.

Lola Lene é a primeira artista do film. Está linda, como sempre. Mas, como sempre, tambem, muito morta. Apparecem, ainda, mais tres figuras successo, em *Fox Follies de 1929*. Sharon Lynn, Dixie Lee e Frank Richardson. Joseph Wagstaff, o galã, é um dos peores. Sua voz é soffrivel, alem de tudo. Qualquer pretexto, neste film, é um pretexto para uma canção. E nenhuma dellas, ao menos, consegue agradar. Salva-se aquella quadrilha que já vimos melhor em "Rua Alegre". E algumas piadas com os dous francezes.

Cotação: — 5 pontos.

Como complemento, uma velhissima comedia de Hal Roach-Pathé, *Olha o Urso*, com a *Gang*.

## IMPERIO

VALSA DO AMOR — (Liebeswalzer) — Film da UFA — Producção de 1929.

Um film tirado de operetta. E, apesar de allemão, um bom film. Com bôa musica. Bom Cinema, em geral, nas suas sequencias. E, justificando a sua acção falsa, toda ella puramente de operetta, algumas bôas idéas Cinematographicas.

O film tem bom elemento de agrado. E' divertido. Tem alguma observação. Apresenta aspectos de uma côrte imaginaria, puramente Lubitschniana. E, com certa felicidade, critica habitos norte-americanos.

Willy Fritsch, o galã, está esplendido e é, mesmo, o melhor galã allemão. Lillian Harvey, como heroina, não é o que se pode desejar de mais perfeito. Apesar disso, no emtanto, está esplendida, tambem.

Karl Ludwig Diehl, optimo typo. Julia Serda, um tanto parecida com Louise Dresser, muito bem. Georg Alexander, agrada.

Ha, mesmo, pelo film todo, uma photogenica de ambientes que nem sempre os allemães apresentam.

Wilhelm Thiele, o director, fez um trabalho consciencioso. Applicou uma movimentação intensa de machina e applicou sabiamente as canções.

A *Valsa do Amor* é lindissima. O processo Ufaton, pelo qual é gravado este film, não satisfaz e as vozes ouvem-se muito mal. Apenas em certas occasiões percebe-se claramente o que dizem os artistas.

Podem assistir. E' um bom film allemão.

Cotação: — 7 pontos.

## CAPITOLIO

REI VAGABUNDO — (The Vagabond King) — Film da Paramount — Producção de 1930.

William Farnum já foi François Villon. Betsy Ross Clarke, Catherine de Vaucelles. Fritz Lieber, Louis XI e Walter Law. Thibault d'Aussigny. Depois, John Barrymore, Marcelline Day, Conrad Veidt e Henry Victor, tambem os foram. E, agora, Dennis King, Jeanette Mac Donald, O. P. Heggie e Warner Oland tomam os mesmos papeis.

As versões das tres fabricas, no emtanto, apenas se preoccuparam com uma cousa: o espirito bohemio e romantico de François Villon. Duas dellas, a primeira e a segunda, foram silenciosas. E, principalmente a primeira, com William Farnum. Deixou, nem sabemos porque, uma recordação que demorará muito a se acabar... Quem não se lembra do despertar de Villon, feito por William Farnum? Foi o seu melhor film, mesmo. E até hoje ninguem o esqueceu. O de Barrymore, foi mais feito em tom de farça, do que de drama. Não foi o melhor. E este, agora, que Ludwig Berger vem de dirigir, para a Paramount, tem a caracterização de Dennis King. E é todo musicado. Colorido. E, nos avermelhados e alaranjados do seu technicolor. Veste de um brilhantismo raro a velha historia que sempre é nova. Só porque conta a vida, o amor e as aventuras de um mendigo sonhador e idealista. Que foi rei, sete dias, só dara realizar um ideal...

A historia de Villon, o autor de *Ballade des Dames du Temps Jadis*, de *La Grosse Margot*, poema realista. De *Regrets de la Belle Heaulmière*. Poemas que elle enfeixou nos seus *Petit e Grand Testaments*. O homem que uma vez se livrou da morte, quando Louix XI subiu ao throno, por absolvição geral a todos os criminosos. O homem cujo verdadeiro nome todos ignoram. Não sabendo se elle era François Villon, ou Corbueil, ou Corbier, ou De Montcorbier, ou Des Loges... A historia desse Villon de tanta phantasia e tanto romance. Não conta que elle amou Catherine de Vaucelles. Nem que deixou para sempre ferido o coração de uma Huguette das tavernas inconfessaveis. Nem, tampouco, que Louis XI o deixou ter um passageiro governo de sete dias. Mas conta, e isto com toda a intensidade, a especie de sonhador que elle foi. A vida agitada que teve. Os seus casos de amor. Os seus duélos. E, em summa, todo um rosario de feitos que o fizeram, sem duvida, digno de ser, mesmo, o typo universal que é.

Fez bem o Cinema tomar todas as liberdades possiveis com a vida deste poeta. Para tornal-a uma realidade de sonhos aos olhos dos *fans*. Porque, só assim, tivemos scenas como as de Villon, na taverna, ensinando Louis XI a ser rei, sem o reconhecer. E, outras, como as do seu governo de sete dias...

E, mais bem ainda, o Cinema falado, filmando este enredo. Porque, sem duvida, com a excellente musica de Rudolph Friml, o assumpto tomou outro interesse. Foram excellentes, tambem, as passagens do film de William Farnum, ha annos. E, este, agora, guardando todo o espirito daquelle, com a vantagem de uma Jeanette Mac Donald e de uma serie de melodias finissimas. Mais ainda augmenta de interesse e valor, aos olhos de qualquer publico.

O seu colorido é o mais perfeito que até hoje se viu. E o cunho geral do film é de grande magestozidade.

Não é melhor do que *Alvorada do Amor*, porque, mesmo, é de assumpto totalmente diverso e completamente opposto. Mas, dizemos, não é melhor, porque tem menos Cinema e um pouco mais de theatro. Se bem que seja um film rapidissimo. Bastante movimentado. Excellentemente photographado e esplendidamente representado.

Dennis King, no palco americano, criou e sempre representou este papel. Fal-o, portanto, com a maior segurança e com a maior sympathia. E' uma das taes figuras de theatro que ficam perfeitamente no Cinema. Porque, além de bôa voz e sobriedade de gestos. Tem, ainda, photogenia e qualidades Cinematographicas innumeras.

Jeanette Mac Donald, que já enfeitou de malicia e seducção, rarissimas, o film de Lubitsch. Perfuma e enleva os ambientes todos deste film de Berger. E' uma heroina pela qual qualquer François Villon deste mundo daria seu coração e sua vida... Jeanette, nem sei porque, esperou o Cinema falar para vir até ao publico. Na verdade, ella é admiravel! Representa na fórma a mais Cinematographica imaginavel. Photographa lindissimamente. Tem, nos seus cabellos de ouro e no seu rosto lindissimo, uma malicia ingenua e um *que* que transtorna e enleva. Sua voz, alem disso tudo, é a mais doce e melodiosa que já o Cinema falado nos deu ouvir. Se Dennis é 50% do film, Jeanette é a outra metade. Mas queremos crer que as maiores honras do mesmo, no emtanto, caibam a Ludwig Berger. Mais um allemão que viu Hollywood. Comprehendeu Hollywood. Melhorou em Hollywood e fez, em Hollywood as melhores cousas de sua carreira toda.

Apesar de se saber que se trata de uma operetta, folga-se em reconhecer que a musica é, em toda ella, introduzida com muita intelligencia e opportunidade. Prova disso está a valsa que Huguette canta, na taverna, desesperada de saudade e tristeza por François Villon que desapparecera.

E por falar em Huguette, é justo, sem duvida, que se cite, aqui o trabalho de Lillian Roth. Prova ella, fóra do genero divertido em que se apresentou, em *Alvorada*, que é uma excellente artista dramatica. A sua morte, nos braços de Villon, para lhe dar a vida, é um trecho infinitamente lindo e delicadamente dramatico, estupendamente vivido por Lillian e delicadamente dirigido por Berger.

# REVISTA

A scena do ataque aos borgonhezes, chefiados por Villon, é genuinamente obra de direcção e está estupendamente realizada. E' rapida, emocionante, tragica e epica, á um só tempo! A canção marcial, dos vagabundos, que acompanha este trecho do film augmenta o seu interesse e lhe dá uma maior dose de dramaticidade.

E' um film que ninguem deve perder. Satisfará á qualquer um. Todo falado, tem letreiros intercallados e, alem disso, é Cinematographicamente bem explicado e bem feito.

O. P. Heggie, não é o melhor Louis XI Conrad Veidt era melhor. Mas está bem, assim mesmo. Warner Oland, o mesmo de sempre. E' dos taes artistas que fazendo papeis de villões ou galãs, é sempre o mesmo...

Vejam que sahirão satisfeitos. E' um espectaculo que offerece magestozidade, bôa musica, artistas photogenicos e situações dramaticas attrahentes. Vale a pena.

Cotação: — 10 pontos.

卍 Como complemento, exhibiu-se a orchestra do Cinema Paramount, de New York, executando uma selecção de musicas do film, e, diga-se de passagem, excellentemente.

## ELDORADO

RIO RITA — (Rio Rita) — Film da R K O — Producção de1929.

Este foi o film que o Rosario de S. Paulo, durante alguns dias, exhibiu a 10$000 a entrada... E, tambem, é o primeiro trabalho de Bebe Daniels, para o Cinema falado e cantado.

Annunciado como todo falado em hespanhol; é no emtanto, originalmente falado em inglez. No emtanto, com pessimo effeito, vozes de artistas hespanhóes falam em cima do dialogo em inglez e, assim, acontece frequentemente não coincidir o abrir e fechar dos labios. Com as palavras que os artistas dizem.

Nota-se principalmente a differença, quando entram as canções e, então, ouvem-se as proprias vozes dos artistas. Que, todas ellas, são bem differentes das que se ouvem nos dialogos hespanhóes.

E' um máo systema este. E, sem duvida, applicado em *Rio Rita* como experiencia. Porque, geralmente, o yankee costuma fazer experiencias com a America do Sul... Além disso, o movietone não está perfeito e as vozes ouvem-se com extraordinaria rouquidão e dos dialogos em hespanhol não se entende *caracoles*... Seria preferivel que viesse em inglez.

O film, aparte este defeito, já por si gravissimo, é fraco. Levando-se em conta o que já se tem visto, aqui, em materia de films-revistas. Deveria ter vindo logo após seu lançamento nos Estados Unidos, para ter apanhado melhor epoca. Agora, depois dos que temos visto, recentemente, não consegue o menor partido para si.

Bebe Daniels, diga-se, está lindissima. Como nunca a vimos, realmente. E sua voz, de bom timbre, é afinadissima e um encanto de se ouvir. Ella é o unico motivo de ter gente assistindo *Rio Rita*. Porque a historia, falsissima e os dois comicos Bert Wheeler e Robert Woolsey, são justamente motivos para não ter gente assistindo o film...

John Boles, com sua excellente voz e com uma regular representação, é maior interesse para o film.

Se prestarem bem attenção ao film, verão que é mesmo uma revista de Ziegfield, dirigida por Luther Reed...

Os bailados, dirigidos por Pearl Eaton, fraquissimos.

Dorothy Lee é uma figurinha interessante. Georges Ravenant, um villão proprio para films de Rin Tin Tin...

Não cremos, sinceramente, que o film justifique, perante o publico, a sua intensa e espalhafatosa reclame.

Vão ver Bebe Daniels. Ella está linda, como jamais esteve! Canta suavemente e é uma delicia a sua apparição, depois de tanto tempo de ausencia. Apresenta vistozissimas *toilettes* e está uma mexicanazinha daqui!...

Mas o film...

Bem, vamos terminar, antes que nos convidem para ver algum outro parecido...

Cotação: — 6 pontos.

## PARISIENSE

MISS EUROPA — (Prix de Beauté) — Film da Sofar — Producção de 1929.

A. Genina, que, com este film, poderia ter feito uma producção formidavel, pelo seu thema, admiravel, e empregando, como em certos trechos empregou, uma technica de voz acertada e puramente Cinematographica, tambem. Não fez, no emtanto, nada disso. Estragou o film com scenas mal representadas. E perdeu a occasião de ter dado ao Cinema uma obra de real valôr. Por falta de um pouco mais de conhecimento Cinematographico.

O film, todo elle, não é máo. Tem trechos longos, exhaustivos. Tem trechos mal representados. Tem trechos desinteressantes e absurdos. E outros, mesmo como a angustia daquelle marido, quando desperta e não encontra sua esposa, de um ridiculo terrivel.

Mas, sejamos sinceros, tem outros de grande valor. O final do film. Com aquelle apanhado baixo, com Louise Brooks morta, em plano e, ao fundo, o film falado correndo, com a mesma Louise Brooks cantando a musica que censurava o ciume... Canção que ella cantára antes ao seu noivo. Com aquelle apanhado, repetimos, Genina poz o film num plano superior. Fel-o bom, quando era apenas soffrivel. E, se com a mesma orientação tivesse feito o restante delle. Teriamos que dizer delle, apenas isto: optimo! Lindissima e artistica a imagem que registra o choque de Louise ao receber o tiro.

Tem, em certos trechos, o defeito exacto dos films francezes. Má representação e typos sem photogenia. Louise Brooks, com a sua personalidade profundamente interessante é que salva o film todo. Faz milagres para fazer com que os espectadores se mantenham no Cinema, quando Georges Charlia representa...

E, em certos trechos, revela um senso intelligente na applicação da voz. Ella está devidamente dosada e applicada mais ou menos bem. Pena é que o movietone seja soffrivel, apenas e a musica que acompanha o film todo, ás vezes seja mais forte do que o dialogo.

O scenario é razoavel, considerando-se que é um film francez. A photographia é soberba. Os aspectos do film, como sejam, daquella fabrica de films falados, da França. São o eterno ponto em que os americanos vencem, sem discussões maiores: não têm a menor photogenia! Apresentam cousas e aspectos que nunca o americano mostraria. Desagradam logo á primeira vista.

A mocidade de Louise Brooks, abundante, soberba e sua representação, nos trechos cuidados, salvam o resto do elenco que é pesadão e trintão...

A historia é bastante humana e, bem explorada, seria um film colosso.

Jean Bradin, apesar de um tanto ou quanto pesadão, é, ainda, o melhor galã francez. Ao menos é photogenico e representa com muita sobriedade.

Georges Charlia é que estraga o film todo. E' o typo do artista que o publico paga para não ver na téla...

A scena entre elle e Louise, quando ainda noivos e elle a vae buscar no local do concurso de belleza, para a tornar a levar para Paris, é a mais mal dirigida que já vi. Quasi arruina o trabalho de Louise, todinho.

Gaston Jacquet tem a parte comica e não se sáe de todo mal, della.

O film é gravado pelo processo Tobis que não é perfeito.

Assistam. Por Louise Brooks e pela meia duzia de cousas realmente optimas que o film tem. Fechem os olhos aos defeitos graves do film e notem-lhe as qualidades, apenas.

Cotação: — 6 pontos.

卍 A projecção do Pariziense, cremos, está muito alta. Porque os artistas, pela mesma, tornam-se um pouco compridos e, isto, sem duvida, prejudica em parte o film. Os apparelhos sonoros, tambem não são dos que auxiliam o film á uma perfeita exhibição.

SUPREMO ADEUS — (L'homme á l'hispano) — L. Aubert — Producção de 1929.

Um film francez, falho de scenario e direcção. Um desses muitos films que se vêm ahi diariamente, sem que ninguem se lembre de verificar que o Cinema Brasileiro já usa melhor technica, gosto e orientação. No Brasil querem logo que se faça "O Rei dos Reis" e o "Rei Vagabundo". Argumento de um original de Pierre Frondaie. Huguette Duflos é a estrella.

Chakatour e Gildes, destacam-se nos outros papeis mais importantes do film.

Cotação: — 5 pontos.

卍 Passou em "reprise", "Longe do mundo".

EXITO INESPERADO — (The Quitter) — Columbia.

Ben Lyon num papel que não satisfaz. Scenas mal representadas e Ben Lyon é o peor. Dorothy Revier e Fred Kohler, os mesmos.

Cotação: — 4 pontos.

A NOIVA DO DESERTO — (The Desert Bride) — Columbia.

Uma fitinha regular. Betty Compson e Allan Forrest são os principaes. Edward Martindel e Otto Matiesen, agradam.

Cotação: — 5 pontos.

*Bebe está linda em "Rio Rita"*

# A Indomavel

(Conclusão do numero passado)

do que minha vida. Eu jamais amei, Andy! Sei que és o homem que eu quero. E, já é bom que saibas, eu sei que serás meu... Sabes porque?

Elle nada disse. Apenas a olhou. Ainda a acariciava. Porque Bingo, instintivamente inspirava carinhos e meiguices...

— Porque eu sempre vivi ao lado de féras. Homens, que não eram homens. E que mais se pareciam com reptis... Nunca me olharam com respeito. Jamais pensaram, de mim, o que tu pensaste, meu bem, quando me beijaste, ha pouco. Tu... Andy, eu bem...

Não terminou. Chegava Mrs. Mason. A lourinha que ella não tinha em sympathia...

Antes que ella se approximasse, Bingo lhe pediu que a procurasse logo mais, antes de se deitar. Lá na sua cabine. Para se despedir della e de seu tio Ben.

Mrs. Mason chegou. Convidou Andy para um bridge. Mal se dirigiu a Bingo. E, depois que elles sahiram, para o jogo, Bingo foi olhar o mar e fazer preces á lua...

——oOo——

Antes de se recolher, Andy pensou em procurar Bingo. Mas depois, pensando melhor, comprehendeu que não lhe competia tal papel. Procurou sua cabine.

Entrou. Fez luz. Viu, logo, sentada, paciente, esperando-o, Bingo, em pessoa...

— Aqui, Bingo?

— E'... Tio Ben dormia. E voce sabe, Andy, eu não quiz esperar por voce, lá porque voce o podia acordar...

Andy ainda quiz insistir. Mas Bingo já o enlaçava.

— Querido, eu te quero tanto!

Tornou a beijal-o. Com aquelle mesmo fogo que trazia dos tropicos. Beijou-o, mais uma e mais uma e mais uma vez. Até que se voltaram, rapidos.

Ali, á porta da cabine, estava Ben Murchison. Tinha a physionomia perturbada e não parecia disposto a satisfacções.

— Bingo, sáe dahi! E voce, moleque...

Quiz apanhar Andy nas suas mãos de ferro. Mas Bingo reagiu. Não permittiu.

— Eu o amo! Pode prohibir isso?

Ben pensou. Deu-lhe a razão. Afinal, era possivel contrariar o que acabava de se dar?...

Voltou-se para Andy.

— Meu rapaz... Não sei que papel lhe cabe, nisto tudo. Sei apenas que ha de comprehender qual é o meu...

— Mr. Ben, eu comprehendo. O mais correcto, aliás! Digo-lhe, com toda franqueza, que amo Bingo, como se fosse minha propria vida. Apenas um motivo impede de a pedir em casamento, já. Conhecia-a hoje cedo. Já a amo .Porque ella foi sincera e meiga commigo, como nunca pensei que alguem assim houvesse, no mundo. Mas não a quero para minha esposa, porque não tenho dinheiro algum. Volto da America do Sul, porque fracassei, lá, no meu emprehendimento. Agora...

Bingo, sempre impetuosa, interrompeu-o.

— Mas o que tem isso com o nosso amor?

— Tem, Bingo, que elle representa, para voce, apenas um homem differente, que voce encontra na vida. Lembre-se que sáe de um sertão. E que vae para um centro dos mais civilizados, agóra. Se, depois disso, continuar gostanto delle, prometto...

— Que nos deixa em paz?

— E'!

— E... Poderei morar perto delle?

— Se quizeres...

— E poderei vel-o, sempre?

— Todos os dias, e se quizeres!

Andy, ali, fazia um papel mais ou menos ridiculo.

— Bingo, eu te amo! Mas não posso deixar de fazer por voce alguma cousa que seja possivel...

— O que? Tens mais fortuna do que ella?

Aquella fortuna, jogada assim ao seu rosto, revoltou-o. E'ra demais!

— Talvez... um dia! Garanto-lhe que me farei digno da sua posição social. Quão digno do seu amor eu já me acho!

——oOo——

Um anno se passará. A selvagenzinha da America do sul, já se civilizava. Frequentava festas. Trajava com rara elegancia. Fazia-se conhecida nos circulos da melhor sociedade.

E ainda que não esquecesse Andy, que pouco se approximava dellla, sempre receioso de ser tido por caça-dotes, recebia, diariamente, do tio Bem, conselhos e mais conselhos. Entre os quaes, este:

— Casa-te, menina! Casa-te! Mas procura um homem como Howard Presley!

Presley éra amigo de Bem, ha muitos annos e não escondia sua affeição por Bingo. Trouxera-lhe, mesmo, da sua ultima viagem, um bracelete de brilhantes. Que a deixára encantada.

Mas Presley éra muito mais velho do que ella. E, mesmo ella sempre o chamava de "tio", tambem...

Não havia amor!

Para com Andy, havia, da parte della, um pequeno despeito. Elle pouco a procurava. Aquillo que elle fazia por orgulho, ella pensava que fosse por pouco caso. E, assim, não pensava mais muito nelle... Embóra seu coração lhe gritasse, á cada instante, que éra Andy o seu maior amor, o seu unico e verdadeiro amor...

Quando Bingo ficou sufficientemente "social", tio Bem lembrou-se de uma festa. Organisaram-na, as amiguinhas de Bingo. E tambem convidaram Andy.

A principio, elle não quiz acceitar. Mas depois, não resistiu, foi...

Durante a festa, Bingo dançou com todos. Flirtou com alguns. Inclusive com Presley. Andy, apenas a accompanhava com os olhos. Fingia não vel-a. Mas, assim que ella não o estava mais olhando, não tirava os olhos della... Achava-a cada vez melhor! Optima! Linda, como nunca. E, apesar da camada de civilização que recebera, mais selvagem e mais ardente do que nunca. Ainda que debaixo de joias e sêdas e ricos ornamentos...

Para elle, Bingo éra a mesma. De vestido humilde e sandalias. Sem salto. Ou trajada como princeza de film social...

Coube-lhe uma contra-dança.

Enlaçaram-se, aos primeiros accordes. E'ra Wonderfull Something, que elles tocavam...

Mais os instigou aquillo. Instinctivamente, quando terminou a musica, foram para um recanto solitario.

Lá, sala de musica, sentaram-se, bem pertinho, no banco do piano. Instinctivamente Andy cantou, de novo, *refrain* da melodia... Instinctivamente teve nos braços, de novo, o corpo de Bingo...

Beijaram-se, longamente, como se estivessem a matar a sêde da saudade. Immensa e inextinguivel...

Depois, fallaram.

— Bingo! Perdoa-me! Eu te quiz esquecer. Quiz me afastar de ti. Mas, longe, apenas senti ciumes, apenas pensei, apenas torturei meu cerebro! Eu te amo, Bingo, mais do que minha propria vida, mais do que tudo, neste mundo!

Ella, nervosa, deixando, tambem, de lado, aquella sua affectacção de ha pouco, deixou-me arrebatar.

— Meu Andy... E porque não disseste isto antes?

— Temia que te risses de mim...

Agradaram-se. Muito e muito. Com todo carinho. Depois, quando já haviam saciado a sêde de saudade que sentiam. Apenas ella a aconchegou ao coração. E, agradando seu rosto e sentindo seus cabellos de sêda a lhe roçarem pelo rosto, poz-se a falar. Falou muito! Muito e muito! De todo amor que sentia por ella e de quanto a queria bem...

Quando a festa terminou, Andy ficou. Precisava falar com tio Ben e seria aquella noite, mesmo.

Procurou-o, na bibliotheca. Levando em sua companhia a Bingo.

— Mr. Ben, eu me quero casar com Bingo. Mas quero sustental-a com meu salario e, assim, tiro-a daqui e ella nada mais terá a ver com esta casa.

Ben olhou-o. Afinal, reconhecia que não podia mesmo forçar o coração de Bingo. Sabia que ella o amava, profundamente. Resolveu solver aquillo.

— Menino, o seu salario não dá siquer para os sapatos de Bingo! Mas ella tem dinheiro de sobra. Podem sahir. Já, se quizerem. E procurar um padre para se casar. Depois, venham morar aqui e deixe lá que Bingo o auxilie com o que tem...

Aquillo era, tambem, um pouco de prova, para o caracter de Andy. Elle resolveu assim agir, porque queria ver qual a sorte de homem que enfrentava.

Bingo, que não percebia isso e apenas queria Andy. Exclamou, jubilosa.

— Isso mesmo! Tenho dinheiro que me sobra, até e, assim, Andy, viveremos com todo conforto e com toda felicidade!

Procurou alegria nos olhos de Andy. Mas não viu... Elle estava serio. E respondeu lentamente, friamente...

— Mr. Murchison, muito obrigado. Excellente profissão, não ha duvida. Mas não a que me convêm!

— Não acceita?

Perguntou surpreso, tio Ben.

— O senhor bem sabe que eu não acceitaria isso!

— Mas Andy, querido, que differença, afinal, faria para voce ser o dinheiro seu ou meu?

Andy a enlaçou, chegou seu rosto bem perto do della.

— Queridinha! Amo-te mais do que á tudo neste mundo! Com o mesmo ardor com que te amei ha tempos, quando viajamos juntos. Quero que sejas minha esposa. Mas, nestas circumstancias, nunca! Vou-me embora, Bingo, porque sei que teu tio é ireductivel e é cruel. Até amanhã.

Voltou-se. Sahiu.

Ali havia mais alguem que ouvia e que presenciava aquillo. Era Howard Presley...

——oOo——

Dias depois, Bingo, aconselhada por Ben, procurou Andy, de novo. Tentou convencel-o de que estava errado e que se devia casar com ella. Porque, afinal, o dinheiro era ella. Viajariam. Iriam para bem longe e ninguem, mesmo, precisava saber se era delle ou della o dinheiro...

— Mas, Bingo, depois de um anno estarás arrependida!

— Não estarei, Andy. Eu quero mais bem á voce do que á tudo, neste mundo...

Mas Andy tinha descencia escosseza. Nem vergava e nem cedia.

Novamente falhavam os planos de Bingo e, novamente voltava ella aos conselhos de Ben Murchison...

Este, que a queria ver finalmente socegada, disse-lhe que annunciasse, ás suas amigas, que estava noiva, já, de Andy Mc. Allister. Afinal, era simples. Elle saberia disso. Não poderia fugir, porque seria desairoso para elle, e, assim, quizesse ou não, teria que ser o marido de Bingo.

A principio, ella não acceitou esse plano. Presley, que a amava, sempre, apesar de tudo, ainda era a favor de Andy. Tambem achava que aquillo não era correcto. Mas Bingo, afinal, nervosa e cançada de tentar vencer a resistencia de Andy, annunciou, mesmo, ás suas amigas e collegas, que se achava noiva de Andy Mc Allister.

E elle, quando entrou naquella noite no club. A primeira cousa que recebeu, foi uma chusma de abraços e felicitações...

— Pelo noivado...

——oOo——

Apesar de tudo, Andy não acreditava em nada naquillo e nem que fosse um plano de Bingo aquelles boatos de noivado que circulavam, com tamanha insistencia.

Por sua vez, Ben Murchison, já levando aquillo a serio, resolveu novo plano, com Bingo.

— Querida, vaes dar uma festa. Durante a mesma, beijas Andy, bem na bocca. E, num lance, gritas que estão noivos. Elle não poderá recuar e nem, tampouco, dizer que não, diante de toda aquella gente. E, assim, estará tudo prompto...

— Mas, tio Ben, acha que Andy se sujeitará?

— Então ser teu marido, Bingo, é sujeitar-se á alguma cousa?...

Bingo retirou-se, ainda pensando naquelle plano. E logo que ella sahiu, entrou Andy. Que tio Ben mandára chamar, tambem...

Cuidadosamente elle fechou a porta e pediu-lhe que sentasse. Não queria que Bingo soubesse daquillo que ia fazer. E ia, ao mesmo tempo, dar sua ultima cartada.

— Meu rapaz, ha um mez, mais ou menos, teve a opportunidade de se casar com Bingo e...

— Não acceitei, porque era desairosa, para mim!

— Isso mesmo! Hoje, porém, durante a festa, ella te vae beijar e, depois do beijo, annunciará que és seu noivo.

— Mentira!

— Ora... Espere lá e vae ver se é mentira...

— Não creio que Bingo faça isso!

— Pois vae fazer! E eu, por minha vez, comprehendo o escrupulo que sente, nisso tudo, tenho uma proposta a te fazer!

— E qual é ella?

— Esta. Sei que não tem dinheiro e que é este o unico motivo que impede de acceitar a mão que Bingo já lhe deu ha tanto, não é?

— E'!

— E, assim, aqui está um cheque de 500 mil dollares. E' seu. Ninguem saberá disso e, para começar, já é alguma cousa que o poderá fazer satisfeito e poderá esquecer a sua falta de posição, nisto tudo.

— Mas...

O odio sufocava-lhe a garganta. Ergueu-se.

— Seu... Bem, senhor, eu me retiro! Esse plano é muito seu e nada tem de Bingo! Não queira intrigar-me com ella! Nem creio no beijo e nem na sua offerta! Está agindo canalhamente commigo e pensa que me converte aos seus milhões. M. Ben Murchison, passe muito bem!

Sahiu.

E quando sahiu, deixou, no espirito perturbado de Ben, a primeira certeza que elle tinha de que, de facto, não tinha razão alguma e tacto algum, na resolução desse caso que se lhe afigurava tão simples...

E elle não acreditava, principalmente, na phrase que Andy lhe disséra, á porta, depois de ter voltado e apanhado o choque.

— Mr. Ben, eu levo o cheque commigo. Se sua sobrinha annunciar o noivado, direi que é mentira! E mostrarei o cheque que foi o preço da minha compra...

Faria elle isso?...

——oOo——

No meio da festa, quasi embriagado, Andy reparava em Bingo e apenas voltava as suas attenções para Marjorie, sua antiga namorada.

Tudo decorreu em calma. Até ao momento em que uma rodinha se fez em volta de Andy.

— Mas Andy, o que está ahi a illudir Marjorie?

— E porque?

Perguntou elle, pesadamente.

— E' logico! Pois não estás noivo de Bingo?

Bingo se approximava, ouviu a ultima pergunta. Approximou-se, sem ser vista.

— Historias! Ella bem que o quiz. Mas eu não quiz e nem quero. Apenas o tio della...

— Andy, estás fóra de ti! Não digas isso! Era Bingo.

— E o tio della, quiz comprar a minha pessoa por 500 mil dollares...

— Andy, estás mentindo!

— Não! Está aqui o cheque, menina! E, depois, vá escutando! Eu nada mais tenho comsigo, ouvio? Já tenho de si o sufficiente e, agora, só quero os beijos de minha Marjorie, não é, queridinha?

Todos ouviram aquillo. O escandalo estava armado. Bingo, a principio, petrificou-se. Aquillo era demais! O cheque, nas mãos de Andy, dizia-lhe, claramente, dos planos de seu tio. Comprehendia aquillo, sentia que ia perder Andy e, ainda, suas palavras soavam com tamanha brutalidade aos seus ouvidos...

Approximou-se. Com o seu instincto de selvagem. De mulher que quer um homem e o ha de ter. Custe o que custar e morra quem morrer...

Não se importou com sociedade. Nem com apparencias. Nem com nada.

Avançou até á elle. Segurou-o, pela golla do casaco que já vestia.

— Andy! Estás fóra de ti! Se tio Ben fez isso, eu peço desculpas por elle! Mas Andy, não me deixes! Eu te amo! Sabes? Eu te amo, meu amor, mais do que minha propria vida, mais do que tudo! Não me deixes, repito, que sentirei a morte dentro de mim, para sempre! Sei que não amas essa mulher! Andy!

Elle continuava sahindo. Todos tinha as respirações opressas, nunca haviam visto uma scena assim.

— Não! Eu sahirei, sim! Esta vae ser minha mulher e vae viver com meu ordenado. Quanto á voce... Sáe de minha frente.

Num arranco, livrou-se della. Bingo correu, passou pela sala. E, diante da porta, esperou que ambos chegassem.

— Andy, vaes sahir?

Elle parou. Marjorie a olhou e disse.

— Vamos, menina, sáe da frente! Elle é meu, já o disse!

Ninguem podia acreditar naquillo. Bingo, cada vez mais humilhada, chegou-se novamente á elle.

— Andy, meu querido, pensa bem! Vê que estás allucinado e que não és assim! Pensa, peço-te!

Nada o detinha. Mas quando elle avançou e poz a mão no trinco, ouviu-se apenas um estalido secco e Andy que tombava.

Defronte á elle, empunhando um Colt, Bingo o olhava, cahido, emocionada e completamente transtornada. Depois, num grito, atirou-se sobre elle. Tomou-o nos seus braços. Chorava, convulsivamente e tinha uma magôa brutal na sua physionomia abatida.

— Andy! Vês? Isto é que fizeste, meu amor! Eu te quero! Muito, muito e muito! Porque é que me abandonas, Andy, justamente quando meu coração mais precisa de ti? Viste? Foi preciso! Meu Andy, eu te queria morto, mas não te queria ingrato! Não vês que te amo? Não me amas um pouco, ao menos?

Elle sorriu. Todos o cercavam. E tambem tio Ben, que já presentira qualquer cousa e ali contemplava o fruto final de toda a sua politica errada.

Andy foi carregado para os aposentos de hospedes. E, lá, até que o medico chegasse, para lhe pensar a ferida, bem em cima do hombro, Bingo o ficou olhando, alisando sua testa e beijando sua mão. Com uma dedicação maluca e com um carinho que nunca elle pensára encontrar em seu coração tão criança...

Depois, elle falou.

— Bingo, perdoa-me! Eu te amo! Fiz isso, porque pensei que me irias despresar, quando soubesses que havia acceitado aquelle cheque. Mas Bingo...

Não terminou a phrase. Teve os labios fechados pelo maior dos beijos e pela caricia mais carinhosa de Bingo, a selvagenzinha de coração de fogo e mel...

# Minha Vida

(Continuação do numero passado)

e... aprendia. A luz, as *cameras*. Todas as menores peças. Roupas. Tudo me ensinavam. Não escapava uma só cousa que me não ensinassem. E eu, assim, ia augmentando meu vocabulario.

— Durante a confecção do primeiro film em que figurei, Jaime foi meu interprete. Elle não cansava nos seus esforços por me contentar. Isto é verdade. Ainda era uma criançinha que precisava de carinhos. Elle comprehendia e me acariciava, como eterna criança que me considerava...

— Ao cabo de seis mezes de permanencia em Hollywood. Já fazia as minhas primeiras grandes amizades. E, durante os quatro annos que se seguiram. Eu me fui tornando outra creatura. Inteiramente nova. Que, mesmo, palavra, chego a considerar outra Dolores. Completamente outra. Cheia de aspirações e cheia de esperanças, na vida...

— Emquanto figurava nas minhas primeiras scenas. Ao lado de Dorothy Mackaill e Jack Mulhall, em *As Melindrosas*. Eu tinha a impressão de que iria enlouquecer. E tinha vontade de me matar. Tinha a impressão de que todos olhavam para mim. E de que todos se riam de mim. Eu tinha o meu orgulho e não admittia siquer a idéa de que o menosprezassem. Já sabia do ciume que uma recemchegada sempre opera, num "set". Eu apenas figurava em um pequenino papel. Mas tinha, já, um profundo horror ao ridiculo. Mas todos, ao contrario, não fazia nada disso commigo. Sahiam dos seus caminhos, mesmo, só para me aconselhar e me guiar, na vida. Foi por isso que consegui vencer esse primeiro transe da minha existencia.

— Os primeiros films foram máos. Edwin Carewe ainda estava com a First National. E fazia só films mediocres. Não sei porque. Mas fazia. Eram máos films. Eu sabia que eram máos. Mas não desanimava. Continuava firme no meu proposito de vencer.

— Quando digo primeiros films, não me refiro ao *As Melindrosas*. Este foi bom para mim. Porque os criticos logo salientaram a minha apparição, notando-me. Edwin Carewe, por causa desses mesmos commentarios, offereceu-me um contracto de tres annos. Acceitei-o. Depois da assignatura do mesmo é que começei verdadeiramente a ser outra artista.

— A assignatura desse contracto, para mim, não era uma necessidade. Era uma premencia. Não financeira. A qual, felizmente, nunca soffri. Mas intellectual e intima. Que eu sentia ser a minha tabôa de salvação. Para tantos momentos infelizes e insatisfeitos que eu já havia passado. Lembro-me, ainda hoje, do meu pensamento principal, nesses primeiros dias de Cinema. Eu achava que todos iam ao Cinema. Velhos. Moços. Tarabalhadores. Intellectuaes. Iam, assim, procuram descanço cerebral para suas funcções diarias, exhaustivas. Elles é que me podiam fazer esquecer. Porque, trabalhando, para os divertir. Eu me divertia. E, assim, fazendo-os esquecer aborrecimentos diarios. Eu tambem me esquecia dos meus, que, aliás, não eram pequenos. Esqueci tudo. Comecei a me levantar ás 6 da manhã. Para só largar o trabalho ás 9 da noite. Sem um descanço. Sem um arrefecimento de enthusiasmo. Sempre a mesma. Sempre!

— Esse contracto, para mim, foi a salvação da minha alma. Redimi-a e fil-a interessada na vida, novamente. Muitas vezes eu até pensára em me suicidar. Mas contive-me, sempre, pelo grande desejo que tinha de experimentar mais uma sensação... Meu contracto de Cinema, para mim, passou a ser a cousa mais importante da minha existencia. Soffri. Nos primeiros tempos, principalmente. Porque soffria os máos films. Os meus máos papeis. As criticas causticantes. Tudo! Quiéta e cala-

(Termina no proximo numero).

# Amor de Zingaro

( F I M )

Beijaram-se de novo. E Yegor partiu. Ainda, por longos segundos, Vera ficou ouvindo o éco da canção de amor de Yegor, que, com elle, ia-se embora, confortando seu coração doido de tanto amar...

Quando chegou á caverna aonde se reunia sua tribu. Viu semblantes serios. Caras tragicas e duras! Continuava a cantar. Attribuia á tudo uma qualquer cousa que não o interessava. Apenas a sua Vera vivia em sua alma. Apenas seus beijos eram os que lhe importavam.

Mas era demais o que aquella gente tinha no rosto! Porque tanta cara amarrada?

Depois ouviu soluços. Conheceu-os. Num salto, attingiu o local aonde sua mãe se achava, dobrada sobre os joelhos. Chorando sobre um corpo que tinha o rosto coberto.

Um frio percorreu-lhe toda a espinha. Olhou seus companheiros. Todos tinham a mesma expressão de profunda magoa. A physionomia de Yegor, aos poucos, fez-se séria. Fez-se tragica, depois.

Avançou até ao cadaver. Descobriu-lhe o rosto.

— Minha irmã!!!

Atirou-se á ella. Agarrou-a. Beijou-a com phrenesi. Depois, como se tudo esfriasse, em seu coração. Olhos em braza. Selvageria na alma. Ergueu-se brutalmente.

— Minha mãe... Quem foi?

A velha ergueu-se. Seu pranto cessou. Olhou seu filho e disse, secca e rude.

— Foi um principe!

— Um principe?

— Sim! Desgraçou-a, antes. Depois, temendo o escandalo, matou-a. Como se matasse um animal, numa caçada... Minha pobre Nadja...

Voltou ao lado da filha. Poz-se a chorar, novamente.

Yegor permanecia na mesma attitude. Seus labios rebalbuciavam a confissão de sua mãe. Depois, voltou daquelle golpe estupido. Fez-se profundamente sério.

— E quem foi elle?

— Meu filho. Apenas sei que é irmão da princeza Vera, essa que se acha naquelle palacio de Riga.

Yegor recuou alguns passos. Como se aquillo fosse mais pesado, para elle, do que um murro violento.

— O irmão de Vera?...

Levou a mão aos labios, sustendo aquelle nome que era a adoração de sua vida.

Depois, nas veias, sentiu o ultimo grito do seu sangue selvagem.

Num salto alcançava o animal que nem fôra descançado, ainda. Saltou sobre elle. Desappareceu.

A porta da estalagem abriu-se num impeto. Em outro, Yegor agarrava Sergio pela gola da farda e atirava-o para dentro de um quarto vazio que ali havia. Depois, com a porta fechada, os que ficaram de fóra, apenas ouviram violentos golpes de espada. E, depois, um gemido surdo, mais um ronco, mesmo; do que um gemido.

Depois, o silencio.

Abriu-se finalmente a porta. Tudo immerso em escuridão. Apenas um raio de luz a ferir em cheio o corpo inanimado de Sergio, ao lado de uma mesa.

Vera soluçava. A noticia da morte de seu irmão. Assassinado!!! Como lhe haviam contado, por um chefe de zingaros. Ferira-a profundamente. Não conseguia dormir. E mal percebeu o vulto de Yegor. Que, levemente, penetrava sua alcova.

Num susto, accendeu as luzes.

— Yegor!

Ergueu-se. Tremula, sem saber de nada, foi até á elle.

—Yegor! Encontra-me numa agonia, meu querido Yegor! Mataram meu irmão! Um zingaro vulgar. Um ordinario chefe de tribu...

Não reparava em Yegor. No seu aspecto de tragedia e de vingança.

Mas reparou, forçosamente, quando ouviu sua voz pesada e largada aos solavancos.

— Vera. Quem matou seu irmão, fui eu!!!

Ella recuou alguns passos. Depois levou as mãos ao rosto. Como a querer agarrar a alma que lhe ameaça fugir pela bocca, num grito.

Depois recompoz a physionomia. Fez-se altiva. Soberana!

— Foi você?

Elle a encarou. Empallideu-a, com o tom soturno de sua resposta e com o caracteristico de tragedia de seus traços de homem homem.

— Fui! E matei-o, Vera, porque elle atirou minha irmã á lama das sargetas. E nem teve estatura moral para lhe atirar, siquer, um olhar de misericordia. Ella o procurou. Elle não a ouviu. Ella o ameaçou! Elle a matou. O canalha!!!

E avançou para Vera. Antes de seu grito partir. Já a mão pesada daquelle homem a agarrava, com violencia.

— Amo-a! Continuo amando-a! Mas não me diga, peço, que approva o que seu irmão fez e condemna minha vingança justa!!!

Largou-a.

Vera o olhou. Estava mortalmente pallida. Violentamente agitada de odio. A phrase que veio, foi a mais brutal possivel.

— Canalha... Matar meu irmão... *Só* porque elle desprezou uma vulgar rameira... Yegor saltou sobre ella. Como se fosse um tigre feroz.

— Rameira?... Não! Não repetirá esta palavra, minha gazella de ouro e mel!!! Porque, agora' é você mesma que vae ser a vulgar rameira de um vulgar cigano, tambem!!!

Agarrou-a, amarrou-a, prendeu-a. Em segundos. Depois, em saltos e golpes de audacia. Attingiu os costados de seu animal que, em galope desenfreado, ganhou a direcção das montanhas e da tribu de Yegor.

O que foi a vida de Vera, no accampamento de Yegor. E' facil imaginar! Soffreu o despreso de todos. A amargura maior que já possa ter soffrido uma mulher. Amante de Yegor, reconhecia, nelle, apesar do seu odio surdo. O homem que realmente amava. Mas, separando-os, estava uma onda de sangue irmão. Que os impedia de sinceridade, naquelle amor. Mezes depois, vagueando a tribu, como sempre. Vera já tinha quasi, de novo, vencido o coração de Yegor. Mostrava-se meiga. Bôa. Rastejante, mesmo. E, sem que elle o sentisse. Encaminhava-o e ao seu bando, para o local aonde sabia estarem acampados seu tio e seus soldados.

Assim, um dia, quando menos Yegor esperava, era cercado, com seu bando. E via Vera, sorridente, apontar á elle, para os soldados de seu tio e vel-o preso, depois, com o melhor dos sorrisos de vingança...

Yegor foi preso.

Yegor foi chibateado.

Yegor foi torturado.

Vera assistiu á tudo aquillo. A principio, insensivel. Depois, tomando sobre o coração as lambadas que o carrasco atirava ás costas do homem que ella amava. E, finalmente, não resistindo mais. Com remorsos, mesmo, da sua attitude cruel e deshumana.

Não conseguiu dormir. E não conseguiu socegar, pelo dia seguinte, todo. Sabia que, pela manhã; Yegor seria enforcado. E, durante a noite seguinte, foi ao seu encontro. Penetrou sua cella.

Ajoelhou-se aos seus pés. Amarrado, de pulsos e pernas. Yegor reconheceu-a com um triste sorriso de amargor.

— Yegor! E' demais! Não posso continuar representando aquillo que não sinto! Amo-o, mais do que nunca! Quero-o, mais do que até hoje o quiz! Yegor, meu Yegor, perdoa-me a brutalidade que lhe fiz!!! Perdôa!!!

Abaixou-se. Com os labios, ternamente, beijou as mãos pisadas e roxas daquelle homem que adorava. E só socegou, quando sentiu, sobre seus cabellos' brandamente, o halito e a phrase meiga do homem que queria mais do que a propria vida.

— Minha Vera. Eu sabia que ainda soffreria por você.. Vera ergueu-se. Chamou guardas. Fel-os soltar Yegor. Vendo-o livre. Olhou-o.

— Você me leva comsigo?

Yegor olhou-a.

— Para ser minha esposa?

— Sim!

— Mas você é nobre e eu...

— Você é principe, meu Yegor!

Abraçaram-se. Beijaram-se.

Minutos depois, sem ninguem ali saber, um mesmo animal conduzia, para muito longe, abraçados e num immenso beijo. Yegor e Vera. Desunidos em situação social. Unidos num immenso e grande amor.

# Uma festa na casa de Harry Langdon

( F I M )

Este, finalmente, perguntou-lhe pelos bonecos. Eu, que nada disso sabia, pensei que fosse mais alguma piada genero Rosetta Duncan. Mas não era, não. Os bonecos de facto existiam e Harry, de facto, é ventriloquo. Mas elle não os quiz buscar, já ali. Pediu que esperassem o momento propicio para a exhibição dos mesmos.

Depois, continuou a festa.

Falas. Risos. Commentarios. Ironias pobres. Vestimentas ricas. E, forçosamente, já que o chá era em casa de um comico. Graça de todo o lado. Nem que fosse sem graça alguma...

Depois, serviu-se a "ceia". Geralmente a palavra "chá", em inglez, quando não significa "pifão" tambem pode se traduzir por "ceia"...

As bebidas, realmente, não andavam a bessa, por ali. A prohibição é um facto! Tanto que os cavalheiros, para se embebedarem, precisavam dar mergulhos para baixo da mesa ou para traz de reposteiros...

Não sei porque, ali, ceiando, lembrei-me de minha terra. Bahia... Aonde Christo nasceu... E, depois, tambem me lembrei mesmo do Morro da Favella, Pinto. As dansas no "Kananga do Japão". Ah, Brasil... Que "sôdade ôce" põe em meu coração...

Agora... Sou social. Não posso pensar em Pinto ou Favellas. Porque estou em Hollywood. E, ao lado de estrellas de Cinema. Gente bôa... E' até peccado e pouco "refiné" falar em "paraty" ou "Kananga do Japão"...

Bem...

Não ha remedio. Voltemos ao programma que nos offerecia Mr. Harry Langdon.

O violinista tocou algumas musicas. Jack Crown o accompanhou, ao piano. Depois, as Irmãs Duncan, o que eu já esperava, surraram a paciencia de todos nós, pacientemente ali reunidos, sorridentes e gargalhantes... Depois, um senhor tocou melodias numa harpa. E, finalmente, Harry Langdon bancou o Von Stroheim-Gabbo e tivemos a mais "peroba" de todas as secções de ventrilocquia que já ouvi em minha vida toda...

Safa!

E, para terminar, houve um concurso de belleza. Sabem quem ganhou?

Myrtle Steadman...

Agora é que comprehendo porque é que dizem que os americanos são malcreados e rudes...

Estou acabando de escrever a historia da carta que recebi e que proporcionou esta "piada" que foi o chá em casa de Harry Langdon. Aqui, bem em cima de minha cabeça, estão quadros. Dentro delles, Lelita Rosa, Didi Viana, Tamar Moema... Olho-as.

Como é differente o Cinema no Brasil!...

Garanto e tenho quasi a certeza de que, ahi, um chá com Lelita Rosa deve ser, por força, mil vezes melhor e sem irmãs Duncan, do que um chá com Harry Langdon...

# O Divorcio, para Douglas e Mary?...

( F I M )

Ha dez annos, quando se casaram, Douglas e Mary eram o casal mais feliz de Hollywood e, no apogeo, então, Hollywood os sagrou para sempre. Foi um caso raro, este. Porque o publico não se resentiu do divorcio de Mary Pickford e Owen Moore e nem do de Douglas e sua esposa. Acharam que ambos eram feitos, um para o outro. E, assim, quando ambos se casaram, não houve um só "fan" que desgostasse este passo. Nunca houve uma nuvem que fosse a toldar o horizonte calmo da felicidade domestica de ambos.

Dez annos se passaram. E agora, finalmente, já soffrem uma pequena desillusão e deixam transparecer, ao mundo, algumas infelicidades que ninguem poderia suppor existir em Pickfair.

Mary e Douglas, no emtanto, continuam no coração dos "fans". Não são poucos os que choraram e riram, com ambos. E com vieram romances e emoções. Não poderão ser esquecidos. Porque são parte integrante dos alicerces firmissimos do Cinema americano. Mas, se se desligarem... Então tudo virá por agua abaixo, mesmo. Porque o publico tem perdoado divorcios e mais divorcios. Tem, sim. Mas este, temos a plena convicção de que elle não tolerará. Porque será o mesmo que lhes roubar uma das mais bonitas illusões. Um casal feliz em Hollywood, ao menos!

## A Dansa da Morte

( FIM )

te de encontro ao microphone — lhe impediu mais esse recurso de acção. Emquanto isso JOE que desconfiara de HOGAN chegava á conclusões muito contraditorias a respeito da sua verdadeira identidade. E para submettel-o, sem que elle soubesse, a uma ultima prova, convidou-o a ir ao baile dessa noite no "cabaret". Ahi seria mostrado a BENSON, amigo intimo do verdadeiro TURNER, de cuja palavra ficava dependendo o destino do ouzado policial. Antes de partir para o "cabaret", entretanto, HOGAN deixou cahir pela janella um bilhetinh — aviso para o companheiro alli destacado ter sempre noticias frescas... Mas o bilhetinho levado pelo vento foi tombar no riacho que alli corre...

* * *

Logo que chegou ao "cabaret" HOGAN foi reconhecido!... E envolto por uma duzia de bandidos, dominado facilmente transportaram-no para uma sala contigua, afim de lhe punirem a audacia. E JOE já ia matal-o quando NORA appareceu!... Fingindo-se indignada com HOGAN por ter elle a ludibriado tambem, ella pediu a JOE deixasse-a eliminal-o: JOE concordou passando-lhe o revolver, sem comprehender que ella estava dando tempo a que a policia, chamada por Kitty, chegasse. Mas os minutos corriam e, vendo a situação difficil em se collocara, resolutamente elle voltou a arma para os bandidos, ameaçando-os!... Elles reagiram e na luta que se travou, em plena escuridão porque um dos bandidos cortou o circuito da luz — fôram vencidos pois a policia appareceu promptamente prendendo-os, agarrando BENSON no occasião em que elle acabava de matar JOE!... NORA, logo no primeiro momento, quiz pronunciar uma palavra, a sua primeira palavra de agradecimento a HOGAN. Mas seus labios, sem que ella soubesse porque procuravam os delle para um beijo — o beijo que era o primeiro laço daquelle amor que começava a florir junto com a justiça que devolvia á liberdade um innocente!

# ASSIM E' A VIDA

(Continuação)

Descobriu-se. Ella o olhou. Achou-o com barba crescida. Feição abatida. Cara de fome...

— O que quer?

— E' que talvez eu...

Mostrou-se acanhado.

— Diga!

— Eu... Chamo-me José Rolan e...

— O que quer? Vamos, fale!

— Entendo de automoveis...

— Ah! Quer dizer que me poderá concertar o carro?...

Elle acenou que **sim,** com a cabeça. E, num iintante, afastado o chauffeur, José Rolan mergulhava pelo motor a dentro e, num instante punha o carro em movimento. Depois, a titulo de o experimentar, conduzia-o, com rara pericia, pela estrada a fóra, caminho da residencia dos Franklin, aquelles mesmos que tinham a excentricidade de recolher mendigos e vagabundos, para fazel-os **gentlemen,** e, tambem, tental-os com o collar de 250 mil dollares...

* * *

Em casa, trava-se a discussão. Blanca e Jorge, diziam que não. Mamãe Franklin e Papae Franklin, que sim.

— Se o visses manejar com o carro... — Mas Mamãe outro já era conhecido e este... A senhora escute o que lhe digo! Ainda se arrependerá de ter essa mania de recolher qualquer vagabundo que por aqui appareça...

Continuou a discussão. Emquanto isso, Luisita, a menor dos irmãos, olhava, interessada, por uma janella que dava para o pateo. E' que via, admirada, fardado e barbeado, José Rolan que sahia da garage. Elegante. Distincto e bem apresentado. Num instante, ergueu-se. Ainda indecisa, minutos antes, atirouse logo em defesa de sua Mãe.

— Mamãe tem razão!

— Senhorita... Não tem, se me permitte um apparte...

Era Manoel, o mordomo.

— E porque não, Manoel?

— Porque...

— Porque é mais bonito do que você?

Todos se riram. Chegou José á porta e todos o viram. Depois que elle se retirou, recebendo as ordens do dia, ninguem mais se riu.

Blanca passou a achal-o: razoavel.

Jorge: passavel.

Luisita: melhor do que o outro...

* * *

Começou, depois disso, a vida de Rolan ao lado dos Franklin. Começou ali a serie de suas peripecias as mais ousadas e as mais hilariantes, tambem.

(Termina no proximo numero)

# ANNA CHRISTIE

(Continuação)

A sua enorme vontade de gosar um pouquinho de felicidade. Depois continuou.

— Pae, porque é que não me foi visitar, mais vezes e não me tirou de lá, para viver comsigo?

O velho apenas teve o tempo de enxugar as lagrimas. Depois afastou-a de si. Notou-lhe o aspecto todo. Disse, num arroubo que não lhe era peculiar.

— Minha filha. Culpa ao mar! Se soubesses a serpente venenosa e trahiçoeira que é... Mas agóra...

— Já sei, meu pae. Está de novo ao mar! Se eu soubesse, não teria vindo!

Foi ahi que se resolveu a situação toda.

— Mas, minha querida... Se queres, poderás vir commigo. Ha muito logar no barco.

— Meu pae! Um cargueiro...

— Mas, minha filha... Garanto que terás conforto! E, ainda, sentirás tambem, tu mesma, o grito magico do oceano immenso...

Anna Christitie deixou seu pensamento se balouçar pelas ondas das suas divagações. Afinal, de que lhe custava acceder ao desejo do pae? Teria, ao mesmo, ao seu lado, um ente que podia amar e querer bem, porque era, emfim, seu proprio sangue...

— Pae. Gostaria de beber...

Era a sua vontade de sempre. E um esquecimento que não a fazia comprehender que não se devia trahir assim, diante de seu pae.

— Vamos, minha menina! Aqui não é logar para pequenas como tu beberem. Vem commigo. Aqui só terás ginger-ale, menina. Não penses que neste bar toma-se sorvete...

Sahiram.

* * *

Mar, de facto em poucos dias já operára uma salutar reforma em Anna Christie. Ella já se sentia mais animada. Mais encorajada para a luta. E, horas e horas, ao tombadilho, ficava contemplando as ondas. A lua. O céo. A neblina... Particularmente a neblina. Era sua attracção. Todo o seu maior encanto. Depois de ficar longamente olhando a neblina. Escondida de seu pae, bebia. Era o seu profundo desgosto pela vida. Sua profunda magôa. A neblina que via. Era a mesma que sentia a lhe tolher a existencia toda...

Seu pae não lhe gabava o gosto.

— Neblina... Minha filha, é terrivel! O maior mal do mar!

E, depois, num arremate, aconselhava Anna.

— Filha. E' esta neblina que deixa sem maridos e sem noivos A tantas mulheres que os espe-

(Termina no proximo numero)

# Dó, ré, mi, fá, sol

( FIM )

musical, extrahido de diversas notas.

— Walter Donaldson e Gus Kam, compositores da partitura musical de **Whoopee**, que a United fez, com Eddie Cantor, offerecem, para esta mesma revista, as seguintes melodias: **Makin' Whoopee Come West, Little Girl, Stetson** e **The Song of the Setting Son.** Contra estes é que escrevemos o commentario acima...

— Uma das ultimas acquisições do Cinema falado, foi o barytono Everett Marshall que, ao lado de Bébé Daniels, figura em **Dixiana**, da R. K. O. E' mais sympathico do que Lawrence Tibbett, sim...

— Aqui estão conselhos de Eddie Quillan, sobre a melhor maneira de compor uma canção-thema. Diz elle que, são: 1º — Evitar, o mais possivel, a originalidade. 2º — Não leia o seu papel antes de ouvir a canção-thema. Porque isto pode-lhe trazer transtornos... 3º —E' necessario muita familiaridade com as composições alheias. 4º — Se as palavras escassearem, no final dos versos, ao compositor noviço, é só accrescentar um **key-hey** ou um **vo-do-dee-doo** ou um **boop-boopa-doop** e estará tudo arranjado... 5º — Os versos, excepto, é logico, os da linha superior, devem terminar, fatalmente, em **June, mammy, boy** ou **love.** 6º — Todo compositor, ainda que inexperiente, deve-se lembrar, antes de mais nada, ao compor um **blue.** Que, agora, estas melodias podem ser compostas com muito mais propriedade e certeza de exito. Porque o processo **technicolor** facilita tudo... 7º — Os **blaes** devem ter versos alusivos aos individuos coloridos do sul do Paiz. Preferivelmente Kentuchy... 8º — Fazendo assim acertarão... — Não ha duvida que Eddie, em parte, tem razão...



— Ruth Florence, do **Hollywood Filmograph**, diz, de Frederico Chopin, o seguinte. — "Em contraste com a alegre e encantadora musica de Felix Mendelssohn, está a musica poetica e triste, melancholica e profundamente sentimental de Frederico Chopin. Como a de Mendelssohn, a vida de Chopin foi breve. No emtanto, das mais accidentadas que se conhecem. Uma vida, toda ella, dedicada ao que de mais elevado existe na arte e na musica. Chopin era um compositor de melodias essencialmente para piano. O seu estylo, em sua belleza, era unico. Suas composições, todas, revelam as emoções fortissimas de sua alma. E eram, indubitalvelmente, os echos das duvidas, amarguras e tristezas dos seus casos de amor. As maiores e mais romanticas de Chopin, foram compostas durante os sentimentaes amores que o uniram a George Sand, a escriptora que, naquella epocha, terçava com a intelligencia rara de Victor Hugo e, além disso, era de toda a França. A influencia de George Sand, na vida de Chopin, é decisiva. Elle proprio disse, muitas vezes, que seus dias mais felizes e mais desgraçados, passára elle em companhia dessa mulher. Depois do abandono em que o deixou George Sand, Chopin transformou, completamente, a qualidade emotiva da sua musica. Ella passou a ser mais intensa, mais apaixonada, mais morbida e quasi sempre, com echos immensos de uma tristeza sem fim...

Frederico Chopin foi o mais exquisito dos pianistas. Traçando sua biographia, James Huneker diz: — Emquanto houver, no mundo, um piano, Chopin não dessaparecerá. Por elle é sua propria alma. E teve razões de sobra para assim dizer.

— W. S. Van Dyke, director de **Deus Branco** e **O Pagão.** E, recentemente, de **Trader Horn**, film que se passa, quasi todo, em Africa. Compoz, recentemente, fazendo, assim, sua estréa como musi-

## SUA CUTIS SE HA EMMURCHECIDO?

Ha mulheres que pensam que sómente aos dezesete annos é que podem exhibir uma cutis perfeita. Estão equivocadas. Muito tempo depois dos quarenta, toda a dama póde ostentar, se o quizer, uma cutis tão formosa como a de uma joven de vinte annos. O que occorre é que á medida que passam os annos a cuticula envelhecida exterior vae cada vez mais se adherindo á pelle; é preciso fazel-a cahir d'ahi. Isto se logra facilmente applicando á cutis, todas as noites, Cera Mercolized. Esta substancia se encontra em toda pharmacia. Não deve ser olvidado que toda mulher possue debaixo da sua envelhecida cutis uma nova e formosa, que está á espera de ser trazida á superficie. E nisto consiste o segredo do "porquê" nunca envelhecem as actrizes e "estrellas" do cinema. Por que não faz tambem a prova?



**Cinearte**

**Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"**

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21 Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

**Representante em Hollywood: L. S. MARINHO**

cista. A symphonia **Africa** que fez, lá, quando filmando e inspirado pelos costumes que observou em seus habitantes: féras ou negros. A symphonia, que agradou immenso, teve sua primeira execução atravez a interpretação da orchestra symphonica regida pelo maestro Raymond Page. Van Dyke, assim, fórma, ao lado de Victor L. Schertzinger, Lionel Barrynore e Edward Sedwick que tambem são musicistas e compositores de merito.

* * *

**Dó Ré Mi Fá Sól,** esta semana, não ouviu discos. Não ouviu, porque as novidades que estão por chegar, sómente para a proxima estarão entre nós. Assim, para a semana, promette **Dó Ré Mi Fá Sól** trazer para as annotações de seus **fans,** numeros e marcas de diversos discos. E' o quanto promettem os discos Victor e Columbia que ouviremos para a proxima semana.

## O que é o amor para mim...

(Continuação)

sinto, mais, absolutamente, a palavra, **eu.** Tudo, para mim, passa a ser **nós**... Meus desejos e meus gostos, passam a ser, incontinenti, cousas secundarias, na minha vida. Assim, perdi minha independencia pessoal!

— As minhas ambições, todas, baseam-se no amor. Sem **elle,** não tenho ambições. Nada significa alguma cousa para mim. Sinto-me absolutamente só. Acho que a maior razão para este caso, é que são rarissimos os que me comprehendem. Tão raros, mesmo; que quando encontro um, entrego-lhe toda minha alma, toda minha vida... Preciso, mesmo, ter, sempre ao meu lado, alguem que me comprehenda e que me ame e que eu ame...

— Logo que eu encontre uma pessoa que ache possivel ser eu uma mulher, como as outras. Mulher que seja levada a serio, respeitada e tida como honesta. Essa pessoa, para mim, passa a ter importante papel na minha existencia. Quando alguem me diz, amorosamente, que eu não sou a **Alice White** do Cinema... Nem imaginem como se sinto feliz com isso!

— O amor é um processo que completa a existencia de uma mulher.

— Uma mulher, sem amar, é, espiritualmente, incompleta.

— A profunda affeição de um homem e o seu amor, são necessarios, á qualquer mulher, para que ella se complete. O amor, para a mulher, pode ser representado por um circulo. A mulher, sem amor, é um semi-circulo, apenas... E' preciso que se complete o circulo, finalmente, para que a mulher possa, afinal, dizer que é realmente feliz.

— O amor é a opportunidade que se offerece á uma mulher, para ella se mostrar decente e distincta.

— Sei que, para a maioria dos meus **fans,** estes topicos, todos, não têm significação alguma. No emtanto, pode ser, bem, que algum delles comprehenda o que estou querendo dizer, com isto tudo..

Muitas das minhas, **fans,** São pequenas que lutam pela vida. Justamente como eu lutei, antes de entrar para o Cinema e, mesmo quando comecei, para alcançar o successo. Não que, agora, o trabalho que tenho, fazendo films, não seja o mesmo, afinal, do que o dellas, dactylographas ou caixeiras. Mas é que, actualmente, o meu trabalho offerece uma muito maior liberdade financeira. Mas um lar, roupas e joias, jamais fazem parte de pensamentos de amor. Eu tenho tudo quanto quero, para usar. Esta protecção financeira que meu trabalho me tem proporcionado, no emtanto, nada significa para as ideas que tenho do amor e do que elle significa para as mulheres.

— A mais vulgar das mulheres, deve procurar, ao par do amor que um homem lhe offereça, a protecção, tambem. E emquanto o amor, para ella, significar o que eu sinto que significa para mim, ha muita opportunidade para que o resto, ainda que seja muita e muita luta, se concerte. O amor, geralmente, traz um sentido de protecção, por si só. A mulher que procura amor, procura protecção.

(Termina no proximo numero)

## O FUTURO ATRAVES DAS CARTAS

**Sempre foi a preoccupação maxima da humanidade conhecer o porvir. As chiromantes lêem nas linhas das mãos a *buenadicha* e as cartomantes procuram no mysterio das cartas saber o que nos reserva o destino.**

***Para todos...*, a elegante revista que todos conhecem e apreciam iniciou uma interessante secção de cartomancia inteiramente gratuita para os seus leitores que "deitarão as cartas" por suas proprias mãos remettendo o resultado obtido para a redacção em um pequeno mappa que a revista publica e recebendo em seguida a resposta á sua consulta com o seu futuro desvendado.**

**Vejam o *Para todos...* e experimentem a sorte**

Offs. Gphs d' O MALHO